



Escola do
Grande Oriente Místico
ArteFolk

O Simbolismo
Hermético

Oswald Wirth





Escola do Grande Oriente Místico

**O SIMBOLISMO HERMÉTICO
E SUA RELAÇÃO COM
A ALQUIMIA E
FRANCO MAÇONARIA**

POR

OSWALD WIRTH



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS:

"LE SYMBOLISME HERMÉTIQUE"

PRÓLOGO

Desde 1894 tínhamos a intenção de publicar uma obra sobre **Alquimia e Franco-Maçonaria**, pois, é nossa opinião que um idêntico programa de iniciação é identificado tanto na série de operações da Grande Obra hermética, como na sucessão de provas à qual são submetidos os franco-maçons. Enquanto prosseguíamos com nossos estudos, apresentou-se a ocasião de comunicarmos os resultados obtidos. Deste modo foram aparecendo, um atrás do outro, os artigos publicados até fins de 1909 na primeira edição deste livro.

Uma primeira tiragem de 500 exemplares foi tão bem recebida que nosso trabalho se esgotou rapidamente. Por que demoramos tanto para imprimir uma nova edição ? Temos estado ocupados em outras tarefas. **O Livro do Aprendiz** exigia ser completado com os manuais do Companheiro e do Mestre. Depois, trabalhamos no **Tarot dos Imaginários da Idade Média** que, editado em 1927, ternos-ia permitido retornar ao **Simbolismo hermético**, mas, então, tivemos que dedicar-nos aos **Mistérios da Arte Real**. Somente em 1930, ao final de vinte anos, foi possível reiniciarmos um trabalho no qual nunca deixamos de pensar.

O começo da obra, feito em 1910, já não nos satisfazia e assim, propusemo-nos a adentrar à matéria com uma precisão mais apurada, abstendo-nos de reescrever o livro em seu conjunto. As correções referem-se aos detalhes. Tratam de esclarecer as passagens de difícil compreensão sem modificar entretanto o sentido original.

Pareceu-nos necessário acrescentar um capítulo novo, chamado **noções elementares de hermetismo**, que reproduz com leves alterações a segunda parte de uma obra publicada em 1897 que só conserva o verdadeiro, e por seu intermédio a realização do bem. A iniciação é una, ainda que cada escola iniciática use símbolos próprios. Apreendamos comparando, transpondo de um simbolismo a outro, e a luz far-se-á em nosso espírito.

OSWALD WIRTH

PARIS, AGOSTO DE 1930.

A IDEOGRAFIA ALQUÍMICA

OS ENSINAMENTOS SILENCIOSOS

A ESCRITA primitiva baseia-se em sinais que evocam **idéias**, como nossas cifras, que são lidas em qualquer idioma conservando sempre o mesmo significado. No Extremo Oriente, a ideografia original desenvolveu-se através da adaptação de uma série de caracteres que são vinculados individual e separadamente a um elemento do pensamento. Isto torna possível que os asiáticos instruídos possam compreender-se através da escrita, apesar de que, falando idiomas diferentes, não possam entender-se através das palavras.

Uma escrita como esta não é prática na vida atual, mas é inegável que possui muitas vantagens, do ponto de vista filosófico, pois obriga a pensar fazendo abstração da palavra. As palavras permitem falar de forma simples, pronunciam-se sem necessidade de que o espírito represente aquilo que expressam os sons proferidos. Tem sido dito que a palavra foi dada ao homem para que pudesse dissimular seus pensamentos. Fixemos de forma adequada o fato de que o homem fala para evitar o pensamento. Falamos muito para não dizer nada.

Estes inconvenientes da palavra não tem sido preteridos pelos pensadores sérios, que sempre procuraram não deixar-se aturdir pelo ruído das palavras. Persuadidos de que a meditação instrui o homem nas coisas que mais lhe interessam, fundaram as Escolas do Silêncio. Nelas o discípulo não é ensinado, não recebe nenhuma preleção, é colocado em presença de si mesmo e dos puros acontecimentos da vida. É possível que as coisas, as imagens e os sinais nada lhe sugiram. Espírito preguiçoso, não se sente estimulado a pensar. Neste caso, perde seu tempo na Escola da Sabedoria. Não tem vocação, e é melhor que se instrua com pedagogos que lhe dirão o que deve pensar.

Mas suponhamos que não seja este o caso, e que ao aspirante lhe ocorram idéias ante tudo o que vê. Isto será normal da parte de um espírito ativo, que tende a pensar por si próprio. Isto nos conduz pois, à meditação, que deve ser alimentada. No que deve meditar o aspirante ? Inicialmente, nos atos nos quais seus mestres o farão participar. Estes fá-lo-ão cumprir **ritos** significativos, estranhos e desconcertantes, justamente para incitá-lo à reflexão. Por que - perguntar-se-á - sou levado a desempenhar um papel enigmático com o pretexto de obter a iniciação ? No que estou sendo iniciado ? Em formalidades que - eu o sei - são puramente simbólicas. Eis-me aqui frente a símbolos cujo significado devo descobrir.

Se tal cerimônia é realizada com um homem simples, que não descobre o outro lado da iniciação, a cerimônia é formal e inoperante do ponto de vista iniciático. Ninguém é iniciado pelo fato de participar de um ritual, nem pela assimilação de determinadas doutrinas ignoradas pelo vulgo. **Cada um inicia-se a si mesmo**, trabalhando espiritualmente para decifrar o grande enigma que a objetividade nos projeta.

Aqueles que falam, comunicam-nos suas próprias idéias, interessantes de serem conhecidas do ponto de vista profano, mas que mais vale ignorar a fim de nos colocarmos em condições de buscar independentemente a verdade.

Para descobrir a verdade, temos de descer ao nosso próprio interior, até o fundo do poço simbólico aonde pudicamente se oculta, em sua nudez, a casta divindade do pensador. Mas o recolhimento em si mesmo não é mais do que um exercício transitório, não uma finalidade. Depois de entrar em si próprio é necessário sair, é preciso elevar-se por sobre as coisas, a elas voltar e estar disposto a apreciá-las pelo seu devido valor. A realidade vulgar das aparências é o feixe de imagens

que torna necessária a perspicácia do iniciado. Para ele tudo é hieroglífico. A vida o faz intervir como ator do espetáculo que ela mesma prepara. O ator interessa-se pela representação e quer decifrar o seu significado. A iniciação nessa representação, para melhor atuar como um artista que compreende as intenções do autor da obra, essa é a suprema regra de sabedoria para aquele que participa da divina comédia do mundo.

Mas nem todos os ritos são de iniciação. A atenção do neófito sente-se atraída por **símbolos**, que são **objetos materiais** tidos como sagrados, ou **imagens veneradas**, quando não, simples **sinais gráficos**, figuras elementares de geometria ou sugestivos desenhos que são vinculados a idéias significativas à inteligência humana.

Por ora não nos preocuparemos com os **ritos iniciáticos**, estudo este que fizemos quando tratamos dos **Mistérios da arte real**. Da mesma forma deixaremos de tratar aqui dos **objetos do culto**, que são mostrados pelos hierofantes, ou das imagens propriamente ditas, das quais nada é mais revelador do que as cartas do tarot. Nosso programa limita-se ao exame dos grafismos que favorecem a formação do pensamento e deter-nos-emos, especialmente, na análise dos símbolos alquímicos, pois neles se expressa a chave do hermetismo, filosofia muito afastada das palavras e cuja compreensão está reservada aos verdadeiros iniciados.

A GEOMETRIA FILOSOFAL

Ninguém poderá aqui entrar se não conhecer a geometria. Esta era a advertência que afastava da escola de Platão aos simples ouvintes, não preparados a pensar por si próprios. A geometria do genial filósofo não era com efeito, a de Euclides, ciência da medida e do espaço, com seus teoremas e suas demonstrações. Tratava-se de outra geometria, da mais sutil espiritualidade, de uma arte mais que de uma ciência, arte que consistia em vincular as idéias às formas e em ler os símbolos compostos por linhas como as figuras dos geômetras.

É esforçando-se em dar um sentido às figuras mais simples, que o espírito pode se elevar às concepções fundamentais da inteligência humana. O espírito eleva-se assim com plena independência, e sem que nada lhe seja ditado, encontra por si mesmo o sentido de um traço ou de um grafismo simples. E aquilo que podemos descobrir sozinhos, em virtude do funcionamento autônomo de nosso entendimento, adquire um caráter de verdade, pelo menos em relação a nós mesmos. O valor que atribuímos ao símbolo é verdadeiro para nós, e se lhe formos fiéis, atribuindo outros valores a outros símbolos, poderemos construir corretamente, como bons maçons especulativos.

A matéria prima da grande arte, isto é, a idéia pura, não falseada pela expressão verbal, deve ser extraída de sua origem, ou seja, de nós mesmos, do famoso poço no qual a verdade se oculta.

Os hermetistas da Idade Média falaram reticamente dos procedimentos necessários à transmutação do chumbo em ouro. Era prudente que o vulgo acreditasse, e principalmente que os inquisidores pensassem, que as receitas dos adeptos deviam ser seguidas ao pé da letra. Assim foi que alguns ignorantes se arruinaram pretendendo realizar a Grande Obra, e que os charlatães exploraram a avidez dos ingênuos. Deste modo, essas operações insensatas constituem a origem da química moderna, seja dito como elogio à Loucura, seja imprudente da Sabedoria. Sem dúvida, nem todos os alquimistas se enganavam com seus próprios símbolos. O chumbo significava para eles a vulgaridade, a lentidão, a ignorância, a imperfeição, e o ouro, exatamente o contrário. Os

iniciados não se interessavam pelos bens perecíveis, pelos metais ordinários que fascinam os profanos. Vinculavam tudo ao homem, que é perfectível e no qual o chumbo pode transmutar-se em ouro. Mas, naqueles tempos o homem era um bem da igreja e esta, no pináculo de seu poder, tinha ciúmes de suas prerrogativas e de seus privilégios, daí a discrição dos hermetistas.






Estes tiveram seu próprio alfabeto secreto, formado por símbolos que possuíam os nomes das diferentes substâncias. Mas as palavras só existiam para os profanos, enquanto que o simbolismo dos sinais informava aos iniciados sobre o sentido profundo dos termos utilizados.





Por outro lado, ao adepto não era revelada nenhuma ideografia iniciática, somente a intuição personificada por Isis, devia instruí-los. Em suma, algumas imagens podiam preparar-lhe o caminho (como por exemplo o pantáculo de **rebis**, redescoberto por Mylius e Valentin no século XVI).

Vemos, logo a seguir, um círculo no qual estão inscritos uma cruz, um triângulo e um quadrado. São estes exatamente os elementos básicos da ideografia hermética:










Estas figuras vinculam-se às noções pitagóricas da Unidade, do Binário, do Ternário e do Quaternário.





É necessário observar que três destas figuras circunscrevem superfícies, enquanto que a Cruz simples + não designa na Alquimia uma substância, pois o símbolo do **Vinagre** (dissolvente), é uma Cruz com as extremidades alargadas . A Cruz simples + nunca é encontrada isolada, mas sim combinada com uma figura fechada:    

Isto deve-se a que as figuras fechadas     correspondem a diferentes ordens de substâncias que podem mudar de estado ou de destino de acordo com a indicação da Cruz + que se lhes adiciona. Mais à frente melhor explicaremos este assunto.



Aqui simplesmente comprovaremos que a Cruz com os braços iguais, une-se facilmente ao círculo  no qual ela se inscreve  para realizar uma conciliação ideal dos contrários. Por outro lado, existe um óbvio parentesco de forma entre a Cruz + e o Quadrado  cujos dois lados formam o Esquadro  e .

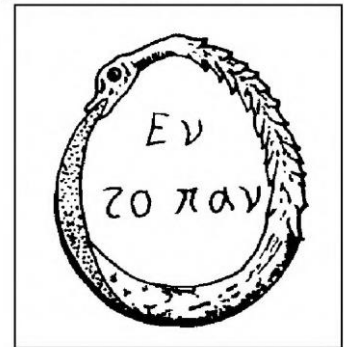
Há menos afinidade entre a Cruz + e o Triângulo  . Somente a base horizontal desta figura encontra-se na Cruz +, que é o grande elemento de conciliação, o símbolo religioso por excelência, o que **liga**, pelo fato de que vivifica e transmite o movimento.

Mas não nos adiantaremos na explanação antes de examinar sucessivamente cada um dos fatores da tétrade hermética:    

O CÍRCULO

Para representar a Unidade o mais conveniente é traçar uma única linha cujos extremos se unem, desaparecendo. Uma linha comum não é nesse sentido tão significativa, porque reconhecemos nela uma linha interrompida, imagem do Ternário, tendo-se em conta seu corpo, ou seus dois extremos. É verdade, entretanto, que tal Ternário encontra-se praticamente em toda a representação, uma vez que o Círculo determina um limite que separa o conteúdo limitado do ambiente infinito. Falando mais especificamente, a Unidade não pode ser representada. Concebe-se, mas não se vê em parte alguma. Seu mais perfeito símbolo é o **ponto matemático**, estritamente imperceptível, que devemos situar de forma abstrata na intersecção de duas linhas ou no centro de um círculo. É este ponto materialmente inexistente que engendra a linha ao deslocar-se no espaço. Nascida do nada, a linha, ao avançar de frente ou ao girar sobre si mesma, faz-nos conceber a superfície que por sua vez se eleva, desce, oscila sobre um de seus lados para dar-nos a idéia do sólido tridimensional. Esta geração é intelectual e o que o espírito humano assim abstrai do nada é a geometria.

A impossibilidade de formarmos uma idéia fiel da Unidade, obriga-nos a retornar ao círculo, emblema tradicional daquilo que não tem começo nem fim. Ante a necessidade de animar uma figura geométrica extremamente esquemática, os alquimistas gregos viram no círculo, uma serpente mordendo a própria cauda, a Ouróboros.



A legenda EN TO PAN, **Um o Todo**, que acompanha o símbolo ofídico, afirma a fé na unidade global do que existe e pode ser concebido. Os gregos partiam desta unidade em suas especulações e a ela sempre se referiam para apreciar, em sua relação, o valor das coisas. Não se furtavam de afirmar que esse **Todo** equivale ao **Nada** para o

empírico que só considera real aquilo que objetivamente constata. Daí a idéia da matéria prima da Grande Obra, que os tolos não vêem em parte alguma e que os sábios adivinham em tudo. É o Todo-Nada, ou o Nada-**Todo** sobre os quais com palavras, somente se consegue divagar.

Entretanto, não convém dissertar em vão sobre o **Zero** ○, pois este vazio não pode ser o **Nada**, uma vez que o **Todo-Uno**, nada deixa fora de si mesmo. Vazio e Nada são palavras enganosas. Tudo está cheio de "alguma coisa". É verdade que esta coisa pode escapar aos nossos sentidos, ainda que se imponha ao intelecto. Tem sido figurada como uma substância extremamente diluída, sem nenhuma outra qualidade que aquela de expandir-se indefinidamente. Os babilônios não deram nome a esta substância, ainda que a poetizassem em **Tiamath**, a esposa de **Apsú**, o abismo sem fundo, o deus negro primordial que dorme, se compraz em si mesmo, e recusa-se a criar qualquer coisa que seja. Este deus inativo da noite não pode ser representado a não ser por um disco negro ●, porque é o deus das trevas incriadas que se supõem anteriores a todo o porvir. Para agradá-lo e a ele se unir, Tiamath, sua esposa, volatiliza-se. É como se então ela não fora, pois desta forma, expandiu-se e se sutilizou. É neste estado, a **Substância primordial**, impalpável e transparente, uniforme e não diferenciada, exatamente o que representa o **Alúmen** ○ dos alquimistas. Sal filosófico por excelência, princípio dos outros Sais, dos minerais e dos metais, conforme a definição de Antoine Joseph Pernety, em seu **Dictionnaire mytho-hermétique**.

Nenhuma propriedade do alúmen vulgar justificaria esta proeminência. Daria a impressão de que houvera um jogo de palavras, porque o **Alúmen** (Alum em francês) evoca o **Uno**, substância fundamental, análoga ao **Eter** que constitui a essência íntima das coisas, sua trama sutil desprovida

de qualidades diferenciadas. Dito de outra forma: o substrato, imaterial de certo modo, de toda a materialidade.

Nas cosmogonias é o **Caos** primitivo mergulhado na homogeneidade, no qual se confunde tudo o que toma forma e qualidades que o distinguem. É Tiamath antes do furor que, por condensação, turba bruscamente sua limpidez, e transforma à esposa de Apsú em água densa e salgada, de onde surgirá a criação.

A LUZ CRIADORA

Criar significa tirar do nada. Mas, para que os seres e as coisas possam ser tirados desse pretense Nada, é necessário que esse Nada seja, até certo ponto substancial. Quando o espírito humano evoca a imagem de um Abismo sem fundo, chamando-o **Apsú**, ou ainda melhor, o abismo do espaço infinito personificado por Urano, vê-se conseqüentemente obrigado a preencher o vazio que imaginou, com **Tiamath** ou com **Rea**, divinizações da substância etérica expandida pelo infinito.

Esta substância não é ainda **algo**, isto é, uma coisa propriamente dita, susceptível de ser distinguida. É a **Coisa em si**, anterior a toda particularização distintiva. Se imaginamos morta esta substância caímos em erro, porque ela está essencialmente viva e, por isso, Tiamath foi sempre considerada a mãe de toda vida. Para preencher o Universo é necessário vibrar sem limites, sob a ação do dinamismo infinito. As vibrações transmitem-se integralmente num meio homogêneo, como aquele que é atribuído à substância primordial. Nada detém as ondas do Oceano cósmico, que segue uniformemente fluído, sem que coisa alguma seja formada em seu seio.



Qual é pois, o mistério da criação ? Como foi fecundada a esterilidade ? ○ Graficamente a resposta é fácil, e é dada pelo ponto que marca o Circulo '. Parece que este é o esquema da fecundação do óvulo, mas os alquimistas ignoravam a embriologia, e é o **Sol** quem é representado, a seus olhos, pelo novo símbolo. Um centro que emana ondas circulares, como uma pedra lançada na água, é a imagem evocada. Assim tem imaginado os antigos sábios o movimento animador do Cosmos. Imaginaram uma radiação que parte de um centro e se propaga interminavelmente em todos os sentidos através do espaço, como a luz que emana de uma lâmpada luminosa. Mas o termo **Luz** foi escolhido por analogia, porque a **Verdadeira Luz** não é aquela que golpeia a retina. Os **cabalistas** entendem por **Aor Ensoph, Luz infinita**, o agente que desvenda o caos antes das próprias luzes celestes, para nós simples centros de luz física.


É necessário representar esta radiação inicial como partindo simultaneamente de todas as partes, não de um único centro, mas de centros luminosos de emanação, multiplicados até o infinito. Na pura realidade, ○ porque a luz data do **começo**, mas as palavras burlam-se dos pensamentos fazendo surgir as discussões estéreis. O que é o **começo**, quando falamos de alguma coisa que não tem princípio e nem fim ?





Filósofos prudentes e taciturnos, os hermetistas traçaram limites ao tratar da solução do problema da origem das coisas. Ainda que referindo-se à **Luz em si**, preexistente aos objetos iluminados, não se detiveram neste fantasma subjetivo. Para eles, somente a **Luz que ilumina é** digna de atrair a atenção. Mas não confundamos: Luz que ilumina significa aqui, **agente ativo**. Mas, como representarmos uma ação efetiva, seja como ela for ? Convém distinguir, antes de mais nada, um centro do qual parte a ação (ponto central do círculo), depois, a própria ação em sua atividade (ondulação ou irradiação), e finalmente, o resultado da ação (circunferência do círculo).

Visto desta forma, o símbolo ' relaciona-se com o Grande Agente **primordial**, que se opõe a si próprio para engendrar em primeiro lugar as formas e, posteriormente, as aparências compactas. Este agente é o criador de todas as coisas, mas, na ordem dos metais, realiza sua obra mestra ao refletir-se no Ouro, que tem o mesmo símbolo do Sol ' .

O SOL E A LUA

Em relação ao ' , que é masculino,  ou  o femininos. O agente fecundante opõe-se ao paciente fecundado. É possível partir daqui para estabelecer, por analogia, uma relação inesgotável de oposições, como Dia-Noite, Luz-Trevas, Cheio-Vazio, Lingham-Ioni, Positivo-Negativo, Espírito-Matéria, etc..




Os alquimistas são inclinados a comparar o Sol e a Lua, como uma dualidade indissolúvel, pois a seu modo de ver, a Lua torna-se a reveladora do verdadeiro Sol espiritual, cuja claridade não afeta diretamente nem aos sentidos nem ao entendimento. A Lua tem seu espelho  que nos transmite a luz solar. Equivale a converter a Lua em Isis, mãe de toda objetividade, e ao Sol, oculto como Osiris, no pai da espiritualidade.

Considerada deste modo, a Lua é cheia  , enquanto que na forma crescente   como aparece na ideografia alquímica, representa a prata  na ordem dos metais. Desta vez os símbolos solares e lunares, opostos antagônicamente indicam as seguintes idéias:

'



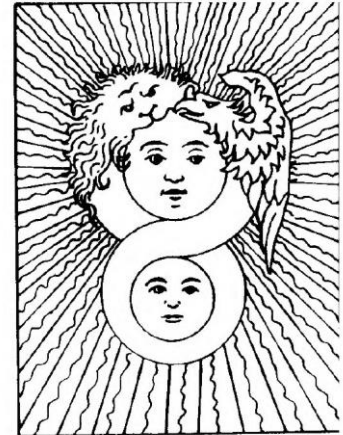
Sol	Lua
Ouro	Prata
Luz direta	Claridade refletida
Razão	Imaginação
Discernir	Crer
Inventar, descobrir	Assimilar, compreender
Fazer	Sentir
Dar	Receber
Mandar	Obedecer
Fundar, criar	Conservar, manter
Engendrar	Conceber
Fecundação	Gestação
Jakim	Booz

Outras distinções também surgem do binário Sol-Lua, mas convém não nos afastarmos do campo específico do hermetismo. Paramos em Jakin - Booz para não nos atermos à série de antagonismos que são vinculados às duas colunas do Discernimento Construtivo. Tomando este caminho somos levados à tentativa de estabelecer uma correspondência entre o Sol masculino ' como Agente, e a Lua feminina  como Paciente. Ocorre porém, que os dois luminares são ativos, uma vez que iluminam, mas o Sol ' é o foco permanente de uma constante radiação, sempre idêntica a si mesma, fixa e imóvel como o brilho do ouro. Enquanto a Lua  ,  reflete o que capta seu

disco mutante, que não para de crescer. Daí a instabilidade das influências lunares representadas pelo caráter alterável da Prata, metal nobre que pode obscurecer-se.

Podem as pontas do Crescente estar à esquerda Y ou à direita C isto não tem importância embora a imagem da Lua Crescente possa dizer respeito à juventude e a lua em seu último minguante à velhice. Por outro lado, não é indiferente que as pontas do Crescente apontem para cima ou para baixo. As pontas para cima C , como o símbolo do **Sal Alcalino** O significam que domina o éter caótico O para forçá-lo a entrar na corrente da involução. As pontas dirigidas para baixo C designam pelo contrário, o **Sal Gema** O um éter evoluído, coordenado dinamicamente, cuja influência é cristalizante, análoga à do cristal já formado, e que por simples ação e presença, determina a cristalização de uma solução salina que tenha alcançado o grau requerido de saturação. Deve-se observar, que o famoso **Pó de Projeção** age deste modo, enquanto a **Pedra Filosofal**, que é cúbica, lembra o Sal Gema, conglomerado cristalino de cubos.

A matéria prima dos sábios, com a qual trabalham, é simbolizada pela Grande Serpente que já não forma um círculo para morder a cauda (Ouroboros), mas, que abraça totalmente a Lua e parcialmente o Sol. Trata-se do agente fluídico O , uno em sua essência, mas duplo em sua polarização, pelo qual o monstro apresenta duas cabeças que se opõem. Uma delas é o Leão terrestre, fixo em seu ardor condensador; a outra corresponde à Águia da volatilidade, que tende à dissolução dos corpos e à dispersão de sua substância no Eter O . A energia condensadora da involução (Leão) mantêm-se em luta constante no seio do Grande Agente O com a força expansiva (Águia). A Lua e o Sol desempenham o papel de bobinas de indução, estimuladoras da eterna corrente vital.



A CRUZ

Nenhum símbolo é tão espontâneo como o **Tau** arcaico dos fenícios Ξ ou $+$. O nome semítico desta letra do alfabeto significa marca, selo, sinal gráfico por excelência. Somente há pouco mais de três mil anos é que adquiriu o significado de T e só foi identificado com um instrumento de suplício no momento em que ocorreu a expansão do cristianismo. Atualmente evoca uma idéia de morte, o que é absolutamente arbitrário e contradiz flagrantemente os fundamentos racionais da ideografia.

Em sua análise, convém distinguir o sinal aritmético da multiplicação Ξ do sinal da soma $+$. Fora estes usos convencionais, estranhos ao simbolismo hermético, a chamada Cruz de Santo André Ξ representa o encontro dos fatores similares, mas opostos em sua ação, um que se inclina à direita e o outro à esquerda. Ela faz pensar em duas espadas cruzadas, daí o sentido bélico que é atribuído à cruz oblíqua, a qual não analisaremos, pois é um símbolo que não era utilizado pelos alquimistas.

A importância da cruz vertical $+$ é entretanto, muito significativa na doutrina hermética. O traço horizontal $—$ (sinal de subtração na aritmética) é passivo, como o homem que dorme e descansa deitado no solo. Mas, ao contrário, o traço vertical é ativo, como um homem de pé, desperto, consciente. A atividade $|$ que atravessa a passividade $—$, sugere uma idéia de fecundação, e realmente a Cruz filosoficamente diz respeito à união sexual, sempre que se entenda de forma nobre a noção vulgar de coabitação. A idéia fecunda que a inteligência receptiva penetra. Deus une-se à Natureza para engendrar o que é.

Nossa energia casa-se com nosso organismo para que este trabalhe. Uma força somente vale pela sua aplicação. Isto explica a Cruz + , sinal de ação e de trabalho efetivo.

Seja este trabalho alguma coisa a ser concretizada, ou algo já realizado, os alquimistas indicam tal estado, traçando a Cruz acima de um elemento gráfico \odot ∇ \square , ou por baixo desse mesmo elemento \ominus \triangle \square . A estes sinais pode-se acrescentar o do mercúrio ♀ que é mais complexo, já que pode ser decomposto em ♃ ♀ . É exatamente ao analisar este símbolo em seus diferentes aspectos que chegamos a perceber a extensão e a sutileza das concepções alquímicas. Como se houvessem pressentido as teorias mais avançadas da imaterialidade final da “matéria”, os hermetistas não viram nunca no Universo nada além de energia em ação. O Grande Agente transmutador, fundamento de sua Arte, é um fluido sutil que preenche o Espaço e tudo penetra. O hieróglifo ♀ é revelador para quem sabe ler a linguagem muda dos símbolos.

Mas procedamos ordenadamente, analisando uma por uma as associações do Círculo, da Cruz ou de seus elementos.

O SAL

Os derivados do **Alumen** \odot substância primordial não diferenciada, são muito numerosos. Tomam o nome de **Sais**, mas o **Sal**, por excelência, aquele que é indispensável e o mais abrangente, é o Sal Marinho \ominus . Evitemos identificá-lo com o nosso vulgar Sal de cozinha. O **Sal dos Filósofos** provém do Oceano cósmico por desdobramento do **Alumen** \odot . O diâmetro horizontal divide o círculo e converte-se no firmamento separador das Águas superiores e das Águas inferiores. Já não estamos na presença pois, desse Caos indeterminado, de certo modo abstrato, ao qual não pode-se atribuir qualidade alguma. A barra horizontal que atravessa o Zero, dá-lhe o valor de uma **sub-stância**, ainda não sensível, mas inteligível. As palavras traduzem muito vagamente o que os símbolos convidam a conceber. Expressamo-nos com uma indolência repulsiva ao falar de uma trama, imaterial que proporcionaria às partes, o **sub-stratum** de sua aparente estabilidade.

O Sal \ominus , está na base de tudo o que toma forma. Tudo é engendrado por seu intermédio graças à ação combinada do **Enxofre** \triangle e do **Mercúrio** ♀ como explicaremos posteriormente. Contentemo-nos em aqui saber que ele é o **princípio estabilizador** dos corpos. Esta atividade erige um monumento de sabedoria e de ponderação ao Sal, que provém do oceano da infinita sabedoria. Os homens devem aprender a extraí-lo das águas paradas dos pântanos salobres que o sol evapora. Uma vez cristalizada, sua substância converte-se no corpo da Pedra dos Sábios. A piedade dos filósofos consagrou-o à **Virgem Celestial**, a Mãe Universal fecundada eternamente pelo espírito.

Para dizer a verdade, a parte superior do Sal corresponde ao ideal virginal que domina toda densificação e cuja imagem é-nos oferecida pela **Imperatriz** (arcano III) do Tarot. Mas, as águas celestiais são o resultado da evaporação do que foi condensado à custa da massa caótica primordial. Nesta concebe-se a intervenção de duas tendências opostas: a condensação concretizante e a sublimação expansiva. Sob esta dupla influência, o cosmos nascente separa-se do Nada. Mas, na base de sua construção, distinguem-se dois fatores construtivos, tradicionalmente representados por duas colunas que se erguem como menires ou obeliscos. Os construtores do Templo de Salomão curvaram-se à tradição franqueando a entrada dos edifícios com duas colunas chamadas Jakim e Booz. Para os hermetistas, o Caos interrompe-se pela separação do sutil e do espesso, do qual surge a criação do Céu e da Terra, ato inicial da Gênese bíblica. Mas a unidade do plano criador persiste

sob a infinita variedade das coisas. Portanto, tudo o que existe tem seu céu e sua terra, como é indicado pelo símbolo do Sal

O NITRATO

À placidez construtiva do Sal \ominus , fundamento dos sedimentos geológicos e das rochas mais estáveis, opõe-se uma substância essencialmente instável que representa o **Nitrato** chamado Sal Infernal a partir da invenção dos explosivos. Não é este o símbolo de uma sabedoria tranquila, mas o ideograma de todas as rebeliões, começando pela de **Lúcifer**. O Infinito-Nada era forçosamente aprazível e não é facilmente compreensível que Parabrama tenha decidido diferenciar-se e perturbar o primitivo Nirvana. Por ilógica que for, uma rebelião celestial foi a solução que os poetas encontraram para explicar o problema cosmogônico. Ideograficamente, um simples traço vertical dá uma solução silenciosa ao mistério. Eis aqui uma ação que descende e ascende, uma involução e uma evolução.

Isto nos conduz às duas colunas do simbolismo dos Construtores, pois uma corresponde ao Sal \ominus e a outra ao Nitrato \oplus . Se duvidarmos, bastaria reportarmo-nos ao **Nível** e à **Perpendicular ou Prumo** dos franco-maçons. Estes instrumentos recomendam a calma, a introspecção, o apacramento das paixões, o equilíbrio plácido que deve ser realizado intelectualmente, depois o aprofundamento, a penetração até o íntimo das coisas e da mesma forma, a elevação acima de toda lhanura. Por um lado disciplina, submissão a tudo o que é admissível, docilidade, receptividade. Por outro lado, autonomia, crítica ao convencional, busca da verdade em si mesma e sublimação constante do pensamento individual. Eis aqui as oposições realmente construtivas de uma mentalidade filosófica.

Horizontal e vertical conciliam-se construtivamente no **Esquadro**, emblema da Sabedoria prática aplicada às realidades da vida. Na Alquimia, como já vimos, é a Cruz + o símbolo de união inseparável do ativo e do passivo, do fecundante e do fecundado. A Cruz forma-se no centro do Círculo pela superposição do Sal \ominus e do Nitrato \oplus ou seja, pelo seu enlace: \oplus

Qual é o motivo de atribuir-se este novo símbolo ao Zinabre ? O que esta substância significa? É provável que tenha-se escolhido o óxido de cobre por causa de sua cor, que é a da vegetação, isto é, a cor da vida manifestada, pois o ideograma \oplus é do ponto de vista fisiológico, o plano do óvulo fecundado. De forma mais filosófica, os hermetistas viram nele o símbolo da Substância cósmica vitalizada, tal como é encontrada ativa nos organismos vivos. Inscrita no Círculo e limitada por este, a Cruz alude à vida concreta e animadora dos indivíduos. Por si mesma a Cruz, cujos braços podem prolongar-se ao infinito, refere-se à vida indefinida, não aplicada, isto é, abstrata.

O VITRÍOLO

A vitalização rigorosamente equilibrada, ativa e passiva em proporções iguais, caracteriza o reino vegetal, em relação com o qual os animais parecem desequilibrados a favor da atividade, enquanto os minerais estabilizam-se pelo predomínio de uma vitalidade passiva. Graficamente, estas três modalidades vitais traduzem-se desta forma:

- | | | | |
|-----------|----------------|---|--|
| \oplus | Animal | - | Instabilidade por excesso de atividade; |
| \oplus | Vegetal | - | Equilíbrio; |
| \ominus | Mineral | - | Estabilidade pelo predomínio da passividade. |



Os símbolos e não designam substância alguma do laboratório alquímico, mas ☉ e ☿ vinculam-se ao Vitríolo verde e azul. Não demoraremos na análise do sulfato de cobre e do sulfato de ferro, pois a química operativa se afasta do hermetismo puramente especulativo. Os símbolos referem-se, unicamente, à sabedoria em seu aspecto oculto. O Vitríolo mostra-nos a vitalidade animal sob seu duplo aspecto de fluido feminino e de fluido masculino

☉. Mesmer tomou da Alquimia sua concepção do magnetismo animal. Ele conhecia a fórmula que se vincula à palavra **VITRIOLUM**, cujas letras originam as iniciais da famosa frase: **Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem, Veram Medicinam.** - **Visita as entranhas da terra** é um convite ao descenso em si mesmo e ao aprofundamento da natureza humana. Encerrados no laboratório secreto de nossa personalidade, em nosso Ovo filosófico hermeticamente fechado, **retifiquemos**, distilemos, separemos o sutil do espesso. Desta maneira encontraremos a **Pedra oculta** na qual reside a **Verdadeira Medicina**.

O segredo do **Vitriolo** converte o homem no objetivo da Grande Obra dos filósofos. Cada um de nós esconde em si mesmo a **Pedra dos Sábios**, a Verdadeira Medicina, que possui o poder de curar todos os males. Nisto não há nada que possa ser classificado como absurdo, nem também ingenuamente milagroso, mas, a afirmação de que tudo está no Homem, sempre que este consiga aprender a conhecer-se e aproveitar sabiamente os recursos inesgotáveis de sua própria natureza.



O ideograma do **Mundo**, diz respeito à vitalidade mineral que considera a mineralidade como suporte da vida ilimitada. O que aqui se esquematiza não é tanto o Universo objetivo, mas a **Alma do Mundo**, pois no hermetismo não existe muita preocupação com aquilo que é apreciável através dos sentidos.






Por mineralidade não entendemos a síntese das propriedades aparentes dos minerais, que sob o conceito profano, são tidos como inertes. Os hermetistas lhes atribuem uma alma determinada, que é exteriorizada por seus corpos. Os hermetistas adivinham muitas coisas especulativamente e, sem conhecer as aplicações da eletricidade ou as teorias finais da constituição da matéria. Pode-se dizer que seus espíritos gravitavam em torno das nebulosas ainda não constituídas em conceitos puramente inteligíveis. O ideografismo suscitava-lhes problemas que só algebricamente podiam ser resolvidos, sem discernimento dos valores positivos que entranhavam suas fórmulas.






O Globo terrestre coroado pela Cruz é o símbolo do poder imperial considerado iniciaticamente, já que trata-se de um império exercido sobre a Alma do Mundo, isto é, sobre o fluido vital universal que anima os corpos siderais. A escola de Paracelso dá a este agente o nome de **Luz Astral** e o representa como uma irradiação invisível, que gera ao redor de nosso planeta uma nuvem psiquicamente fosforescente. Aquele que sabe coagular este fluido, e depois dissolver as coagulações, domina a Alma do Mundo e possui o supremo poder mágico.

Pode-se alguém questionar sobre o significado dos símbolos  e , não utilizados na Alquimia. Deve-se tratar de substâncias materialmente ativas, parecidas ao radium. Uma influência destrutiva está implícita: não é a alma, e sim o corpo quem está em jogo, como por exemplo ocorre com os "sujeitos" que produzem fenômenos meta-psíquicos, que são traduzidos por dissociações anormais.

Já nos deparamos com o símbolo , que designa o **Vitriolo azul**, ou seja a vitalidade animal polarizada passivamente, de modo feminino, em oposição ao **Vitriolo verde**, , que é masculino-agressivo. De um lado existe a atração centrípeta, que acumula, retém, economiza e condensa a energia vital, para utilizá-la serenamente. Por outro, está a veemência masculina, indicada pela flecha mágica , que projeta violentamente o fluido anímico prodigamente consumido.

A SUBSTÂNCIA ANIMADORA

Antes de analisarmos o símbolo que caracteriza o Mundo , teria sido mais lógico tratarmos do ideograma mais simples do **Antimônio**, , mas a simplicidade gráfica oculta aqui o caráter complicado da concepção simbolizada. A substância primordial não-diferenciada  apresenta-se como o Fundamento da vida infinita + . Trata-se de um fluido ultra-sutil, animado por um dinamismo ilimitado, por uma Água permanente e celestial, que limpa, purifica e lava o Ouro filosófico, como o antimônio comum purifica o ouro vulgar. Em seu **Carro Triunfal do Antimônio**, Basile Valentin afirma que, preparada espargiricamente, esta substância é um antídoto contra todos os venenos. Chama-a de o Grande Arcano, a Pedra de Fogo, e lhe atribui tantas virtudes que nenhum homem é capaz de descobrir todas elas. A Pedra Filosofal, por outro lado, não tem propriedades superiores nem para cura das enfermidades do corpo humano nem para a transmutação metálica.

Na realidade, trata-se daquilo que tende a elevar-nos e a espiritualizar-nos, livrando-nos da opacidade da matéria. É a **Alma Celestial**, fonte de inteligência e de nobres sentimentos. No Tarot figura como o Triunfador do **Carro** (Arcano VII) e como a **Força** (Arcano XI), personificada por uma mulher que suavemente domina um leão bravo.

Para podermos melhor entender os ideogramas deixando que eles nos falem, e assim discernirmos seu alcance, convém compará-los, opondo-os uns aos outros. Portanto, é conveniente meditar sobre as seguintes noções:



Alma Celestial, intelectual e sentimental.
Influência espiritualizante.
Espírito que se separa da matéria que domina.
Evolução. Redenção.



Alma vegetativa.

Vitalidade física.
Espírito encarnado, unido à matéria.
Saúde, equilíbrio vital.



Alma instintiva

Atração materializante. Sexualidade.
Queda do Espírito na Matéria.
Involução. Genesis.

Não temos nenhum motivo para voltar a abordar o Sulfato de Cobre , mas **Vênus** ou o Cobre merece nossa atenção. A deusa outorga a voluptuosidade e atrai a alma ao corpo pela perspectiva de uma existência lânguida, sensual e branda, isenta de esforços heróicos. Ensina a amar a vida por ela própria, gozando seus encantos, esquivando-se de suas durezas. Sedutora, tornaria inerte a vida, não fora ela a antagonista de alguém que lhe inspira amor, Marte que é o deus do **Ferro** dos alquimistas.

Este amante de Vênus corresponde à mobilidade, à necessidade de gastar a energia acumulada, seja muscular, intelectual ou psíquica. Converte-se no espírito ativo dos corpos, nos quais a alma sensitiva mantém a vida. Esta, acumula as reservas postas à disposição de seu consumidor. Sem Vênus, o ardor de Marte extinguir-se-ia por falta de alimento. E sem o estímulo de Marte, Vênus vegetaria na inércia e na plethora. Os atributos dos dois gênios planetários e metálicos são os seguintes:



Marte	Vênus
Ferro	Cobre
Motricidade	Sensibilidade
Cólera	Doçura
Impaciência	Paciência
Vivacidade	Calma
Energia ativa	Apatia, preguiça
Vontade	Docilidade
Domínio	Sedução
Projeção	Atração
Brutalidade	Graça
Ferocidade, Destruição	Ternura, Conservação
Fogo anímico ou vital	Água vital, fluido anímico
Ardor sulfúrico	Humidade radical

Os alquimistas gregos representavam o Cobre, dedicado a Vênus, pelo sinal , que de forma geral é o ideograma da mulher, encontrado na Ásia sob uma forma ligeiramente diferente. Acrescentando uma barra teremos , de onde provém nosso símbolo de Vênus e a cruz dos egípcios . Passando a Cartago, encontraremos a **Tanith** , cuja forma recorda a das virgens espanholas.

O símbolo de Marte é originalmente, um pequeno círculo atravessado por uma flecha oblíqua. Uma ligeira simplificação torna-o .

Digamos de passagem, que nossos atuais símbolos de Júpiter-Estanho *f* e de Saturno-Chumbo ♣, encontram-se nos manuscritos gregos correspondentemente sob a forma de uma foice ῥ para o último e de um Ζ, inicial de Zeus, para o primeiro, com a adição de um traço

fulgurante ⚡ .

Estes dois símbolos foram assimilados nas combinações antagônicas da Cruz + e do Crescente ☾ .

JÚPITER E SATURNO

A coordenação ideográfica não foi preconcebida, houve evolução no terreno do simbolismo assim como em todos os outros. Incluindo os símbolos de Júpiter f e de Saturno \clubsuit , às combinações da Cruz + e do Crescente ☾ , adentramos à lógica construtiva de todo o ideografismo hermético.

Opondo o Crescente ☾ , vinculado de um lado ao traço horizontal da Cruz f e de outro a seu traço vertical ⊕ , obteremos as interpretações que seguem. Isto feito em referência ao sentido anteriormente atribuído ao Crescente e à Cruz, não deixando de observar que nos dois símbolos, o Crescente é aquele do primeiro quarto da Lua, isto é, aquele ao qual se atribui a interpretação de **crescimento** e evolução construtiva.

JÚPITER

f

Cruz inferior do Crescente:
Trabalho de transformação virtual.
Mudança provocada passivamente
por ação sobre a vitalidade plácida.
(Traço horizontal da Cruz)
Crescimento.
Desenvolvimento.
Iniciativa corporizante.
Encarnação.
Geração da vida material.
Animação.
Juventude, Presunção.
Vida.

SATURNO



\clubsuit


Cruz que domina o crescente:
Trabalho transformador efetuado.
Mudança provocada ativamente,
por ação sobre vitalidade atuante.
(Traço vertical da Cruz)
Desagregação.
Detenção, declinação.
Desmaterialização.
Desencarnação.
Decrepitude.
Transformação.
Idade madura, Experiência.
Morte.

Metal leve, o estanho jupiteriano f corresponde ao Ar que dá vida, por oposição ao Chumbo pesado \clubsuit , cuja lentidão leva à tumba. Mas a presteza de Júpiter torna-o frívolo, enquanto Saturno é o deus grave e sério por excelência. Ocorre que o Chumbo saturniano converte-se para os hermetistas no fundamento de sua arte. Este metal vil encerra o Ouro em potência. O Sábio põe-no em movimento, pois está maduro para a transmutação. É o que também ocorre com o ancião disposto a obter o rejuvenescimento natural pela operação alquímica da dissolução do corpo, processo renovador este que não assusta ao Iniciado e que o faz auto-denominar-se **Filho da Putrefação**.



O MERCÚRIO

Nenhum símbolo alquímico possui uma importância igual à do mercúrio ☿ . De certa forma, toda a doutrina hermética nele está sintetizada. Quando conseguimos discernir aquilo que os Filósofos velaram neste símbolo tão frequentemente usado, chegamos muito próximos da posse do segredo da Grande Arte.





O mistério, subtraído voluntariamente ao conhecimento do vulgo, esclarece-se de forma notável ao aplicarmos a análise metódica ao ideograma do mercúrio \leq . Pode-se distinguir com efeito, o símbolo de Vênus/ao qual é associado o Crescente  o símbolo do Sal Alcalino , com a união da cruz + na parte inferior.


No primeiro caso, Vênus /indica uma substância que encerra, como num germe, as energias vitais destinadas a desenvolver-se, e a superposição do Crescente  indica que a evolução deverá ocorrer no domínio sublunar, isto é, na esfera da materialidade submetida a perpétuas mudanças.

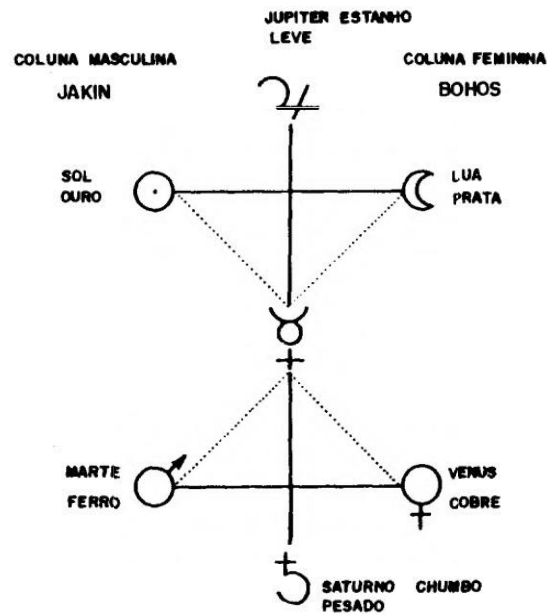
O Mercúrio \leq apresenta-se como se fôra a essência fundamental da vida das coisas, como o princípio pelo qual estas se produzem, se desenvolvem e se transformam. É o agente universal da natureza, o mensageiro dos deuses, isto é, o intermediário sempre indispensável das manifestações da existência, ou o eterno mediador.

Se nos reportarmos agora àquilo que foi dito sobre o Sal Alcalino , compreenderemos em que sentido o símbolo se encontra modificado pela adição da Cruz +, que é aqui o indicador de uma fecundação. A Matéria prima dos sábios, , apta virtualmente a submeter-se a todas as metamorfoses, encontra-se animada, graças a este acontecimento gerador da vida, e pode realizar todas suas potencialidades por meio do ato.

Os filósofos herméticos empregaram numerosos termos para designar o mercúrio \leq , mas utilizaram principalmente a palavra **Azoth**, que segundo Planiscampi, deveria ser sempre escrita **AZ** Φ Z, a fim de cabalisticamente ser composta pela inicial comum a todos os alfabetos, A, seguida da última letra latina Z, grega Φ , e Z hebraica. O Azoth representa, por sua vez, o princípio e o fim de todo corpo.

Quando o símbolo do Azoth está invertido , vincula-se ao esquema do Arcano III do Tarot, que representa a **Imperatriz**, a Rainha dos Céus, ou Virgem Alada do Apocalipse. Se analisarmos o ideograma reconheceremos o Antimônio  sobre o Crescente vencido  (pureza soberana que escapa a todas as influências modificadoras e que sem dúvida, exerce um irresistível poder purificador sobre tudo o que lhe é inferior). Por outro lado, podemos representar o Sal Gema  coroadado pela Cruz +, isto é, espiritualizado, sublimado ou glorificado depois de ter adquirido as virtudes mais elevadas.

Definitivamente, já não se trata da **alma das coisas** ou da vitalidade universalmente corporizada \leq , mas da **alma celestial**, que tende a desprender-nos da matéria, elevando e espiritualizando-nos . Mas é mister recordar aqui que estamos no terreno da universalidade, isto é, nas esferas mais altas do pensamento que domina o mundo. Encontramo-nos, efetivamente, em presença de **Binah** (Inteligência ou Compreensão), que corresponde ao terceiro termo do primeiro ternário da árvore dos Sefiroth, ou números cabalísticos. A Mulher, celestial por motivo de sua ascensão, identifica-se com a Vênus Urânia ou a Ishtar babilônica em sua condição de geradora das formas ideais ou das idéias-arquétipo que ordenam a Criação. Reina nas regiões sublimes da intelectualidade pura, por cima do mundo mutável ou sublunar, que entretanto, está destinado a ser a ela submetido.(2) Deve-se observar, que em sua condição de mediador universal, o mercúrio \leq , serve de vínculo entre os outros metais ou planetas sem manifestar qualquer afinidade particular, daí seu caráter neutro, ou mais exatamente andrógino, indicado pela posição central que ocupa no setenário seguinte:



Isto significa que o Mercúrio \leq , participa de todas as qualidades ou é o princípio sobre o qual elas se engendram em suas variedades e suas oposições. Isto ocorre especialmente naquilo que os hermetistas decidiram chamar azoth \leq , ideograma formado pelo símbolo de Vênus ♀ (a Cruz dos egípcios ⊕ coroadada pela Meia Lua de Isis ☾).

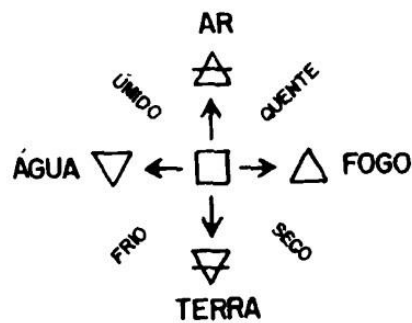
Entretanto, a Meia Lua, que recorda os chifres da Vaca Sagrada ou do touro Zodiacal, às vezes é substituída pelo signo de Áries ♈, que é seu oposto, pois a Meia Lua ☾, forma um vaso ou recipiente aberto, é receptiva e, em consequência, passiva ou feminina. Diz respeito à fecundidade e às transformações que ela entranha. O símbolo do equinócio de primavera ♈ evoca, por contraste, a idéia de uma ponta de flecha que se crava na terra, ou inversamente, um broto vegetal que se expande ao sair do solo. De qualquer modo que ele for considerado, é um símbolo do poder gerador masculino.

Nessas condições, o **Mercúrio dos Sábios** \leq representa por excelência o estímulo de toda vitalidade, o fluido universal que penetra todas as coisas e une a todos os seres com os laços de uma secreta simpatia. É por seu intermédio que se realizam as operações mágicas e mais especificamente os milagres da medicina oculta.

O TRIÂNGULO

Na ordem das figuras fechadas O ⊗ ⊕ o triângulo ⊗ encontra-se situado entre o círculo O e o quadrado ⊕. Pode-se deduzir que representa uma entidade intermediária entre a substância abstrata, que poderia ser chamada espiritual O e a matéria perceptível através dos sentidos ⊕. Na prática o Triângulo é o símbolo dos **elementos ocultos**, a saber: fogo ⊗, **água** Π, **ar** M e **terra** O. Não são estes corpos simples, a não ser modalidades da substância única O, que determinam no seio desta, as particularidades corporizadoras. Os elementos herméticos são abstrações inteligíveis que escapam inteiramente a nossas percepções físicas. Não devemos confundi-los com as coisas elementares, que são os efeitos dos quais os elementos são a **causa**. Por outro lado, toda

materialidade não pode ser mais que a resultante de um equilíbrio realizado entre os elementos, que se opõe dois a dois como é demonstrado pelo esquema seguinte:



É necessário entender aqui que o ar \otimes , leve e sutil, agiliza, contrabalaneando a ação da Terra O, espessa pesada, que densifica. A água Π , fria e úmida, contrai, por outra parte, o que o fogo N, seco e quente dilata.

O símbolo do Fogo N lembra a chama que ascende e termina em ponta. Portanto, alude a um movimento ascendente, de crescimento ou dilatação, a uma ação centrífuga, invasora e conquistadora. Por outra parte, o Fogo N, em si mesmo tem as tendências impetuosas da energia masculina. Incita à cólera e seria destruidor se não estivesse compensado pelos outros elementos combinados.

A força ascendente do Fogo N opõe-se, em primeiro lugar, a Água Π , que corre para baixo e preenche todo espaço vazio ou ôco. A Água aperta o que o Fogo distende. Portanto sua ação é centrípeta ou constrictiva. Em vez de elevar-se verticalmente como o Fogo, alarga-se horizontalmente. A Água tende assim ao repouso, à calma, o que permite estabelecer uma aproximação entre sua passividade e a suavidade feminina.

Se julgarmos por seu ideograma, o Ar não é mais que o Fogo detido em sua subida, sufocado, apagado pela linha horizontal que atravessa e decapita o triângulo ígneo. Nada mais resta a não ser fumo, vapor ou gás, uma substância que se dilui e se expande em todos os sentidos, à maneira da Água Π .

Quanto à Terra O, ela é uma Água densificada, que já não circula e realizou a inércia completa na solidez.

Sem nos extendermos aqui sobre a teoria do antagonismo conjugado dos Elementos, limitarnos-emos a resumir suas correspondências com ajuda do quadro analógico a seguir:

Ideograma Alquímico.....	O	N	M	Π
Elementos.....	Terra	Fogo	Ar	Água
Estações.....	Primavera	Verão	Outono	Inverno

Animais Ancestrais Signos Zodiacais.....	Boi	Leão	Águia	Anjo
Evangelistas.....	Lucas	Marcos	João	Matheus
Cores.....	Negro	Vermelho	Azul	Verde
Planetas.....	Saturno	Marte	Júpiter	Vênus
Símbolos Planetários.....	♣	♁	f	/
Metais.....	Chumbo	Ferro	Estanho	Cobre

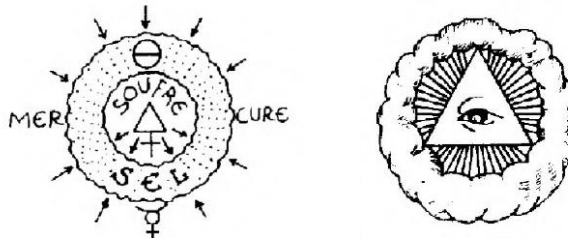
O ENXOFRE

Seja qual for o reino a que pertença, um indivíduo sempre procede de um centro interno de iniciativa e de ação expansiva. A existência individual toma efetivamente sua origem nesta rebelião original inspirada pelo egoísmo radical, que opõe a parte ao todo do qual pela sua vida, sem dúvida participa.

Partindo desta vitalidade geral, devemos compreender que ela comunica por todos os lados suas vibrações à substância ainda passiva, que a vida individual, despertará a seguir. É o que representamos, esquematicamente, do seguinte modo:



O círculo central representa uma substância salina \bigcirc , ou passiva \ominus ou em consequência neutra para a qual converge, na direção das flechas, um raio de luz e de calor vital que parte do próprio ambiente.



Suponhamos agora que depois de refratar-se no centro do glóbulo salino, a radiação vital de certa forma retorne contra si mesma. Assim teremos concebido a gênese daquilo que os alquimistas chamavam **Enxofre** \triangleup .

Como é revelado pelo ideograma \triangleup , designavam eles com este termo o **Fogo realizador** encerrado no centro de cada ser. Este ardor vital, que é manifestado de dentro para fora pelos fenômenos do desenvolvimento e crescimento, é na realidade o **princípio construtivo** de todo organismo. É o obreiro ao qual rendem homenagem os franco-maçons por intermédio do Delta luminoso.

Com efeito, admitem eles que o **Fogo Interior**, do qual depende a fixidez individual, nada mais é do que uma particularização da Luz criadora'. O maçom pode assim considerar que ele próprio é uma emanção direta ou uma encarnação do Grande Arquiteto do Universo. Por outro lado, não deve esquecer que na escala dos seres não ocupa um lugar privilegiado, pois, toda

individualidade microc3smica, na qual se manifesta um centro de vida aut3noma, prov3m como ele, da 3nica e id3ntica ess3ncia luminosa, cuja tri-unidade 3 traduzida pelo tern3rio alqu3mico: **Enxofre** , **Sal** e **Merc3rio** ≤.

Efetivamente, para o hermetismo **tudo 3 luz**. Isto compreende-se facilmente que se refere ao enxofre e ao merc3rio, pois estes dois princ3pios representam a luz interior ou microc3smica \triangleup , oposta 3 luz exterior ou macroc3smica ≤. Agora, o Sal \ominus 3m da interfer3ncia de duas radia33es contr3rias que se neutralizam numa zona relativamente est3vel da luz condensada ou corporificada. O Sal \ominus transforma-s \ominus ssim no recept3culo substancial ampliado pela expans3o sulfurosa interior , que resiste 3 com \triangleup ss3o mercurial exterior ≤.

Eis aqui, tamb3m a forma pela qual os tr3s princ3pios alqu3micos podem ser interpretados uns em rela33o aos outros.

\triangleup	\ominus	$\text{\textcircled{v}}$
Enxofre	Sal	Merc3rio
Arca	Hyle	Azoth
Princ3pio	Subst3ncia	Verbo
Esp3rito	Corpo	Alma
Interior	Meio	Exterior
Contido	Continente	Ambiente
Expans3o	Neutralidade	Compress3o
Movimento Centr3fugo	Estab.Repouso	Movimento Centr3peto
Sair	Ficar	Entrar

Se o s3mbolo do Enxofre \triangleup 3 o de um Fogo construtor, encerrado no germe que vai se desenvolver, ao invert3-lo, obteremos o ideograma de uma 3gua que sofreu uma s3rie completa de distila33es purificadoras, pelas quais suas qualidades espec3ficas foram exaltadas. Do ponto de vista inici3tico, trata-se de uma alma integralmente purificada, fortificada pelas provas da exist3ncia e que alcan3ou um estado de santidade que lhe permite operar milagres. Concebe-se nestas condi33es, que o s3mbolo de que tratamos tenha sido associado pelo hermetismo, 3 **Consecu33o da Grande Obra** $\text{\textcircled{v}}$. No Tarot 3 representado pela figura do Enforcado (Arcano XII) do mesmo modo que o Imperador (Arcano IV) relaciona-se com o s3mbolo plut3nico do Enxofre \triangleup .

O QUADRADO

A mat3ria concreta, ou em outras palavras, aquilo que 3 percept3vel atrav3s dos sentidos, tem por s3mbolo o ret3ngulo, cujos lados correspondem ao quatern3rio dos Elementos.

Quando esta figura toma a forma de um Quadrado perfeito \oplus , representa a **Pedra c3bica**, isto 3, o indiv3duo perfeitamente equilibrado em plena posse de si mesmo, e cujo organismo adapta-se precisamente no todo 3s exig3ncias do esp3rito. Este ideal deve ser realizado pelo artista na fase mais genial de sua produ33o, enquanto o vigor f3sico ainda nele est3 unido 3 delicadeza inicial de suas impress3es. No programa inici3tico da ma3onaria, a condi33o de **Companheiro** corresponde a este per3odo, mais favor3vel que outro ao trabalho e a a33o. E assim como **Companheiro**, transformar-se-3 alegoricamente num cubo impec3vel, cujas arestas possuem uma longitude absolutamente id3ntica, e suas superf3cies formam entre elas os 3ngulos de uma retid3o absoluta.

Estas exig3ncias geom3tricas n3o podem deixar de adquirir um alto sentido moral ante os olhos dos Obreiros simb3licos, que s3o considerados por si mesmos como os materiais vivos do

Templo que constroem. Além disso, indicam o quanto é necessário trabalhar a matéria que servirá à Grande Obra. Nada arbitrário ou aproximativo pode subsistir. Tudo deve ser regulado e coordenado em proporções e números, de acordo com as leis desta **Geometria filosófica**, da qual falamos no início do capítulo, que é o próprio Conhecimento fundamental (Gnose) dos Iniciados.

O ESQUADRO

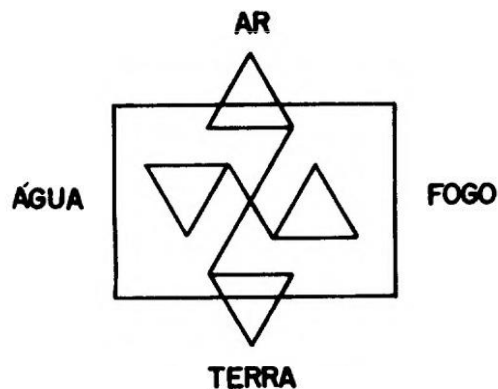
Como já ressaltamos, a Cruz + e o Quadrado \oplus podem ser considerados como se fossem formados por esquadros de braços iguais, que se reuniram por seus vértices $\lrcorner \llcorner$ ou por seus extremos $\lfloor \rceil$.

Estas indicações bastam para dar uma idéia do papel construtivo que desempenha o ângulo reto nas combinações do simbolismo geométrico. Toda construção origina-se, com efeito, da associação de dois contrários, representados pela vertical (energia, ação, força) e pela horizontal (extensão, inércia, resistência). O construtor é solicitado a por em movimento aquilo que por natureza é imóvel. Reúne o que está disperso, afim a de constituir um todo estável e sólido, e combina e forja seus materiais. Entretanto, para responder plenamente ao seu propósito, os construtores devem dar importância fundamental ao uso do **Esquadro**, que determina a configuração indispensável para que as pedras possam ajustar-se com precisão entre si. Sem esse instrumento, os maçons consideram que não haveria maçonaria possível de ser realizada. O Esquadro foi transformado na jóia do Mestre que dirige os trabalhos, pois este tem por missão essencial manter uma boa harmonia entre todos os seus colaboradores. Para cumprir esta finalidade, o Mestre deve ter habilidade para conciliar os antagonismos, conforme os ensinamentos que provêm do Esquadro, combinação da horizontal e da vertical. Além disso, deve fazer observar a disciplina, base de toda associação. Aqui, o Esquadro é um emblema que fala, posto que fora dele, nenhuma coordenação é possível. Regra, lei, ordem, equidade, justiça, organização, tudo se relaciona efetivamente à alegoria construtiva da necessidade de retificar corretamente as pedras destinadas à união sem solução de continuidade, para que possa ser obtida uma construção perfeita.

A SUÁSTICA

O simbolismo do Esquadro, lança uma luz insuspeita sobre o mistério do mais antigo símbolo sagrado da raça indo-européia. Referimo-nos à **Cruz Ginnada**, chamada **Suástica** na Índia e **Fyrfos** na antiga Escandinávia. Ela é formada por dois esquadros que parecem emanar de um centro comum para formar uma roda, a da Criação ou do Porvir, pois estamos frente a um emblema conhecido que representa o **Fogo criador de todas as coisas**. Nossos antepassados pré-históricos identificam esse fogo ao mesmo tempo animador e construtor, à sua suprema Divindade, que os franco-maçons viriam a honrar com o nome de Grande Arquiteto do Universo. Princípio de inteligência e de atividade fecunda, dá forma ao Caos original, conduzindo da potência ao ato, o quaternário dos Elementos. Estes, que são as emanações diretas da Causa produtora, correspondem aos esquadros da Suástica, cujo braço vertical \lrcorner engendra ao mesmo tempo o Ar e a Terra, enquanto o braço horizontal \llcorner emana o Fogo e a Água.

Estes dois últimos Elementos ocultos atuam, um no sentido ascendente e expansivo $\uparrow \lfloor \Delta$ e o outro ao contrário por derramamento e constrição $\downarrow \lrcorner \nabla$. Os dois aplicam-se à passividade (traço horizontal da Cruz), para determinar as alternativas do movimento vital.



Os outros dois elementos (Ar \triangle e Terra ∇) são, pelo contrário, os resultados passivos de uma intervenção ativa. Um corresponde à volatilidade, à leveza que atingiu as alturas, onde se mantém \square . O outro é engendrado pelo depósito de sedimentos pesados que, ao tornar-se mais densos se solidificaram \perp .

O TÁRTARO

A teoria dos Elementos, tal como a acabamos de apresentar, completa-se com as relações que poderiam ser estabelecidas entre a Cruz +, a Suástica 卐 e o Quadrado \oplus .

A esta última figura está vinculado o retângulo alongado \square que com o nome de **Quadrado oblongo**, representa para os franco-maçons o plano do recinto em que se realizam seus trabalhos. É a imagem do espaço limitado, no seio do qual surgem as percepções. Estende-se do Oeste ao Leste e do Norte ao Sul. O universo infinito nele se reflete em pequena escala, reduzido às proporções artificiais do Mundo que nos é permitido conhecer. Quando o Iniciado partindo do Ocidente, aprende a marchar como se fora num retângulo, recebe uma lição de pura filosofia positiva. Para avançar em direção à luz, deve ele abster-se de toda precipitação e permanecer prudentemente na estreita área das coisas que tem a capacidade de comprovar.

O retângulo mais largo do que alto, indica por outra parte um predomínio da passividade. Encontra-se no símbolo do Tártaro \square , matéria que os Filósofos sabem extrair de seu magistério. Na maçonaria, é a **Pedra bruta**, que os aprendizes devem polir. No exterior, apresenta-se em seu estado natural, rude e grosseira, mas possui uma textura compacta em seu interior, apreciada pelo artista que deverá talhar o bloco informe, talhando-o para livrá-lo de suas asperezas, para poli-lo e finalmente transformá-lo numa Pedra Cúbica perfeita \oplus .




A PEDRA DOS SÁBIOS

O quadrado perfeito \oplus é a imagem do indivíduo realizando a perfeição de sua espécie, porque a harmonia reina para ele entre o espírito e a matéria, mesmo estando o obreiro espiritual em plena posse de seu instrumento físico.




Trata-se, sem dúvida, de um estado essencialmente efêmero de perfeição, porque nossa declinação começa no momento em que chegamos ao apogeu da força de ação. Estritamente falando, nossa vida divide-se num período inicial de crescimento ou de corporização gradual do

espírito, seguido imediatamente pela fase contrária de decrepitude material, consecutiva à desencarnação progressiva do princípio espiritual. Na verdade, distinguimos três fases na vida humana, mas a idade adulta compreende na realidade o fim do período de crescimento, que se estende cada vez mais, e o começo da decrepitude, mesmo que esta ainda não se tenha manifestado muito claramente.

Na medida em que o espírito se liberta dos vínculos da carne, começa a desenvolver seus próprios poderes. Os ascetas conhecem um estado de despreendimento favorável a todas as energias do pensamento e da vontade. O intelecto pode tornar se cada vez mais forte, em proporção à debilidade do corpo. Já não foi dado ver, por acaso, velhos e especialmente moribundos que dão provas de uma lucidez de espírito extraordinária? As faculdades extraordinárias foram frequentemente desenvolvidas através de um treinamento apropriado. Os indivíduos que conseguem adquirí-las operam maravilhas. Podem surpreender à multidão com fatos que se convencionou denominar milagrosos. Não se trata evidentemente de **Sábios**, porque o verdadeiro **Iniciado** não se dirige às massas, cuja admiração jamais solicita. É em meio ao silêncio e ao recolhimento que trabalha na preparação da **Pedra Filosofal**.

Esta possui como ideograma o Quadrado coroado pela Cruz , símbolo que indica claramente, além daquilo já anteriormente citado sobre o de Saturno, o do Antimônio  e o da Realização da Grande Obra . O leitor poderá divisar o esquema da materialidade a tal ponto sublimada, depurada e superada, que já não é mais do que o apoio estritamente indispensável à manifestação do espírito, o qual, por este vínculo que ainda o retém ao plano físico, toma o definitivo impulso para atingir o reino da emancipação absoluta.

Resumiremos como segue, as principais correspondências dos três aspectos da Pedra:

		
Pedra bruta	Pedra cúbica	Pedra filosofal
Aprendiz	Companheiro	Mestre
J	B	M
Juventude	Virilidade	Velhice
Apreender	Praticar	Ensinar
Adquirir	Administrar	Restituir
Chegar	Atuar	Partir
Nascer	Viver	Morrer
Brahma	Vishnu	Shiva
<i>f</i>	∞	♣

A INICIAÇÃO HERMÉTICA

Não teremos a pretensão de dar aqui a chave de todas as interpretações possíveis no simbolismo hermético. Um símbolo sempre pode ser considerado sob infinitos pontos de vista, e todo pensador está autorizado a descobrir-lhe um sentido de acordo com a lógica de suas próprias concepções.

Os símbolos, com efeito, estão destinados a despertar as idéias adormecidas em nosso entendimento. Estimulam o pensamento por via da sugestão e fazem-nos descobrir assim as verdades enterradas nas profundezas de nosso espírito.

Por conseguinte, para que os símbolos possam falar, é indispensável que exista em nós o germe das idéias que os símbolos tem como missão fazer surgir. Nenhum surgimento seria possível se o espírito estivesse vazio, inerte ou estéril.

Os símbolos dirigem-se a não importa quem. Desorientam, especialmente, a esses supostos espíritos positivos, que se acostumaram a basear seus raciocínios na rigidez das fórmulas dogmáticas ou científicas. Não discutimos a utilidade prática dessas fórmulas, que nos permitiram erigir, pedra por pedra, todo o edifício da ciência moderna. A elas devemos todas as comprovações da experimentação científica e todas as descobertas maravilhosas que são a glória de nossa época. Mas do ponto de vista filosófico, as fórmulas precisas correspondem integralmente ao pensamento fixado, artificialmente delimitado, demorado, imobilizado, que aparece como morto frente ao pensamento vivo, indefinido, complexo e móvel que se reflete nos símbolos.

Estes não foram evidentemente feitos para traduzir o que nós chamamos verdades científicas. Por sua natureza, devem ser elásticos, vagos e ambíguos, como as sentenças dos oráculos, cujo papel essencial consistia em **revelar os mistérios**, deixando ao espírito a sua total liberdade.

Neste sentido, um abismo separa o **símbolo** do **dogma**. Este, presta-se ao doutrinamento tirânico, é o instrumento de uma disciplina intelectual rígida e absoluta, tal como é compreendido pelas igrejas, pelas escolas e seitas. O símbolo ao contrário, favorece à independência em detrimento das ortodoxias despóticas. Portanto, não é estranho que todas as iniciações os tenham utilizado, porque só os símbolos permitem escapar à escravidão das palavras e das fórmulas para chegar a uma liberação real do pensamento. E não poderia ser de outra forma se quisermos penetrar os **mistérios**, isto é, as verdades rodeadas de obscuridades, que se transformam mui facilmente em monstruosos erros, quando se procura expressá-las numa linguagem que não seja a das alegorias simbólicas. Justifica-se assim o silêncio imposto aos iniciados. Os arcanos, efetivamente, requerem ser concebidos por um esforço da inteligência. Esclarecem interiormente o espírito do verdadeiro **iluminado**, mas não poderiam servir de tema às dissertações de um professor. O conhecimento oculto não pode ser comunicado nem por discurso nem por escrito. Só pode ser conquistado na meditação. É necessário penetrar até o fundo de nós mesmos para descobri-lo, e erram o caminho aqueles que o buscam no exterior. É neste sentido como devemos entender o de Sócrates.

*

Estas considerações deveriam ser suficientes, sem dúvida, para esclarecer as coisas. Interpretando da forma mais racional que nos pareceu, os símbolos do Hermetismo, buscamos orientar os espíritos, mostrando como é possível fazer falar a uma série de figuras geométricas. Mas, longe de fazer-lhes dizer tudo o que são suscetíveis de nos revelar, só lhes temos solicitado as indicações mais indispensáveis, para podermos entender a linguagem gráfica que usavam em seu meio, os discípulos de Hermes.

É evidente que ao espírito de nossos leitores apresentaram-se outras interpretações e, sempre que elas foram construídas com lógica, justificam-se plenamente. O Sr. Limousin, ex-diretor da revista maçônica L'Acacia, fez observações muito interessantes a respeito do símbolo do Mercúrio, visto sob seus dois aspectos ☿ e ♀. Nosso ilustre correspondente considera que os dois símbolos são andróginos. "Em resumo – escreve – a **Imperatriz** é uma lembrança da **ectonolatria**, dos tempos em que era crença que a mulher que concebia por imanência; por uma virtude prolífica que nela estava: a capacidade de dar a luz por partenogênese. O Mercúrio simboliza a criação

intelectual. O recipiente voltado para cima recebe as águas do céu que caem na cavidade geradora ou conceptiva, para realizar-se em abstrações e entidades (a cruz, símbolo da criação para o contato dos planos). A **Imperatriz** possui o recipiente voltado para baixo para receber o orvalho que flui da Terra. Esta passa à cavidade infernal e resolve-se em idéias por meio da cruz. Os dois símbolos sintetizam-se na fórmula da Tábua da Esmeralda: "o que está em cima é como o que está embaixo".

Observemos aqui que os símbolos alquímicos prestam-se à composição de **pantáculos**, isto é, de figuras evocadoras de concepções complexas.

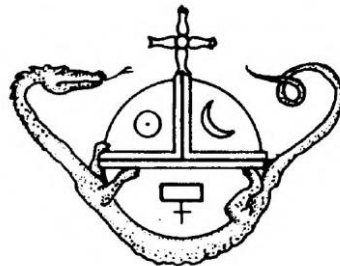
Superpondo os símbolos ☿ : ∇ ☿ ☿ obtemos duas figuras, das quais uma é a inversão da outra:



A primeira faz-nos pensar no Espírito divino conduzido sobre as águas, cuja influência é exercida desde cima sobre a alma. A segunda exalta o fogo ativo, o Enxofre purificado ☿ , dominador do Sal Gema ☿ .

Por um lado, a Matéria prima ☿ se glorifica pela consecução da Grande Obra ☿ ; pelo outro, a Virgem celeste ☿ inspira a santa energia do amor supremo ∆.

É mister que se medite sobre estas duas figuras hieroglíficas; a descida do Divino na alma purificada e a subida do Fogo infernal divinizado pelo cumprimento de sua obra de purificação.





UM SIMBOLISMO INQUIETANTE

Investigação em torno de um quadro alquímico exposto por muito tempo numa igreja para instrução dos crentes, e que mais adiante inspirou temores de ser uma obra perversa, feita pelos franco-maçons.

O **Courier de la Champagne**, era um jornal que atacava a franco-maçonaria da província, e a 26 de janeiro de 1907 recebeu a seguinte carta, que publicou a seguir:

“Senhor Diretor:

Considero-me no dever de chamar a atenção de seu colaborador, o padre Curieux, sobre um quadro que possui um grande interesse na comprovação da hipocrisia da franco-maçonaria e a persistência de seus propósitos anti-religiosos, sob a égide da religião mais fervorosa.

Há vários anos que ainda este quadro era exibido na igreja de Saint Maurice de Reims. O cônego Cerf o descreveu no tomo III, pag. 85 do "Boletin de la Diocesis", fazendo grandes esforços para descobrir nele uma inspiração cristã. Há pouco mais de dois anos, o abade X ... transmitiu à paróquia o resultado de seus longos estudos sobre esse mesmo quadro. Chegava ele à conclusão que até os mais insignificantes detalhes do quadro eram símbolos franco-maçons. Sua explicação foi tão plausível que, a partir desse momento, o quadro foi retirado da igreja e guardado na sacristia. O Sr. Malhonme, fotógrafo, rua des-Moulins, publicou uma fotografia, creio.

Espero que estas indicações tenham alguma utilidade para documentar o seu correspondente. Com a certeza de meus respeitos e consideração, despeço-me do senhor Diretor.

EMILE PECK
Cura de Fligny”

No dia seguinte, 27 de janeiro, o Sr. Henri Jadart, bibliotecário e conservador dos museus de pintura e arqueologia da cidade de Reims, acreditou ser seu dever tomar a defesa do incriminado quadro, que lhe interessava especialmente por sua condição de antigo técnico da igreja de São Maurício.

Este quadro, afirmou, procedia dos jesuitas que deixaram a igreja em 1762. Atendendo-se à sua composição e à decoração de seus elementos remontava-se a princípios do século XVII. Um quadro do mesmo gênero, que pode ser visto no Museu leva a data de 1624, e esta deve ser também, aproximadamente, a data do quadro dos jesuitas.

"Esta proveniência e esta data servem para descartar absolutamente e a **priori** o pretendido caráter maçônico, que também não é revelado face a um atento exame e sem idéias preconcebidas da obra em si mesma".

Esta obra, segundo M. Jadart, está puramente consagrada à glorificação da **Virgem que concebeu ao Cristo**. É verdade que alguns atributos simbólicos continuam sendo enigmáticos, mas, isto se deve unicamente à "mística singular dos jesuitas", cujas imaginações se comprazem às vezes das mais estranhas complicações.

É sabido que sob a iniciativa do abade Nanquette, tratou-se do tema desta mística desconcertante no Congresso científico de Reims em 1845, sem que se chegasse a precisar qualquer ponto. Depois, M. Lacatte-Joltrois e o senhor abade Cerf deram algumas explicações, outras tem sido copiadas pelo **Repertório arqueológico das paróquias de Reims** (1889), mas, o sentido exato do quadro não foi ainda revelado.

Para interpretar o simbolismo do quadro de São Maurício de Reims possivelmente fosse interessante estudar simultaneamente outra pintura do mesmo feitio, da mesma época, e sem dúvida, da mesma origem que a exposta na igreja de Sillery.

M.A.C. de la Rive, diretor de **França Cristã**, interveio no debate para declarar que os símbolos do quadro de São Maurício são os do Martinismo, e que o pintor quis representar o **Triunfo de Isis, que concebeu Horus**.

É evidente que este homem que combate diariamente a maçonaria, conhece-a muito bem.

M. Jadard explica que não é possível que se trate do Martinismo, já que o quadro suspeito é manifestamente anterior à época em que se fizeram conhecer Martinez de Pasqualis e Claude de Saint Martin, chamado o **filósofo desconhecido**.

Além disso, um arquivista, M.L. Demaison, testemunhou que o quadro da igreja de São Maurício possui para todo especialista, o caráter de uma obra de fins do reinado de Henrique IV, ou do tempo de Luiz XIII. acrescenta que alguns artistas dessa época surpreenderam pelas sutis, refinadas e obscuras alegorias.

Entretanto, outro sacerdote que intervém igualmente no debate, pergunta se estamos ante uma pintura do século XVII, afirmando que a figura principal está inspirada na Virgem de São Suplício. Da mesma forma que um arqueólogo tão competente como M. Didron, este sacerdote opina conseqüentemente que a obra pode ser do século XVIII, não vendo nenhuma impossibilidade de que seja maçônica.

Existe para ele um ponto que não é passível de discussão: a Virgem lá representada não é a mãe do Cristo. O artista, de fato, a faz dizer: **Concebi sendo virgem, tendo um filho não tenho pais**. A segunda parte do verso grego presta-se à ambiguidade, mas parece afirmar que a virgem que concebeu carece de pais, o que não é o caso da mãe de Jesus, filha de São Joaquim e de Santa Ana. Portanto trata-se de Isis, personificação da Natureza eterna, nunca adorada pelos reverendos padres jesuítas. Daí a necessidade de atribuir a tela a um artista pagão, martinista e franco-maçom.

A polêmica sobre o caráter maçônico do quadro da igreja de São Maurício de Reims, inflamou-se e **L'Acacia**, em seu número 51 (1º volume, 1907, página 224) mostra-se surpreendida pelo fato de que os maçons não tivessem sido chamados a pronunciar-se sobre a questão.

M. de la Rive quis então recorrer à nossa experiência e fez chegar à direção de **L'Acacia** uma série de fotografias do conjunto e dos detalhes de tão discutido quadro. Juntou também um manuscrito no qual procurava demonstrar que nessa composição, tida até então por uma pintura religiosa, tudo era maçônico.

Estamos dispostos a informar de pronto a M. de la Rive que não se trata de um vulgar quadro piedoso. Estamos realmente ante uma pintura **esotérica** e até **iniciática**, mas a Franco-maçonaria não aparece em parte alguma.

O simbolismo em questão não é o nosso, e sim o da alquimia. É surpreendente que os eruditos que se ocuparam do quadro da igreja de São Maurício não se tenham imediatamente disto apercebido. Nenhum deles teve a curiosidade de folhear tratados da arte espargírica, ou de filosofia hermética, como as **Doze Chaves** de Basile Valentin, cujas edições multiplicaram-se exatamente no curso do século XVII. É nesta literatura especial que devemos buscar a explicação de um quadro que os jesuítas poderiam facilmente aceitar, já que a Alquimia não foi nunca castigada com a excomunhão.

Esta difícil filosofia que somente era ensinada sob o véu de um simbolismo extremamente complicado, contou entre seus adeptos, com um bom número de dignatários da igreja. É verdade que isto não prova grande coisa, pois o mesmo pode ser dito da Franco-maçonaria do século XVIII.

Entretanto, uma coisa ainda é certa; o clero nem sempre foi aquilo que é atualmente. Em outras épocas, havia sacerdotes providos de grande sabedoria que conheciam melhor do que os laicos as ciências de sua época. Ocorre que no começo do século XVII os espíritos estavam preocupados com especulações que atualmente são para nós difíceis de imaginar. Um misticismo especial, desenvolvido sob a influência da cabala e da alquimia criara um **Cristianismo esotérico** de excepcional interesse. A razão conciliava-se nele com a fé graças às interpretações transcendentais que eram então atribuídas aos símbolos tradicionais e populares do catolicismo. As inteligências excepcionais não se sentiam então chocadas pelas puerilidades do catecismo e mantinham-se no seio da santa Igreja, cujas doutrinas parecias então racionais a muitos incrédulos e hereges. Nesse momento os jesuítas, embora pouco interessados pelas ciências secretas que nessa época estavam em moda, procuraram tirar partido do hermetismo para converter protestantes, judeus e muçulmanos.

A doutrina secreta esotérica, que atraiu alguns membros da Companhia de Jesus - não dos menos ilustres - não era com certeza de uma ortodoxia muito rigorosa. Isso não fazia grande diferença, pois não era praticada publicamente (3). O esoterismo não podia ser dirigido às multidões, que exigem um alimento espiritual muito mais grosseiro. Mas, existe sempre uma

aristocracia intelectual à qual é possível satisfazer, sem ceder em nada, graças aos admiráveis recursos do simbolismo.

"Não falemos inutilmente, observemos o silêncio preferido pelos Iniciados e tracemos as figuras que são enigmas propostos à sagacidade do observador". Este foi o método tradicional que os jesuítas decidiram utilizar.

A rigor, o método serve para propagação das verdades transcendentais. Os que tem olhos para ver, conseguem percebê-las. Os outros as contemplan com credulidade sem nada entender.

Cada um percebe em realidade, de acordo com seu grau de iniciação. Esta é a pura iniciação, a iniciação isíaca ou natural, independente de toda organização concreta.

Esta iniciação está na própria natureza das coisas. Sempre existiu, por cima das igrejas e das associações iniciáticas, necessariamente incapazes de realizar o supremo ideal da iniciação.

Em outros tempos acreditava-se que - sobre o esoterismo e a liberdade de interpretação devia assentar-se um dia a **Igreja do Espírito Santo**, vinculada a São João Evangelista, do mesmo modo que a Igreja de Jesus Cristo, conservadora do esoterismo e da disciplina dogmática, está construída sobre o nome de São Pedro (4). Entretanto, alguns jesuítas, ao que parece, perceberam o audaz projeto de colocar-se à testa de uma Igreja desenvolvida, uma Igreja que realizará o catolicismo integral, isto é, aquele verdadeiramente universal.

Se fracassaram em sua intenção, é porque não souberam colocar-se nas condições indispensáveis para trabalhar utilmente em prol da realização da Grande Obra. Deveriam então ter passa do o estandarte a outros, que talvez tivessem melhor sorte.

Examinemos agora o famoso quadro que o Sr. de la Rive se apressou a taxar de **maçônico**, empregando uma palavra pouco apropriada.

Com efeito, um símbolo não é necessariamente **maçônico** pelo fato de que os franco-maçons o tenham empregado. O que de outros tomamos, não se torna somente por isso propriedade nossa. Temos que procurar ser honestos e dar a cada um o que é seu.

Sob este ponto de vista, não contamos com um patrimônio muito grande. Inteiramente nossos tão somente temos os instrumentos dos construtores. As colunas J.°° e B.°°, a Estrela Flamejante e é tudo. O Triângulo equilátero, com ou sem o olho, não nos pertence especialmente, do mesmo modo que a Acácia, nossa planta sagrada, é também a dos judeus do oriente.

Ocorre que entre todos os símbolos acumulados na tela da igreja de São Maurício, não há um só que seja **maçônico** no verdadeiro sentido da palavra. Em suma, poderia atribuir-se este caráter ao pequeno templo que a Virgem suporta com a sua mão esquerda. De uma de suas janelas sai uma longa haste horizontal, de cujo extremo pende um prumo. É pouco para excomungar por isso toda a composição.

Entretanto, o Sr. de la Rive encontrou quase todos os outros símbolos nos documentos maçônicos. De acordo, mas, também teria podido encontrá-los em outro local, com um pouco mais de trabalho.

Esclarecido este ponto, ocupemo-nos do enigma gráfico que nos é proposto. Não temos a pretensão de explicar tudo, e nossa ambição limita-se a preparar o terreno para os que vindo depois de nós, poderão ir mais além com suas investigações.

Como acertadamente observa o Sr. de la Rive o pintor deve ter-se inspirado na IV égloga de Virgílio, que anuncia o próximo advento da Idade de Ouro, profetizada pela Sibila de Cumas. O poeta possui a intuição de que o século de ferro vai terminar, graças à intervenção de uma nova raça que descerá das alturas dos céus. Astrea, a Virgem, conceberá o Salvador, que por sua vez estabelecerá em todo o mundo o bendito reino de Saturno.

Esse reino corresponde, segundo o Sr. de la Rive, ao Deus dos Cristãos, e a ele é feita alusão no **adveniat regnum tuum** do Pai Nosso.

Também os filósofos herméticos, em sua condição de iniciados, acreditaram na possibilidade de que, por meio da inteligência, da justiça e da virtude, reinasse a felicidade sobre a Terra. Sua **Grande Obra** não buscava outra coisa, pois, a transmutação do chumbo em ouro era para eles um símbolo, que tão somente os ignorantes e os avarentos tomavam ao pé da letra.

Nestas condições, não é surpreendente que figure, no quadro de São Maurício de Reims, à direita do espectador, o templo da Sibila de Cumas. Este edifício circular é o domínio de Saturno, como é indicado pela foice, atributo do deus, que sai de uma janelinha. Saturno ceifa o que já viveu, provoca a decomposição do que já não tem razão de ser, convertendo-se assim no grande transformador.

A Sibila está no umbral do templo, com a mão direita colocada sobre uma harpa, enquanto com a esquerda segura um livro aberto marcado com o número 9.

Esse número também é o de Saturno, ao qual diz respeito o Arcano IX do Tarot (5), como também a nona sephirot, Yesod, o Fundamento (6).

Este é por excelência o número do mistério, que a nossa inteligência é chamada a penetrar. O livro da Sibila, por conseguinte, é o livro da ciência das coisas ocultas. É possível que sua arte adivinhatória esteja baseada na percepção da música das nove esferas celestes, da qual a harpa recebe os acordes.

As moedas de ouro, que caem aos pés da Sibila, aludem aos oráculos que foram vendidos a Tarquínio, o soberbo. Ou serão como no Arcano XII do Tarot, um símbolo de desinteresse ? Não esqueçamos que a condição indispensável para dedicar-se à adivinhação é saber despojar-se das materias valiosas.

É surpreendente ver os tritões que sopram trombetas, na cúspide da cúpula que forma o teto do templo sibilino. Como é possível que esses monstros aquáticos tenham buscado uma posição tão aérea ? É mister admitir que são habitantes do Oceano formado pelas águas superiores do firmamento, representado pelo teto do templo. A missão deles consiste em sussurrar às almas sensíveis, a premonição daquilo que preparam para realizar. Por outro lado, essas trombetas dirigem-se a um navio que navega num mar agitado e cujas velas parecem estar enfunadas pelo sopro dos tritões.

Tornaremos a nos ocupar desta nave e de sua carga, depois de indicar o significado da figura principal do quadro que nos interessa.



Desta vez, o pintor deve ter-se inspirado no Apocalipse, que no Capítulo XII assim reza:

“E um grande sinal apareceu no céu; uma mulher vestida do sol e a lua sob seus pés, e sobre a sua cabeça uma corôa com doze estrelas.”

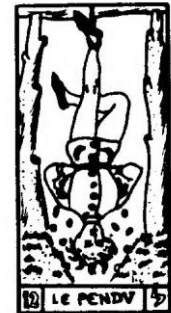
“E estando grávida, clamava com as dores do parto e sofria o tormento de dar a luz.”

Depois, fala de um grande dragão vermelho, cuja cauda varre a terça parte das estrelas do céu e as atira na terra. Este monstro deteve-se diante da mulher que devia dar a luz, com a intenção de devorar seu filho assim que o tivesse gerado.

Mas, houve uma batalha no céu “e foi lançado fora aquele grande dragão, a serpente antiga, que é chamada Diabo ou Satanás, o qual engana todo mundo. Foi arremessado por terra, e seus anjos foram atirados com ele. “E quando viu o dragão que ele havia sido atirado por terra, perseguiu a mulher que havia gerado ao filho varão.

“E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que da presença da serpente voasse ao deserto...”

Para os iniciados, esta mulher representa a **substância sublimada na qual se encarna o pensamento divino.**



Este emana de **Deus Pai**, visto como o ponto de partida eterno e onipotente de toda atividade e, em consequência, como o **Princípio universal do pensamento.**

Seu **filho** é a irradiação imediata de si mesmo, de onde sai seu **Pensamento como ação, sua Palavra ou Verbo**, que é a própria ação da divindade.

Do **Pai** e do **Filho**, procede simultaneamente o Espírito Santo, resultado direto do pensamento divino, ainda não expressado ou formulado, mas concebido espiritualmente pela mentalidade divina, se assim pode ser dito.

Este pensamento transcendente, inacessível em sua própria essência, só pode se manifestar com a condição de tomar corpo num entendimento que se tornou receptivo em virtude de sua excepcional pureza. Deste modo, explica-se a operação do Espírito Santo, que fecunda a Virgem imaculada do catolicismo.

Se esta Virgem apresenta esotericamente analogias com Isis e muitas outras divindades pagãs, o motivo é que, no fundo, existe um só esoterismo (7), que se manifesta de diversas maneiras de acordo com a fantasia dos poetas-filósofos, criadores dos primitivos mitos. Nessas condições, os católicos atuais carecem de sincretismo quando se negam a reconhecer a sua própria Virgem na Rainha do Céu glorificada no quadro de São Maurício de Reims, pois é sem dúvida a **Mãe do Cristo** que o artista quis representar. É verdade que o Cristo dos reverendos padres do século XVII

não coincidia talvez, com o Menino Jesus de nossas devotas, pois correspondia a uma concepção infinitamente mais elevada.

Definitivamente, se a imagem suspeita peca de alguma forma sob o ponto de vista religioso, é exatamente por seu excesso de catolicismo, no próprio sentido da palavra. Pretendeu-se catolizar ou universalizar muito além daquilo que pode admitir a fé pouco iluminada de um rebanho que não faz honras a seu divino pastor.

Para interpretar com alguma precisão o simbolismo iniciático da Idade Média e do Renascimento, nada pode servir-nos melhor que as vinte e duas chaves cabalísticas do Tarot.

Nelas é preciso distinguir o verdadeiro **Alfabeto dos iniciados**, mediante o qual um espírito sagaz pode aprender a decifrar determinados enigmas gráficos possuidores da missão de traduzir segredos cuja difusão tornar-se-ia perigosa sem discernimento.

Assim, coloquemos ante nós, as figuras, deste misterioso tratado de alta filosofia, e busquemos nele a Virgem do quadro de São Maurício.

Reconhece-la-emos imediatamente na **Imperatriz** do Arcano III. Esta Rainha do Céu é apresentada como a Mãe Virginal de todas as coisas. Porta o cetro da fecundidade universal, e



relaciona-se assim à Vênus-Urânia e à Ishtar babilônica, considerada como a geradora das formas ideais ou arquétipos de acordo com os quais tudo se cria. Seu domínio é o oceano luminoso no qual se reflete o pensamento criador, cujas ondas correspondem às Águas superiores do Gênese, separadas pelo firmamento das águas inferiores. Possui também as asas que lhe foram atribuídas pelo vidente de Ptamos; doze estrelas que formam uma coroa resplandescente e seu pé descansa sobre uma meia-lua. Efetivamente, trata-se de um personagem etéreo, que reside nas regiões sublimes da pura intelectualidade, por cima do mundo mutável ou sublunar. Pouco a par dos refinamentos simbólicos, a maior parte dos artistas permite-se colocar o pé da

Madona na parte oca da meia-lua, com as pontas voltadas para cima. Entretanto, encontram-se virgens que apoiam o pé na convexidade de uma meia lua com as pontas para baixo.

Do ponto de vista hermético, isto é muito mais correto, pois o conjunto do Arcano III, simplificado na objetividade de um ideograma, é sintetizado no símbolo de Mercúrio com as pontas para baixo ☿ .

O elemento central deste símbolo, o círculo vazio, representa a substância primordial, universal e necessariamente una. Conforme Pernety, é o Alumen, “princípio salino dos outros sais, dos minerais e dos metais.”

Conforme estiver a meia-lua situada por baixo ou por cima deste círculo, obtem-se o **Sal Alcalino** ☽ ou o **Sal Gema** ☽, que participam igualmente da substância caótica universal. Mas a primeira ☽ é uma substância dominada pela lua, e portanto infinitamente mutável. É a matéria prima da Grande Obra, o terreno de todas as metamorfoses da natureza e da arte. Enquanto que a segunda, representa uma substância que se tornou imóvel, porque todo tipo de elaboração possível nela foi realizado, no sentido de que escapa a todas as influências exteriores, tornando-se apta para exercer uma poderosa ação modificadora sobre tudo o que está sujeito a alterações.

Mas, em que sentido é colocada a cruz junto a estes elementos tão significativos ? Longe de referir-se à morte, como poderia ser plausível de imaginar, esta é o símbolo da vida. Ela surge da interferência de dois contrários: o **Agente**, representado pelo traço na vertical |, e o **Paciente**, ao qual corresponde o traço horizontal — . Não existe vida sem trabalho, sem uma elaboração do passivo pelo ativo, da matéria inerte por uma força inteligente.

Virgem da Sacristia da Igreja de Santo Tomás de Aquino, em Paris. Escultura em madeira do século XVII. O artista espanhol mostrou-se prudente na aplicação do simbolismo tradicional.



Da mesma forma que a meia-lua, a cruz pode ser desenhada tanto na parte de cima como na de baixo de um elemento do simbolismo alquímico. No primeiro caso, indica um trabalho realizado, uma perfeição adquirida definitivamente. No segundo, trata-se, ao contrário, de uma ação vital que se pretende exercer, e indica virtuosidades latentes, concretizadas como se fora num germe, à espera de desenvolvimento.

O símbolo $\overset{\circ}{\circ}$ não pode relacionar-se a não ser a uma entidade sutil, que alcançou seu supremo grau de evolução, de pureza e de poder ativo. Os hermetistas atribuíram este símbolo ao seu **Antimônio**, que indica a Água permanente, a água celestial, por meio da qual o ouro filosófico é purificado e torna-se limpo de toda impureza. Buscando este princípio em nossa personalidade, reconheceremos aquilo que os nossos pais chamavam a **Alma Intelectual**, que tende a nos separar da matéria (8), nos elevando e espiritualizando.

A este princípio desmaterializado de elevação, opõe-se **Vênus /**, a **Alma instintiva**, que continuamente solicita ao espírito que desça à matéria para encarnar.

Em resumo, os símbolos $\overset{\circ}{\circ}$ e Q combinam-se em Q , ideograma da virgem celeste que personifica a espiritualidade mais elevada, a Inteligência (Binah) ou a compreensão (Gnose), em oposição à brutalidade, à ignorância, à incompreensão, ou à parvoíce, representadas pela Besta do Apocalipse, pela Serpente Piton ou o Dragão, cuja raiva cega resulta impotente contra a serenidade da Soberana do reino do espírito.



Este monstro é uma espécie de esfinge surgida dos quatro elementos. A parte anterior de seu corpo é um leão que lança fogo pela boca (Terra e Fogo), mas tem asas (Ar) e o resto é de um animal aquático (Água). Representa a matéria elementar que deve ser vencida, dominada e domesticada pela Inteligência.

No Arcano XI do Tarot encontramos a mulher do Arcano III mantendo aberta e sem nenhum esforço a goela de um leão furioso. É a Força, não a energia física, mas, o poder irresistível do pensamento, que haverá de triunfar sobre toda brutalidade.

Esta mesma mulher encontra-se no Arcano VIII, sob o aspecto da Justiça (9). Aqui personifica a lógica necessária, a razão irresistível que formula a lei universal segundo a qual tudo se realiza na natureza. É o princípio diretor de toda a vida orgânica, pelo qual se esclarece o caos

primitivo, e do qual surge essa ordem admirável que dá a oitava sephira e o nome Hod, significando **Esplendor, Glória**.

É possível questionar se esta sephira não estaria simbolizada pelas oito estrelas que no quadro de São Maurício, rodeiam a cabeça da Virgem.

Em contraste com essa coroação de pentagramas, vemos aos pés da Virgem, e no ângulo exato da figura, um globo alado, que um grande círculo divide lateralmente em dois hemisférios. Este detalhe tem sua importância, pois remete-nos de volta ao **Nitro** ⊕, também chamado **Cerbero**, ou **Sal Infernal**, pelos alquimistas. A este respeito não esqueçamos que uma das mais misteriosas interpretações das iniciais **INRI: Igne Nitrium Roris Invenitur - Por intermédio do fogo descobre-se o nitro do orvalho** - supõe que o orvalho é a água celestial que é condensada na superfície dos corpos. É o depósito universal da natureza concentrado no nitro, que se apresenta como uma substância essencialmente do espírito ativa, veículo das energias mais ativas. No ente humano, é o que poderia ser chamado de **Alma Motriz**, que estimula todos os impulsos irresistíveis.



O **Nitro do Orvalho**, é o Diabo que temos no corpo e que colocamos a serviço do idealismo celestial. É a ação impaciente que obedece à inspiração.

A energia impulsiva manifesta-se especialmente sob o império de **Vênus**, a mulher que com um coração exaltado na mão, escapa por assim dizer, do globo alado. É a paixão que se exterioriza, dando nascimento ao **Amor**, isto é, a uma força cega - Cupido tem os olhos vendados - submetida a leis rigorosas. Esta sentimentalidade, de ordem mais fisiológica, está contida no domínio sub-lunar por cima do qual se eleva a pura espiritualidade.

Esta tem por mensageiros dois anjos bochechudos cujas cabeças aparecem em âmbos os lados da Virgem. Eles sopram o vento do Espírito. O da direita possui uma asa vermelha, e o da esquerda uma asa branca. Estas cores correspondem respectivamente às colunas Jakin e Booz, pois a inspiração pode incitar aos atos (vermelho) ou iluminar o entendimento (branco).

O conjunto do quadro de São Maurício, por outro lado, leva em consideração esta dualidade. Tudo o que está à direita da Virgem vincula-se à **prática** da Grande Obra, à sua realização pelo **caminho úmido** ou **místico**, representado pelo navio que é movido pelas ondas do Oceano cósmico. A esquerda, pelo contrário, está reservada à teoria, à contemplação através da qual o Adepto conquista os segredos de uma Sabedoria que lhe basta por si mesma (10). Neste sentido, age de acordo com a **via seca** ou **racional**, sem abandonar a terra firme, cuja solidez oferece as bases de um positivismo transcendente.

Fiquemos, por enquanto, no terreno da **Gnose** ou da **iluminação espiritual**, cujo templo ideal é apresentado pela Virgem.

Este edifício circular mostra quatro janelas no meio das quais estão os emblemas dos quatro elementos: a foice de Saturno (Terra), o tridente de Netuno (Água), o raio de Júpiter (Fogo) e o caduceu de Mercúrio (Ar). Este quaternário está unificado pelo **Galo**, sobre a cúpula do santuário. Esta ave, dedicada a Mercúrio na sua condição de deus da sutileza e da inteligência, anuncia o amanhecer do dia que deve despontar nos espíritos. Faz alusão aqui à misteriosa **Quintessência** subtraída de toda percepção sensível e que só podemos conceber através de um aprofundamento

cada vez maior. A necessidade de descer em si mesmo e de penetrar até o centro do qual surge a luz interior, a que ilumina todo homem vindo a este mundo, está indicada pelo prumo suspenso de uma barra horizontal que sai de uma das nove janelas superiores do lado direito do templo, como se fora o braço de uma forca.

Logo abaixo do templo e sob o prumo há um personagem vestido de vermelho, no qual é difícil reconhecer São Joaquim, o avô materno de Jesus. Por que razão haveria de ter um gorro de doutor o marido de Santa Ana ? Por que figura o caduceu entre seus atributos ?

O Sr. de la Rive perguntou se não estaríamos à frente do arquiteto do Templo de Salomão, mas como nada confirma esta hipótese, o diretor de **France Chretienne** coloca um sacerdote de Isis no lugar de Hiram. Parece-nos que acertou neste particular, pois deve tratar-se de um **Adepto**, instruído na ciência de Hermes e armado dos poderes que lhe confere a alta iniciação. Os instrumentos do personagem não deixam nenhuma dúvida a este respeito.

O mais notável é o **caduceu**, vareta de ouro ao redor da qual se enroscam duas serpentes que representam as correntes de polaridade contrária do grande agente mágico, conhecido pelos ocultistas com o nome de **Luz Astral**. O iniciado tem de saber captar as forças a fim de aplicá-las (11) à produção de efeitos considerados como milagrosos pelo vulgo, que ignora a causa natural ainda que misteriosa.

Ele que é ao mesmo tempo filho e amante de Isis, em outras palavras, discípulo e confidente da natureza, une ao caduceu a **baqueta mágica** e o **anel de Hermes**.

A **baqueta** é a imagem do condutor sutil, que estabelece a relação com o mundo supra-sensível. Aquele que a possui está dotado de uma espécie de sexto sentido, guia indispensável às operações mágicas.

Quanto ao **anel** provido do Sêlo hermético, implica participação na aliança universal dos que conhecem os segredos da eterna tradição, ou Cabala.

A esses instrumentos reunidos na mão esquerda, lado passivo ou receptivo, juntam-se o livro fechado e a faca do sacrificador, que se encontram na mão direita, lado ativo.

O **livro** encerra a obra pessoal do iniciado, que neste consignou o resumo, a soma de sua fé secreta, as verdades que conseguiu discernir por seus próprios esforços de meditação.

A **faca** serve para dissolver, do mesmo modo que o caduceu permite coagular e fixar. O adepto deve, com efeito, saber intervir a tempo para dispersar o acúmulo de energias inconscientes cuja explosão provocaria as piores catástrofes.

A espada mágica desempenha um papel análogo afastando os fantasmas, pois ameaça atravessar o envoltório que os rodeia, uma película semelhante a uma bolha de sabão. O gládio Verbo (Razão) é a arma do Sábio.

Se o adepto está representado com os pés descalços, é porque foi admitido no Santo dos Santos. Permite-se-lhe pisar o solo santificado, que é mortal para os profanos, mas com a condição de que se coloque em comunicação direta com a materialidade divinizada, com o que é divino traduzido em imagens e símbolos.

O calçado torna-o insensível aquilo que emana das profundezas, do interior da (Terra) Isis inspiradora.

Diante do adepto existe uma cesta com uns instrumentos de escriba ou de gravador. Vê-se entre outras coisas, um feixe difícil de descrever, no qual o senhor de la Rive reconhece umas espigas de trigo. O pintor, que geralmente sabe caracterizar os objetos, deve aqui ter representado outra coisa. Não acreditamos que exista referência à senha dos Companheiros (12). Provavelmente trata-se de alguns lápis, uma régua, papéis e uma pena. As duas pedras que estão ao lado podem ser matéria da pedra filosofal, matéria ordinária e comum em aparência, que só o sábio sabe descobrir e apreciar.

À esquerda do adepto, vestido com uma espécie de hábito vermelho (atividade masculina Jakin) há uma mulher inteiramente vestida de branco (receptividade feminina, Booz). É a sacerdotisa de Isis, companheira inseparável do adepto, posto que representa suas faculdades intuitivas. A chama que brilha à altura do ombro esquerdo ilumina o espírito com sua luz filosofal, dirigindo-se mais ao sentimento do que à fria razão. Existem verdades, com efeito, que exigem ser sentidas, pois se por um lado escapam ao controle da lógica, não é por isso que deixam de impor-se ao coração com um irresistível poder. São as verdades que nos protegem do depticismo estéril, destruidor de toda convicção. Do lado esquerdo da sacerdotisa pende uma bolsa, alusão às esmolas, à caridade, ao sentimento de comiseração para com o próximo, sem o que os iniciados mais brilhantes não seriam mais do que bronze ressonante e címbalos retumbantes.

A companheira do adepto possui ainda um espelho na mão direita, no qual se refletem as imagens da luz astral. Essas imagens são vivas, rondam as imaginações, provocam os sonhos, alimentam-se dos pensamentos que sugerem, dos desejos que excitam e das aspirações que fomentam. Renovam-se sem cessar através das idades, fantasmas mentais que servem de veículo a esta Tradição imperecedoura, independente da memória dos homens ou dos documentos materiais, que está escrita em caracteres etéreos no livro misterioso da grande Reveladora.

Os símbolos que restam a ser examinados são mais tipicamente alquímicos, como por exemplo, o vaso oval que a Virgem porta em sua mão direita. Este é o **ovo dos filósofos**, ou dito de outra forma, o vaso da natureza no qual ocorrem as operações da Grande Obra, que conduzem ao nascimento da Criança Filosófica, destinada a "enriquecer e aperfeiçoar a seus irmãos".

Este Ovo encerra o Sujeito da Obra, que é introduzido depois de ter sido cuidadosamente escolhido e purificado de todo corpo estranho que acidentalmente pudesse ter aderido à sua superfície. Trata-se, em outros termos, da escolha do **prof .!** que é despojado de seus metais antes de ser encerrado na Camara de Reflexões.

A morte simbólica do recipiendário corresponde à putrefação da matéria, que tomou a cor negra (Prova da Terra).

A decomposição que putrefaz, fase indispensável de toda regeneração, tem por finalidade separar o sutil do espesso. O que é inerte e pesado, cai ao fundo e converte-se em presa do Corvo de Saturno, pássaro voraz, símbolo de uma energia ávida e constrictiva, base do egoísmo individual. Em contrapartida, os princípios etéreos desprendem-se para alcançar as alturas (Prova do Ar).



Este desdobramento não é definitivo, pois ao elevar-se, as partes evaporadas condensam-se para tornar a cair em forma de chuvas sucessivas que lavam progressivamente a matéria, fazendo-a passar do negro ao branco passando pelos matizes intermediários do cinzento (Prova da Água).

À matéria, que alcançou o grau de pureza que assinala uma brancura perfeita, só lhe falta alcançar o vermelho por meio da exaltação do ardor sulfúrico (Prova do Fogo).

A obtenção desta cor indica ter-se completado a **Obra Simples**, que corresponde à **medicina de primeira ordem**, ou à iniciação no grau de aprendiz.

O recipiente filosófico termina num tubo dilatado do qual saem alguns cravos que lembram com suas cores as transformações ocorridas na matéria da Grande Obra. Os matizes em mutação que são produzidos de forma efêmera entre o negro e o branco, estão caracterizados pela **cauda do pavão**, que aberta, coroa o Ovo dos Sábios. Como suporte, o Ovo possui quatro cabeças de águia em forma de Cruz, que indicam a fixação quaternária, através da qual o mercúrio mais sublimado e integralmente purificado, toma contato com a matéria elementar (Iluminação do Companheiro) que depois de ver a luz, para si a atrai saturando-se e transformando-se na Estrela Flamejante.



O Ovo está rodeado por uma espécie de esfera celeste e obliquamente atravessado por uma faixa horizontal, na qual só existem quatro signos que se sucedem em ordem anormal. Ao Câncer e ao Leão sucede, com efeito, a Balança e esta é seguida por Peixes. As operações da Grande Obra que correspondem a estes signos são a dissolução , a digestão , a sublimação , e a projeção . Por meio desta última realiza-se a suprema transmutação, objeto da medicina de terceira ordem (Mestrado). O centro do círculo zodiacal coincide com o do ovo filosófico e este centro está marcado pelo símbolo do alúmer  , como se desse a entender que o ponto matemático central de cada ser confunde com o infinito  . Um segundo círculo dourado interfere no primeiro e o domina. Esta é uma alusão ao resultado da sublimação de sua personalidade.

Nossa tarefa torna-se extremamente difícil quando tentamos esclarecer os mistérios do navio que navega à direita da Virgem. Este é o barco de Isis, que torna possível a travessia do Oceano vital. Suas velas enfunadas pelo sopro do Espírito Universal recolhem o entusiasmo propulsor que provocou a queda do ciclope ao mar.

Este personagem, que deveria estar ocupando o mirante do mastro mais alto, perdeu o equilíbrio por influência da embriaguez astral. Do mesmo modo que o **louco** do Tarot, converte-se no instrumento passivo da força que dele se apodera. Não se controla e abandona-se quase sem reservas a seus impulsos, sem raciocinar. Seu único olho, com efeito, só lhe permite parcialmente distinguir, mas aquilo que perde em clarividência ele o ganha em força bruta. Dispõe de um enorme poder meio cego, cujo símbolo é o bastão que porta em sua mão esquerda (Poder do Crente incapaz de duvidar). A flauta que carrega pendurada ao pescoço, permite-lhe o desempenho do seu papel na orquestra do deus Pan (aptidão do encantador de animais selvagens).



Este inquietante impulso deve ser atirado para fora do navio místico. Sua presença a bordo traz perigo para a travessia. Para que esta possa realizar-se em segurança, é mister que o vigia seja

um homem sensível e em plena posse de si mesmo. É o que ocorre com o homem que se encontra no segundo mastro, amarrado por uma corda que Mercúrio desata, enquanto segue com o olhar o Cíclope que cai. Ele só poderá evitar para si mesmo idêntico destino, mediante um absoluto desinteresse. Entretanto, a tirania dos apetites instintivos opõe-se, como contra-peso necessário ao total esquecimento de si mesmo. Disso resulta um doloroso conflito, ao qual faz referência o corvo que fere o peito do iluminado para castigá-lo por ter imitado a Prometeu, roubando o fogo Celestial.

Este fogo, por outro lado, é o que provoca a precipitação do Ciclope do mesmo modo que provoca no Tarot a catástrofe do Arcano XVI. A silhueta do Ciclope coincide também, com a do rei que cai do alto da torre fulminada, a chamada **Casa de Deus**. No quadro de Reims o raio é substituído por uma espécie de cometa, que possui na cauda uma cornucópia surgida do centro de um círculo luminoso inscrito em um triângulo onde também está o símbolo alquímico do Fogo \otimes . O conjunto tem por objetivo lembrar-nos que a felicidade perfeita, a qual confere a riqueza suprema e a verdadeira prosperidade, encontra sua origem no fogo celestial que incandesce as almas puras. **Igne Natura Renovatur Integra** (13).



Na popa do navio sagrado, junto a um terceiro mastro partido, encontra-se a **Criança filosófica**, sentada sobre um coração irradiante. Este timoneiro é a **Razão** (Verbo encarnado, o Filho de Deus dos cristãos, Buddhi dos teósofos), que se apóia sobre o sentimento e a luz que dele se desprendem para manifestar-se como princípio da **consciência** diretora das ações humanas.

O **Globo do mundo**, que o Redentor apóia sobre os joelhos, é o símbolo da alma universal das coisas, cujo destino é evoluir para alcançar finalmente a perfeição. Esse é o sentido do símbolo alquímico \oplus no qual a cruz domina o ideograma da mineralidade da Terra como ser animado.

A bordo do navio a responsabilidade do comando cabe ao **Rei**, representando a **Vontade** cujas ordens são determinantes. Por cima de sua coroa lê-se o número 1266, e entre seu cetro e o ombro direito o número 1137.

Renunciamos a esclarecer o alcance destas duas cifras, novamente inscritas no globo alado que se encontra aos pés da Virgem. Pode ser que possuam um valor convencional de contra-senhas; que o primeiro se refira ao ato que formula teoricamente as volições e o segundo à sua execução prática. Estas hipóteses interpretativas carecem de base sólida. Comprovando que $1 + 2 + 6 + 6 = 15$ e que $1 + 1 + 3 + 7 = 12$ não teremos avançado muito pois o enigma permanece.

À frente do Rei e do Menino-Timoneiro, um ancião vestido com uma espécie de túnica inclina-se sobre a borda. Na mão direita porta um ramo florido de aveleira e na esquerda duas avelãs verdes, que oferece sem dúvida ao dragão da vida elemental. É o Mestre da **Vitalidade (Prana ou Jiva dos budistas)** e, em tal condição, domina a **Alma Corporal** (Vênus \sphericalangle). Possui a arte de expandir a vida (ramo florido) ou de concentrá-la (frutos).

Na metade do barco posta-se outro ancião vestido de negro. Na sua mão esquerda porta um livro aberto sobre o qual se eleva uma minúscula cabana. Estamos aqui ante esse nó da personalidade no qual tudo se apóia, chamado **Corpo astral** pelos ocultistas ocidentais e Linga Sharira pelos budistas. Por outra parte, o personagem não é outro que o Ermitão do Tarot (Arcano IX), que equivale a Twashtri, o Carpinteiro dos Vedas, a quem se atribui a tarefa de construir a forma astral, **Fundamento** do organismo material, (Yesod, 9ª sephira).

Os dois mastros que sustentam as velas unem-se pela base, por trás de um guerreiro com capacete e armadura, que porta na mão um bastão simples, e na esquerda apresenta ao velho já citado uma estátua de Minerva. Este é **Marte**, o entusiasmo ativo, que coloca sua energia a serviço de uma vontade sabiamente equilibrada.

Como último dos navegantes, citaremos ao jovem Hércules identificado por sua maça e a pele de leão que lhe serve de toga. As patas dianteiras do animal cruzam-se sobre o peito do adolescente, que lembra assim ao **Namorado** do Tarot (Arcano VI), que permanece às ordens do Bom Pastor. Por outro lado, como explicar, sem a ajuda desta figura, o Y invertido que se destaca claramente na borda do navio, à frente do nosso personagem ? Esta letra indica a bifurcação da rota, ante a qual o Namorado se detém, perplexo, sem saber se deve tomar à esquerda ou a direita, já que se vê solicitado por duas mulheres igualmente belas que simbolizam, uma delas: Gozo, Complacência, Malícia, e a outra: Trabalho, Austeridade, Virtude. Hércules no começo de seus trabalhos, teve que escolher entre duas formas de ver a vida. Portanto, o jovem herói representa o **livre arbítrio**, e está situado apropriadamente, na parte dianteira do barco, sobre Marte, pois este somente exerce sua energia por intermédio da determinação voluntária.

Esse barco representa o organismo que transporta o setenário da personalidade consciente, liberada de seus instintos primitivos (o Ciclope que cai ao mar). Na realidade há oito personagens a bordo, e um deles é um rei coroado com o cetro na mão. É o capitão que comanda a tripulação isto é, o **espírito individual**, senhor do complexo pessoal. Está próximo ao timoneiro, que é a **consciência** que se baseia no sentimento de piedade que a une ao Universal (religião no sentido mais elevado da palavra). Um ancião vestido de branco forma um triângulo com os dois primeiros personagens. Inclina-se sobre o oceano, depósito da vida, e em direção ao dragão, condensador da energia vital. Segura na mão um ramo florido e oferece frutos, como se quisesse manter a bordo a **vitalidade** que floresce na castidade. O segundo ancião vestido de escuro é a **experiência construtiva**. Possui a tradição (o livro), que representa a proteção orgânica. Marte defende a personalidade contra o inimigo exterior. É o executor das ordens do rei, que lhe transmite o **livre arbítrio** simbolizado pelo jovem Hércules na proa, sob o olhar da consciência timoneira. Resta o vigia, atado por Mercúrio à parte alta do grande mastro, com o qual forma unidade, a fim de ambos estarem atentos ao canto das sereias. É a **intuição**, que pressente e adivinha sob uma judiciosa sutileza mercurial. As velas estufam com o intrépido sopro do Espírito.

Daquilo que já foi dito resulta que o quadro analisado revela um simbolismo que, se bem não é o da mística cristã normal, não deixa entretanto de se religioso. É **iniciático**, mas inspira-se no hermetismo mais elevado, sem que possa entretanto ser diretamente relacionado às alegorias maçônicas. Encontramo-nos em presença de um exemplo de arte católica que não deveria escandalizar aos fiéis.



UM QUADRO ALQUÍMICO

Sob este título, o **Vrijmetselaar** (14) de fevereiro de 1908, trata de forma extensa de nosso estudo : “**Um simbolismo inquietante**”. (vide capítulo anterior).

Algumas de nossas interpretações determinaram comentários dos quais queremos fazer uma rápida análise.

A atenção do crítico holandês dirige-se, antes de mais nada, ao templo de Saturno, situado à direita do quadro da igreja de São Maurício de Reims.

A foice e o relógio de areia nem sempre foram atributos de Saturno, que os latinos representavam primitivamente sem asas e com uma única serpente. Deus dos campos, Saturno ensinava a arte da jardinagem sem desdenhar a poda dos vinhedos e das árvores frutíferas. Como sempre, a mitologia popular servia de véu a um profundo esoterismo. Governar a seiva vital, ser econômico em seu uso, dirigi-la tão somente aos ramos que devem frutificar, é a missão do deus, que é implacável com a madeira morta e os brotos improdutivos. Já não é o destruidor cego que ceifa sem discernimento, mas o agente do progresso por seleção, princípio regulador da produção vital. Isto significa que a morte só serve para reforçar a vida fecunda e produtiva, que é a lei universal.

A Sibila é a sacerdotisa do Templo de Saturno, porque a adivinhação baseia-se na compreensão das causas ocultas nas profundezas que são o domínio desse deus. A unidade fundamental das coisas, ser-nos-ia revelada se pudéssemos penetrar até a causa das causas, chave de todos os mistérios. Mas estes não poderiam ser revelados se as cordas da harpa na qual se apóia a sibila, não se pusessem a vibrar.

Isto significa que não basta ao adivinho desenvolver sua penetração de espírito, sua faculdade de raciocinar e de compreender. Pois, onde estaria o adivinho se não tivesse essa sensibilidade musical que percebe os acordes da sutil harmonia das coisas ? Para sermos mais sensíveis, sejamos desinteressados como a Sibila, indiferentes às moedas de ouro que caem a seus pés; saibamos despojar-nos de nossos metais, como o exige o ritual maçônico. O egoísmo, o amor às riquezas e a sede de honras paralizam a lucidez e erguem-se como um biombo ante nossa visão espiritual. É a venda simbólica colocada sobre os olhos do profano que ainda não pôde conquistar a luz.

Os dois tritões que tocam a trombeta sobre a cúpula do templo de Saturno inspiraram nosso sábio colega a fazer extensa dissertação sobre os Elementos, assimilados aos Quatro Ventos do Espírito. A esse respeito, nunca poder-se-á deplorar o suficiente as modificações que tem sido feitas nos antigos rituais maçônicos. Perdeu-se, diz nosso comentarista, aquilo que não se compreendia, e - algo mais desastroso ainda - aquilo que se acreditava compreender. Obstinando-se em confundir os Elementos dos antigos com os corpos simples da química moderna, não souberam atingir a noção do Quaternário elemental, agente de diferenciação da substância primordial una em sua essência. **Terra, Água, Ar, Fogo**, representam o que provoca o estado sólido, líquido, gasoso e etéreo. Além disso, tem-se estabelecido relações de analogia entre a Terra e o Corpo, a Água e a Alma, o Ar e o Espírito, o Fogo e o Princípio Motor universal.

Estas equivalências permitem examinar a prova da Água, na forma empregada em todas as iniciações, como a imagem da passagem da vida sensual à vida espiritual. O homem animal, imerso nas correntes da objetividade, não consegue se libertar se não vencer sua animalidade. Emerge da Água ao estado de homem propriamente dito, isto é, de homem plenamente Homem. Ao atravessar os elementos, deixamo-lhes aquilo que a eles pertence, isto é, o que em nós existe de inferior. Sacrificando nosso egoísmo, deixamo-nos penetrar cada vez mais pelo divino que nos aproxima da Unidade. Um sentimento novo desenvolve-se então em nós, o do amor universal. Enquanto não o experimentar-mos, não seremos mais que falsos iniciados, em que pese nossa sabedoria e nossos talentos adquiridos.

Inquirindo-nos agora sobre o tipo de água na qual nadam os tritões, mais aéreos que aquáticos, convém referir-nos à mitologia hindu. Esta mostra-nos Varuna, que já não é um simples Netuno “senhor das águas”, como disse o Purana, mas o Rei primitivo de todas as coisas, cujo domínio, como o de Urano, é o da totalidade do mundo. É ele quem ao concretizar a substância fluida universal - a Água simbólica - fez surgir do caos o Céu e a Terra.

Esta água, que é o elemento natural dos tritões, corresponde à matéria independente de todas as formas e de todos os aspectos que é capaz de revestir. Em si mesma encerra todas as possibilidades de formação e de transformação, mas nenhuma arbitrariedade determina suas formas ou as suas modificações. O futuro está encerrado nesta matéria, de forma tal que basta conhecer a lei que a governa para possuir o dom da adivinhação e da profecia.

Ao sopro de Varuna corresponde o vento que vivifica o fogo do sol e o faz arder, do mesmo modo que provoca o brilho das estrelas, que sem ele extinguir-se-iam como carvão apagado. Este sopro governa até o menor ato das criaturas, pois nenhuma pode sem ele, nem sequer fechar os olhos uma única vez. Trata-se pois, do espírito que realiza na natureza a lei da manifestação divina, e por isto é dito que Varuna tudo conhece, o que foi e o que há de ser. Mas, o que foi, o que há de ser, e o que é, tudo isso é uma única coisa, pois está compreendido dentro da unidade da própria natureza.

Podemos agora compreender porque motivo os tritões, desde o seio da matéria, conferem o pressentimento do porvir às almas fortes, que são capazes de não se distrair por aquilo que a Natureza quer lhes ensinar. Com efeito, a Natureza quer revelar seus segredos - inclusive os do futuro a quem pela fiel busca procura a verdade. Aquele que quer escutar ouve sua voz e percebe as advertências dos tritões.

O redator do **Vrijmetselaar** faz algumas observações interessantes sobre o prumo suspenso do bastão que emerge de uma das janelas do pequeno templo que a Virgem do quadro de Reims ergue com sua mão esquerda. Reconhece que nós fizemos uma interpretação até agora inédita desse prumo quando nos referimos à necessidade de descer em si mesmo para penetrar até o centro de onde surge a luz interior, a qual, segundo o Evangelho de São João, ilumina a todo o homem que vem a este mundo. Realmente, todos os autores que tratam do simbolismo maçônico, consideram o prumo somente em seu caráter de instrumento da arte de construir. Consideram-no, em consequência, como um instrumento da construção na altura, sem perceber que serve igualmente para o trabalho na profundidade. É o aprofundamento de um poço vertical, que atinge o fundo da Terra, à qual diz respeito o prumo da pintura alquímica. Está suspenso sobre a cabeça do adepto, que deve recolher-se em si mesmo para alcançar o centro de sua personalidade, onde descobrirá a misteriosa quintaessência, isto é a essência de seu eu real, livre de toda contingência da forma. “Conhece-te a ti mesmo” diz o prumo, pois aquele que socraticamente chega a conhecer-se a si

próprio aprende a discernir a Unidade fundamental na identidade do Todo. A custa do aprofundamento, o pensador consegue compreender mentalmente alguma coisa, e dela se apropriar, amando-a não só isoladamente, mas em relação à própria universalidade.

O **Vrijmetselaar** considera que a nossa interpretação do prumo merece ser adotada pela maçonaria, pois possui a vantagem de explicar porque este instrumento é a joia do segundo vigilante, colocado na Coluna do Norte. Adaptando-se perfeitamente, esta interpretação é mais profunda que aquela dada por Klein num estudo publicado na **Ars Quator Coronaturum**, vol. IX.

Nossa interpretação não contradiz aquela geralmente admitida, pois na maçonaria prática o prumo controla a verticalidade, seja ela referente a paredes, escavações ou mesmo uma torre. Para ter solidez, um edifício não deve inclinar-se para lado algum.

Na maçonaria filosófica ou especulativa, o prumo é o símbolo de uma força centrípeta, de uma ação exterior, penetrante, como aquela que os alquimistas atribuem ao Mercúrio \leq . Por outro lado, o nível, cuja forma lembra o ideograma do Enxofre \triangle , diz respeito ao princípio de expansão individual, que é traduzido por uma radiação que partindo do centro, propaga-se para o exterior.

Os maçons nunca duvidaram quanto à atribuição desses instrumentos móveis que são o Esquadro do Mestre, o Nível, jóia do Primeiro Vigilante e a Perpendicularidade vinculada ao Segundo Vigilante. Passar da Perpendicularidade ao Nível significa ser elevado do primeiro ao segundo dos graus. Os Aprendizes vinculam-se assim ao Segundo Vigilante e os Companheiros ao Primeiro. Como os Aprendizes sentam-se no Norte e os Companheiros no Sul, a lógica requer que os Vigilantes sejam colocados de forma a observar, o Primeiro os Companheiros e o Segundo os Aprendizes. Conforme os ritos, as exigências são satisfeitas de forma diferente. Fica estabelecido que o Nível-Enx \triangle , iniciativa masculina ativa, corresponde ao Sol ' e a Perpendicular-Mercúrio \leq , a receptividade feminina passiva, da Lua Y. Entretanto, o simbolismo maçônico possui contradições que parece serem deliberadas. É assim, que o Nível, jóia do Primeiro Companheiro, corresponde à Aprendizagem e à Coluna Jakim, junto à qual os Aprendizes recebem seu salário. Estes passam pelas provas da antiga iniciação solar, masculina ou dórica.

Devem se concentrar em si mesmos, descer até o centro sulfúrico no qual arde seu fogo interior. Isolado cuidadosamente do exterior, este ardor individual deve ser exaltado de forma progressiva. Subtraído a todas as influências externas, o Aprendiz dedica-se ao dorismo procurando alcançar a posse de si mesmo. Filho de Apolo, combate as trevas que o rodeiam e acaba por conquistar a luz depois de uma série de vitórias sobre si mesmo, obtidas com sua própria energia. Quando obteve a vitória, exaltando o fogo solar que está nele, o Primeiro Vigilante recompensa-o e o admite no grupo dos Companheiros que estão sob a égide do Nível.

A perpendicular, que o segundo vigilante porta, convida o neófito a não depender a não ser de si próprio, e de sua energia pessoal, e a penetrar em seu interior, atingindo os lugares infernais aonde os heróis iniciam-se nos segredos da ação. Mas, o iniciado levanta-se depois de ter descido e ao elevar-se descobre uma luz que já não é a do Enxofre \triangle , pois provém de todos os lados, do ambiente infinito, domínio de Mercúrio \leq . Na sua condição de Companheiro, cabe a Mercúrio concentrar essa difusa claridade para condensá-la em torno de si, como atmosfera luminosa. Coagulando o Mercúrio \leq , transforma-se na Estrela Flamejante. Então, mesmo trabalhando sob a direção do Primeiro Vigilante, nem por isso deixa de ter dívidas com o Segundo Vigilante, que sempre guiará os seus passos. A atração do Mercúrio é uma operação feminina, o Companheirismo é jônico-lunar, e a Coluna Booz também o é, por oposição ao vermelho de Jakin.



HERMETISMO E FRANCO-MAÇONARIA

Continuando nosso estudo sobre o quadro alquímico da igreja de São Maurício de Reims, é oportuno referirmo-nos aqui a um livro alemão, cujo autor, Wilhelm Hohler, trata de demonstrar que a franco-maçonaria se relaciona estreitamente com a alquimia, ou mais exatamente com a filosofia hermética. O trabalho ao qual nos referimos foi publicado por Weiss e Hameier, em Ludwigshafen, em 1905, sob o título de **Hermetische Philosophie und Freimaurerei**. Na realidade não é mais do que uma seleção de textos cuidadosamente escolhidos entre os alquimistas mais conhecidos, como Basile Valentin, Michel Maier (Sendivogius), o abade Jean Tritheme, Raimundo Lúlio, Roger Bacon, Arnauld de Villeneuve, Jean d'Espagnet, Robert Fludd e outros menos conhecidos, como Benedictus Figulus, Egidius Gutmann, J. Stellatus, Alex von Suchten, Mylius, Janus Lacinius, Tanck, Leonhardt Thurneiser, etc. Estas citações tem-nos dado material para os capítulos seguintes. O Universo e o Homem - Astrologia - Teosofia - Magia - Cabala - Alquimia, este último dividido em sub-capítulos: Significado da palavra Alquimia - Os aspirantes - A tradição - Símbolos - A matéria - Os trabalhos - Cores, fogo, instrumentos - Ouro potável e **Christus lapis**.

O F.!. Hohler somente quis dirigir-se aos franco-maçons. Por isso deixa a seus leitores o cuidado de estabelecer as aproximações entre os textos alquímicos que ele reproduz e os ensinamentos maçônicos que lhe devem ser familiares. Este método pode deixar perplexos aos espíritos preguiçosos que jamais se preocuparam em buscar o sentido de todos os enigmas que a franco-maçonaria propõe. Por outro lado, o método responde às exigências dos pensadores, que, não temendo o trabalho de reflexão, preferem que lhes sejam dados os elementos de um problema, e não uma solução formulada de forma mais ou menos dogmática. No domínio do simbolismo não é necessário detalhes muito grandes, uma vez que os símbolos iniciáticos correspondem a concepções pouco compreensíveis por natureza, e que de modo algum podem ser reduzidos a simples definições escolásticas.

Em última análise, estas não conduzem mais que às **palavras**, entidades inteiramente falazes, com as quais sabem jogar os sofistas. A palavra é essencialmente o instrumento do paradoxo. Toda tese é defensável pela argumentação, que pode demonstrar o pró tão triunfalmente como o contra. Porque, longe de referir-se a realidades efetivas, concebidas em si mesmas, toda dialética só coloca em discussão as imagens verbais, fantasmas de nosso espírito, que se deixa deslumbrar por esta falsa e vulgar moeda do pensamento.

Não é surpreendente, nestas condições, que dois filósofos de pensamentos opostos tenham dividido a intelectualidade dos séculos passados. Um lado fundamentava seu ponto de partida na lógica de Aristóteles e pretendia atingir a verdade utilizando raciocínios rigorosos, baseados em premissas supostamente incontestáveis. Era a filosofia oficial, aquela que era ensinada publicamente nas escolas, daí seu nome de **Escolástica**.

Antagonizando-a, existia uma filosofia que de modo geral foi sempre oculta, porque era rodeada de mistério e apresentava seus ensinamentos sob o véu dos enigmas, das alegorias ou dos símbolos. Através de Platão e de Pitágoras, pretendia relacionar-se aos hierofantes egípcios, e até o próprio fundador da ciência, Hermes Trismegistos, ou seja, Três vezes Grande, pelo qual a ciência foi chamada **Hermética**.

Esta segunda filosofia distinguia-se por pretender fazer abstrações das **Palavras**, por absorver-se na contemplação das coisas, tomadas em si mesmas, em sua própria essência. O discípulo de Hermes era silencioso, não argumentava jamais e não buscava convencer ninguém. Encerrado em si mesmo, refletia profundamente e assim acabava por penetrar os segredos da natureza. Convertia-se então, no confidente de Isis e entrava em comunhão com os verdadeiros iniciados. A Gnose revelava-lhe os princípios das antigas ciências sagradas que, em consequência, tomaram corpo sob a forma da Astrologia, da Alquimia, da Magia e da Cabala.

Estas ciências, atualmente consideradas mortas, aplicam-se todas a um único objetivo: o discernimento das leis ocultas que regem o universo. Diferenciam-se da **Física**, ciência oficial da natureza, por seu caráter misterioso e transcendente. Assim, em seu conjunto, todas elas constituem uma espécie de **Hiper-Física**, frequentemente denominada **Filosofia Hermética**.

O que, além disso, distingue esta filosofia é que não se contenta em ser puramente especulativa. Com efeito, sempre perseguiu um fim prático tendo em conta um resultado efetivo e sua suprema ambição era o que foi denominado a **realização da Grande Obra**.

Aqui impõe-se uma comparação com a **Franco-maçoneria**, que parece ser uma transfiguração moderna do antigo Hermetismo. O simbolismo maçônico constitui com efeito, uma estranha mistura de tradições tomadas das antigas ciências iniciáticas. Leva em consideração o valor cabalístico dos nomes sagrados e rege o cerimonial conforme os próprios princípios da Magia. Por outro lado, utiliza o Sol, a Lua e as Estrelas, tal como matéria da Astrologia. Mas é a Alquimia filosófica tal como era concebida pelos Rosa-Cruzes do século XVII, a que apresenta as mais surpreendentes analogias com a Maçonaria. Existe, de uma e outra parte, identidade de esoterismo. Os próprios temas iniciáticos traduzem-se em alegorias extraídas uns da metalurgia, e outros da arte da construção. A Franco-maçoneria não é, deste ponto de vista, mais que uma transposição da Alquimia.

Um leitor prevenido encontrará numerosas provas nos textos citados por F. H. Hohler. Acreditamos, entretanto, que ele procedeu com exagerada discrição e, para dar um passo à frente no assunto, abordaremos francamente a questão, nas páginas que seguem.

Para restringir este estudo não trataremos a não ser da **ritualística** da Maçonaria clássica, chamada de São João, que não possui mais do que três graus. Isto permitir-nos-á, do ponto de vista alquímico, fazer abstrações dos símbolos considerados em si mesmos, para dedicar-nos exclusivamente as operações sucessivas que conduzem a realização da Grande Obra.

Não se realizando nada com nada, o ponto de partida da obra filosófica é a descoberta e a escolha do sujeito. A matéria a considerar, dizem os alquimistas, é muito comum, podendo ser encontrada em qualquer lugar. A única coisa necessária é saber distingui-la e nisto reside toda a dificuldade. Fazemos continuamente a experiência da maçonaria, pois, às vezes, empreendemos

experiências profanas que deveríamos ter previamente repellido, se tivéssemos sido bastante perspicazes.

Nem toda a madeira é boa para fazer-se o Mercúrio. A Obra só pode ter êxito quando conseguimos encontrar um sujeito conveniente. Por isto a Maçonaria multiplica as investigações antes de admitir um candidato às provas.



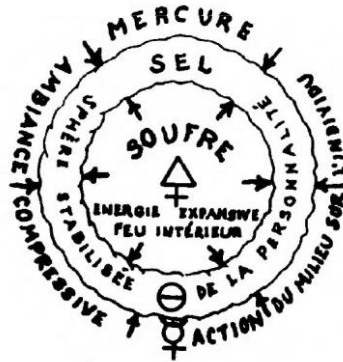
Iniciam-se, em primeiro lugar, pela **limpeza dos metais**. A alquimia recomenda, uma vez discernida a matéria propícia, uma vez minuciosamente examinada e reconhecida, limpá-la exteriormente para livrá-la de todo corpo estranho que possa acidentalmente aderir à sua superfície. Em resumo: a matéria deve ser reduzida a si mesma. E é de modo análogo que o recipiente é chamado a despojar-se de tudo o que artificialmente possui; ele também deve permanecer estritamente reduzido a si mesmo.

Neste estado de inocência primitiva, de candidez filosófica reencontrada, o sujeito é encerrado num espaço reduzido, aonde nenhuma luz externa penetra. É a **Câmara de Reflexões**, que corresponde ao recinto do alquimista, a seu **Ovo filosófico** hermeticamente fechado. O profano encontra ali a tumba tenebrosa, aonde voluntariamente deve morrer a sua existência passada. Decompondo os revestimentos que se opõe à livre expansão do germe da individualidade esta **morte simbólica** é o prelúdio do nascimento do novo ser, que será o Iniciado. Este, nasce da **putrefação**, representada pela **cor negra** dos alquimistas.

O ritual Maçônico estabelece que, entre os objetos encerrados na câmara de reflexões, deve existir um par de recipientes contendo um o **Sal** e outro o **Enxofre**. Por que motivo ? Tornava-se impossível responder sem basear-se na teoria dos três princípios alquímicos: **Enxofre, Mercúrio e Sal**.

O **Enxofre** \triangle , corresponde com efeito, à energia expansiva que parte do centro de todo o ser (coluna J .'. vermelha, iniciativa individual). Sua ação opõe-se à do **Mercúrio** \leq que tudo penetra por sua influência provinda de fora (coluna B .'. branca, receptividade, sensibilidade). Estas duas forças antagônicas equilibram-se no S: \ominus , princípio de cristalização, que representa a parte estável do ser. Aquela cuja condensação se efetua na zona onde as emanções sulfurosas escapam à compreensão mercurial ambiente.

Por sumárias que estas indicações sejam, não menos justificam a prática ritualística no que concerne ao **Sal** e ao **Enxofre**. A exclusão do **Mercúrio** impõe-se com efeito, porque o Recipiendário deve realizar o total isolamento. Para poder conhecer-se, segundo o princípio socrático é necessário que faça abstração de tudo o que lhe é exterior, a fim de absorver-se em si mesmo e de encontrar-se finalmente em presença do centro de sua individualidade.



Esta operação corresponde à **prova da Terra**, representada poeticamente por uma descida aos infernos, à qual faz alusão a palavra **VITRIOLO**, cujas letras formam as iniciais de uma fórmula muito considerada pelos alquimistas: **VISITA INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM**. **Visita o interior da Terra** (as trevas infernais, o **School** dos judeus, o **Aral** dos caldeus) e, **retificando** (por meio de purificações integrais e reiteradas) **encontrarás a pedra oculta**.

Esta pedra é um símbolo essencialmente maçônico, e é provável que os alquimistas tenham tomado este emblema dos Iniciados construtores. Com efeito, normalmente uma pedra não encontra seu lugar num simbolismo de metalurgistas, ao contrário é natural que seja submetida a uma limpeza e cuidadosamente talhada, para finalmente ser polida pelos maçons. Por outro lado, estes possuem menos mistérios em relação à sua Pedra que os hermetistas. Por isto, declaram abertamente que sua **Pedra** bruta é o próprio Iniciado, em sua primeira fase. Este, adentra-se enquanto Aprendiz, a fim de ter merecimentos para chegar a ser Companheiro, pelo simples fato de sua transformação em **Pedra cúbica**. Rigorosamente esquadrejada, esta Pedra possui, ao menos em portência, todas as virtudes da famosa Pedra filosofal. Mas é mister, possuir integralmente a Arte, ser um obreiro perfeito ou um Mestre, para realizar as transmutações.

Naturalmente, estas não se aplicam à produção de tesouros de valor puramente convencional. Trata-se aqui de realizações muito mais preciosas que aquelas que possam vir a tentar aos cobiçosos.

Abandonado a si próprio, privado de toda a ajuda, o sujeito encerrado no Ovo filosófico não demorará a cair nas garras da tristeza. Languidesce, suas forças o abandonam, e assim, inicia-se a decomposição. Sob a influência desta, o sutil desprende-se do espesso. É a primeira fase da **prova do ar**. Depois de descer até o centro desse mundo, aonde estão as raízes de toda a individualidade, o espírito ascende, eleva-se, aliviado do **caput mortuum** que se encontra enegrecido no fundo do vaso hermético. Este resíduo está representado pelas vestimentas, das quais teve de se livrar o recipiendário para sair de seu **in pace**. Agora poderá abrir um caminho em meio à escuridão, sem deixar-se assustar pelos obstáculos que se multiplicam. As alturas atraem; fugindo do inferno ele quer ganhar o céu e empenha-se em subir a encosta abrupta da montanha ideal, cujo cume deve resplandecer de luz.

Sua subida, vê-se interrompida por uma terrível tempestade que rebenta bruscamente. Estala o trovão e o torvelinho de um furacão envolve o temerário, que precipitado através dos ares, é arrastado para seu ponto de partida.

Esta é uma imagem da circulação que se estabelece no vaso fechado do alquimista, recipiente ao qual corresponde a Loja, geralmente coberta. O recipiente, submetido às provas, reproduz à sua maneira o desdobramento do sujeito alquímico cuja emanção volátil se desprende a medida que se eleva, até que o frio das alturas a condense. Daqui surge uma chuva que lava o resíduo putrefato, cuja ablução progressiva aparece na Alquimia sob o nome de **purificação pela água**, que ele mesmo realiza na maçonaria depois de abandonar a tumba funerária na qual deve ter morrido simbolicamente. Se não pode ser evitada certa confusão a respeito, isto é devido a que as operações da realização da Grande são executadas todas no mesmo e único vaso, enquanto que as diferentes fases da iniciação maçônica são desenvolvidas numa série de locais especialmente apropriados. Esta divergência é insignificante do ponto de vista esotérico, mas, é mister levá-la em conta quando são estabelecidas relações entre os símbolos usados por uns e por outros.

Alternativamente evaporada pela ação do fogo e depois condensada pelo frio, a Água atravessa incessantemente a parte da terra do sujeito, ao qual as repetidas passagens pela água fazem -lhe passar insensivelmente do negro ao cinza e finalmente ao branco, não sem antes fazer-lhe adquirir num dado momento, toda a gama de brilhantes matizes da cauda do pavão real.

Quando atinge o branco, a matéria purificada é de grande valor. É o símbolo do sábio que sabe resistir a todos os impulsos. Mas, é muito importante não contentar-se unicamente com as virtudes negativas; ainda resta por suportar a **prova do Fogo**.

Para os alquimistas trata-se da **calcinação** do sujeito, que fica exposto a um calor tão intenso que tudo nele se queima, apesar de que a destruição só atinge a parte dele que nele deve ser destruída. Do ponto de vista iniciático, esta parte está formada pelos germes das paixões mesquinhas, os indícios do estreito esgoísmo, os resíduos da baixa ou da corrupção. O **Sal** torna-se então completamente purificado: sua transparência é perfeita, pois já nenhuma substância estranha está misturada aos cristais. Enquanto o Recipiendário não atinge o estado correspondente, não é atingido pela luz maçônica. É necessário, pois, que seja concluído o ciclo de suas purificações para que a venda simbólica caia dos seus olhos, pois a claridade não pode penetrar nele se não se tornar receptivo à sua irradiação. Todas as provas do primeiro grau levam em consideração esta permeabilização dos invólucros terrestres ou salinos, que isolam o centro do fogo interior, fonte da combustão sulfurosa ou individual. Liberar a luz interior, exaltá-la para romper a crosta que a oculta e tende a sufocá-la, tal é o programa da **Obra Simples** ou da **Medicina de Primeira Ordem**, ou seja, do grau de Aprendiz.

Este grau limita-se a fazer ver a **Luz** exterior ou universal. Coloca-nos simplesmente em relação com esta fonte de iluminação na qual devemos como Companheiros, sermos inspirados através da Gnose, com todas as prerrogativas iniciáticas. Trazendo-a para nós e nos saturando dessa Luz ambiente, que Paracelso chamou sideral ou astral, obteremos a cor vermelha da Obra, que é um sinal de realização da Pedra perfeita, que chamamos cúbica.

A Pedra filosofal é um Sal \ominus , perfeitamente purificado, que coagula o **Mercúrio** ≤ a fim de fixá-lo num **Enxofre** \blacktriangle extremamente ativo.

Esta fórmula sintética resume a Grande Obra em três operações que são, a purificação do Sal \ominus , a coagulação do Mercúrio ≤ e a fixação do Enxofre \blacktriangle .

Indicamos aqui as fases da primeira das operações, que em maçonaria são vinculadas ao grau de Aprendiz. Resta a demonstrar a forma na qual a Obra prepara para o grau de Companheiro,

e como é concluída através da Mestria. Este último grau surge como a coroação da hierarquia iniciática, o que parece negar todo o valor dos chamados graus superiores, que muitas vezes foram representados como anexos inúteis e perniciosos.

De passagem, convém a este respeito, colocar as coisas em seus devidos lugares.

A totalidade do esoterismo maçônico concentra-se nos três graus denominados de São João, se soubermos compreendê-los em toda a sua extensão. Por desgraça, estes graus são muito profundos, e portanto não estão ao alcance das inteligências medianas. Portanto, foi em atenção aos espíritos medíocres que os graus se multiplicaram durante o curso do século XVIII. Extraíndo o conteúdo esotérico condensado nos três primeiros graus, houve um esforço para que se compreendesse, empregando novas formas e recorrendo às mais variadas alegorias, os fundamentos da doutrina, esquecendo as imagens que se referem propriamente a arte da construção. É assim que se pretendeu que os graus elevados fossem cavalheirescos, templários, alquímicos, cabalísticos, etc., numa palavra, tudo menos maçônicos.

Se não fosse necessário considerar a maçonaria nada além do ponto de vista abstrato ou teórico, estes críticos severos, que protestaram contra a “embriaguez dos altos cumes”, teriam muita razão. Mas, é necessário levar em consideração as contingências, tornando-nos indulgentes com aquilo que em verdade trata de ajudar a debilidade humana. A maior parte dos adeptos da Arte Real contenta-se em **receber** os graus simbólicos, mas, como não consegue assimilá-los, nunca os possui efetivamente. Eles estão de posse de um tesouro, mas, ignoram o seu valor e não lhe tiram proveito algum. Portanto, os graus elevados não tem outra missão além de fazer compreender esotericamente os três graus fundamentais da franco-maçonaria. Não possuem a pretensão de revelar novos segredos, estranhos a maçonaria simbólica. Toda a sua ambição, limita-se pelo contrário, a bem compreendê-la, a valorizá-la no espírito de seus adeptos, e a convencê-los da importância do Aprendizado, para que possam converter-se em **Companheiros** de verdade e legítimos aspirantes da verdadeira Mestria. Este último grau corresponde necessariamente a um ideal que nos é proposto e ao qual devemos tender, ainda que sua realização não esteja ao nosso alcance. Nosso **templo** não se poderá nunca vir a concluir, e ninguém pode aspirar a que nele ressucite plenamente o autêntico e eterno **Hiram**.

Retornemos agora às operações da Grande Obra.

Vimos que a **purificação integral do Sal** \ominus é realizada pelo maçom no curso de seu Aprendizado. Terminada esta purificação, começa a **Camaradagem**. Manifesta-se então, a cor **vermelha**, que é a que o ritual atribui às pinturas da câmara dos Companheiros. O adepto do 2º grau, deve exteriorizar, efetivamente, seu ardor sulfuroso \triangleleft , seu Fogo interior, construtivo ou realizador, ao qual diz respeito a coluna J., ativa, vermelha e masculina. Como é lógico, o Aprendiz recebe seu salário junto a esta coluna, à qual chega depois de cumprir seu aprendizado. Para vencer em suas provas, teve que desenvolver uma atividade constante, a fim de rechaçar as influências exteriores que tendiam a dominá-lo. A prova do Fogo entranha a exaltação do Enxofre \triangleleft , cujo ardor penetra no Recipiente a fim de nele constituir, finalmente, uma atmosfera ígnea. Nestas condições, o **vermelho** convém sem dúvida ao próprio Aprendiz, e ainda mais à coluna J., da qual deve se aproximar para ser recebido como Companheiro. Mas a Loja do primeiro grau deve estar coberta pelo **azul**, pois representa o Universo em sua imensidão ilimitada.

Quanto à Câmara do Companheiro, coberta de Vermelho, representa um domínio muito mais restrito: a esfera de ação de nossa individualidade medida pela extensão de nossa radiação sulfurosa.

Esta radiação engendra um meio refratário, que refrata a luz difusa ambiente para concentrá-la no centro espiritual do sujeito. Este é o mecanismo da **iluminação**, da qual se beneficiam aqueles que viram brilhar a **Estrela Flamejante**.

Todo ser porta consigo este astro misterioso, ainda que muitas vezes no estado de incipiente fagulha, apenas perceptível. É o **Menino filosófico**, o Logos imanente ou o Cristo encarnado que a lenda faz nascer obscuramente, em meio às imundícies de uma gruta que serve de estábulo.

A Iniciação converte-se na vestal deste Fogo interior, Princípio de toda individualidade. Sabe mantê-lo enquanto este jaz sob as cinzas, depois, aprende a alimentá-lo de forma apropriada, e o atíça finalmente para que vença os obstáculos que o rodeiam e que pretendem reduzi-lo ao isolamento. Com efeito, é importante que o **Filho** se coloque em relação com o **Pai**, que o **Interior** \triangleleft se comunique livremente com o **Exterior** \leq , isto é, que o indivíduo entre em comunhão com a Coletividade da qual provém.

Abandonados unicamente aos nossos próprios recursos pessoais, só poderemos agir sobre nós mesmos. É isto exatamente o que nos é pedido em nossa condição de Aprendizes. Mas, uma vez que nossa Pedra bruta está desbastada, talhada e polida de acordo com as regras, já não temos que nos preocupar com a nossa personalidade, pois que do ponto de vista da purificação do Sal \ominus ela é aquilo que deve ser.

Mas uma vez aperfeiçoado o instrumento da ação, devemos atuar sobre aquilo que para nós é exterior e iniciar assim o trabalho propriamente dito, ao qual nos dedicamos como Obreiros ou Companheiros. Mas, o que realizaríamos em tal condição seria insignificante. Devemos possuir o segredo de poder recorrer a forças que nos são exteriores. Aonde absorver estas forças misteriosas? Não será na coluna B., cujo nome significa: **Nele está a força**? Elevada ao Norte, à frente da lua, da qual reflete a brancura suave e feminina, esta coluna corresponde ao **Mercúrio** dos alquimistas \leq , princípio dessa essência vivificante que penetra nos seres para animar continuamente neles o ardor ce \triangleleft al .

Quando este calor se exterioriza com violência, como o exige a vermelhidão da matéria (prova do Fogo), surge no centro um vazio relativo que funcionando como um ímã, exerce uma atração sobre o **Aço dos Sábios** \triangleleft . Esta substância, cujo ideograma combina o Enxofre com o Alumen \circ , ou o Fogo com o Antimônio \oplus , corresponde ao manto flamejante que envolve o Iniciado quando ele é purificado pelo Fogo. É a atmosfera etérea ou o nimbo ígneo, que serve de receptáculo às virtudes superiores. Os adeptos viram nele, “a chave de toda obra filosófica, o milagre do mundo, que Deus marcou com seu selo”. E acrescentam, que é a mina de ouro filosófica, um espírito primordialmente puro, um fogo infernal e secreto, muito volátil em seu gênero, semelhante à **quinta essência das coisas do Universo**.

Este Fogo exteriorizado ou celestial é um dos dois aspectos atuais, ou efetivamente ativos da Grande Obra. O outro é o Fogo central, que se exalta até o ponto de ser atrativo para o primeiro, como um ímã. Estabelece-se então, uma circulação pela qual os dois agentes reduzem-se a um só, que é o **Fogo filosófico**, do qual fala a Tábua de Esmeralda, quando ali lemos: “**Ele** (o agente hermético por excelência) **sobe da Terra ao Céu e depois desce do Céu à Terra, e recebe a força**

das coisas de cima e de baixo. Terás assim a glória de todo o universo e deste modo, toda a escuridão te abandonará. Nisto reside a força bruta de toda força que haverá de vencer todas as coisas sutís e haverá de penetrar toda a coisa sólida”.

O Fogo filosófico é mantido pelo **Enxofre vermelho dos sábios**, cuja imagem é a Fênix que renasce continuamente de suas cinzas. Se este pássaro fabuloso, de plumagem vermelha, era consagrado ao Sol, é porque representava o princípio da fixidez individual.



Além disso, do ponto de vista iniciático, simboliza de forma especial, a imutabilidade adquirida pelo adepto, cuja iniciativa individual é exercida em perfeito acordo com a impulsão que todo o construtor recebe do poder regulador da construção universal, ou dito de outro modo, do Grande Arquiteto do Universo.

Para o Companheiro que possui a ambição de saber trabalhar, trata-se de se transformar na Fênix. Se não o conseguir, nunca será nada mais que um obreiro medíocre, e é justamente por isto que dele será dito: “não é uma Fênix”.

Por outro lado, trabalhar não quer dizer agitar-se exageradamente, gastando brutalmente as forças, como os ciclopes, cuja falta de discernimento está simbolizada pelo olho único que lhes é atribuído pela mitologia. O Iniciado trabalha com inteligência, iluminado por essa compreensão que lhe permite assimilar a Gnose. Nisto não deverá ser sempre **ativo** (como o cíclope), pois para entender é necessário tornar-se passivo ou receptivo do ponto de vista intelectual. A condição indispensável de toda ação fecunda é a combinação acertada da atividade e da passividade. É por esta razão que o Companheiro deve possuir profundamente a teoria das duas colunas, enquanto que o Aprendiz só precisa conhecer uma só cujo nome penosamente soletra.

O Iniciado, que em certo sentido torna-se andrógino, porque nele se unem a energia viril com a sensibilidade feminina, é representado pela Alquimia através do **Rebis** (de **resbina**, a coisa dupla). Esta substância, ao mesmo tempo masculina e feminina, é um Mercúrio ≤ animado por seu Enxofre ⚡ e transformado por ele em Azoth ♀, isto é nessa **Quintessência dos elementos** (quintessência, simbolizada pela **Estrela Flamejante**). Convém observar que este astro sempre está colocado de tal forma que recebe a dupla irradiação do Sol masculino ' e da Lua feminina Y sua luz tem portanto uma natureza bissexuada, andrógina ou hermafrodita. Por outro lado, o Rebis corresponde à Matéria preparada para a Obra definitiva, ou seja, o Companheiro que se tornou digno de elevar-se à Mestria. Neste sentido, nada é mais curioso que um pantáculo surgido em 1659-60, no tratado do Azoth que continua às **Doze Chaves de Filosofia** do irmão Basilio Valentin religioso da Ordem de São Benedito. Como se pode julgar pela cópia que aqui mostramos da gravura em madeira original, o Andrógino alquímico aparece como triunfador do dragão da vida elemental, ou seja, como Iniciado de segundo grau, vencedor do quaternário dos elementos. Uma de suas cabeças está governada pelo Sol ' (Razão) e a outra pela Lua Y (Imaginação); entre elas mostra-se a estrela de Mercúrio ≤ (Inteligência, Compreensão, Gnose). Marte ∞ e Vênus / (Ferro e Cobre, metais duros) exercem sua influência sobre o lado direito (atividade); o lado esquerdo (passividade) recebe influência de Júpiter f e de Saturno ♣ (Estanho e Chumbo, metais moles). Marte ∞ (Energia, Movimento, Ação) está por outro lado em relação direta com o braço direito, que golpeando,



executa o ato decidido, enquanto que o braço esquerdo, que possui a missão de reter firmemente o esquadro, e de mantê-lo moralmente, vincula-se a Júpiter *f* (Consciência, Respeito a si mesmo). Em tudo isto não haveria mais que puro hermetismo não fosse que para sublinhar a dualidade unificada do Rebis, sua personificação possui na mão direita um **Compasso** (Verdade, Razão, Intelectualidade) e na esquerda um **Esquadro** (Equidade, Sentimento, Moralidade).

Alguém pode se surpreender ao encontrar estes típicos emblemas da arte real num opúsculo que pretende ensinar “a maneira de produzir o ouro oculto dos filósofos” e cujo autor viveu numa época muito anterior ao renascimento da franco-maçonaria moderna.

O adepto não pode realizar o Rebis sem ter dominado as atrações elementais. Tudo o que nele existe de inferior, de brutal e de inferiormente instintivo, deve ser dominado antes de que lhe seja permitido invocar o Fogo do Céu para assimilá-lo. Em outras palavras, trata-se de ultrapassar a animalidade para colocar o Homem propriamente dito, na posse de si mesmo. Entretanto, o Pentagrama, ou a Estrela Flamejante, são justamente os emblemas do Homem livre de tudo o que lhe impede de ser única e plenamente Homem.

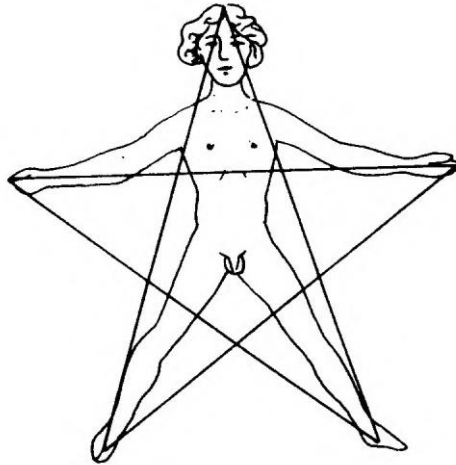
Os cinco pontos desta figura, denominada também Estrela do Microcosmos, correspondem aos quatro membros e à cabeça do homem.

Da mesma maneira que os membros executam o que a cabeça ordena, o Pentagrama é também, símbolo da vontade soberana, à qual nada pode resistir, sempre que for inquebrantável, justa e desinteressada.

Para que a estrela de cinco pontas conserve esse significado, é necessário que seja traçada de maneira que possa desenhar-se dentro dela uma figura humana em posição normal, com a cabeça no alto. Invertida, toma um sentido diametralmente oposto.

Já não é um Pentagrama luminoso ou Estrela dos Magos, emblema do gênio humano e da liberdade, mas sim, o escuro astro dos instintos grosseiros, dos desejos lúdicos que subjagam os animais; vê-se nela o esquema de uma cabeça de bode.

Do ponto de vista iniciático, possuir o grau de Companheiro significa poder realizar o que o vulgo chama de milagres. Provido da Régua e da Alavanca, o Iniciado levanta o mundo, o mundo moral naturalmente, que é por outro lado o único que importa levantar.



Que fará depois o Mestre ? Identificar-se-à com o Grande Arquiteto do Universo, para atuar n'Ele e por Ele.



Evidentemente trata-se da mística pura, estou de acordo. Mas isto tende a provar que a mística religiosa concorda em suas finalidades com a alta iniciação. Procedendo pelos três caminhos sucessivos, chamados **purificador**, **iluminador** e **unitário**, a mística não é menos lógica impondo as suas **modificações**, que cumpririam a mesma finalidade que as provas iniciáticas, se fossem bem compreendidas. Mortificar-se - a palavra o diz - significa morrer para alguma coisa. Duas vezes a morte nos é imposta na Maçonaria, uma vez no início de nossa caminhada, na Câmara de Reflexões, depois, no momento da iniciação definitiva e completa na Câmara do Meio.

Esta segunda morte corresponde à realização da Grande Obra. Equivale ao sacrifício total de si mesmo, baseado na renúncia a todo desejo pessoal. É a extinção do **Egoísmo radical**, que provoca a queda adâmica, exercendo sobre a espiritualidade a **Atração Original**, para determiná-la a se incorporar à matéria. O **Eu** restrito, mesquinho, desvanece-se frente ao **Ser** superior, impessoal, que simboliza **Hiram**. O pecado mítico do Adão universal é assim resgatado.

Não há como errar. O Arquiteto do Templo é para o Grande Arquiteto do Universo, o que o Verbo encarnado, o Cristo, é para o Pai Eterno, na concepção cristã (15).

A fixação do Enxofre filosófico, chamado de outro modo, Matriz, está representada pelo suplício de Prometeu, acorrentado ao Cáucaso por ter roubado o Fogo do Céu, e também pelo Cristo Redentor, pendurado com três pregos ao quaternário da cruz.

O Tarot não é menos explícito neste sentido. Sua décima segunda chave oferece-nos, com efeito a imagem de um **Enforcado** que balança sorridente entre o céu e a terra. Está unido pelo pé esquerdo a um travessão que é sustentado por duas árvores sem ramos, correspondendo às colunas J.'. e B.'. A Cabeça e os braços formam um triângulo invertido que se eleva sobre uma cruz formada pela perna direita dobrada por trás da esquerda, conjunto que forma assim, o sinal clássico da realização da Grande Obra. Este estranho condenado porta duas bolsas, de onde escapam moedas de ouro e prata. São os tesouros de sua inteligência, porque esse sonhador que parece reduzido à impotência, por estarem atadas as suas mãos, semeia as idéias fecundas das quais surgirá o porvir.

Este é também o papel do **Mestre**, que para utilmente dirigir o trabalho da construção universal, deve entrar numa estreita comunhão de intenção e de vontade com o Grande Arquiteto. É aqui chamado a realizar o ideal místico do **Homem-Deus**, que está investido de soberano poder espiritual, em razão de seu despreendimento em relação às coisas de baixo (16). Não mais sendo escravo de nada, converte-se em senhor de tudo, e sua vontade só é exercida em perfeito acordo com a vontade que rege o Universo.

Postado entre o Abstrato e o Concreto, entre a Inteligência criadora e a Criação objetiva, o **Homem** assim concebido aparece como o **Mediador** por excelência ou o verdadeiro Demiurgo das escolas gnósticas.

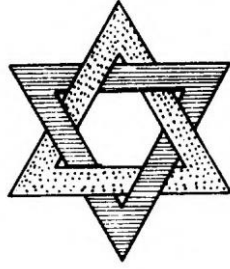
Mas, neste sentido, não bastará levar a luz à sua fonte primordial, é-lhe necessário ainda, permanecer unido de forma estreita, aos obreiros que deve formar e dirigir. O vínculo indispensável é aqui o da simpatia. O mestre deve fazer-se amar e não poderá ter êxito se não amando ele mesmo com uma generosidade que o conduza à devoção absoluta, até o próprio sacrifício de si mesmo.

O **Pelicano** é desse ponto de vista o emblema dessa caridade, sem a qual, na iniciação tudo seria irremediavelmente vão. Os dons mais brilhantes da inteligência e da vontade não farão nunca do adepto que não tenha cultivado as qualidades de seu coração, outra coisa a não ser um falso mago. Porém, a recompensa daquele que pelo sentimento se elevou, da mesma forma que pela ciência, reside no **Esquadro de Salomão**.



Os dois triângulos entrelaçados formam a **Estrela do Macrocosmos** ou do **Mundo em Geral**. Simbolizam a união do Pai e da Mãe, de Deus e da Natureza, do Espírito único e da Alma universal, do Fogo criador e da Água geradora.

É o pantáculo por excelência, o símbolo do poder ao qual nada resiste, e que poderemos possuir se alcançarmos efetivamente o grau de Mestre.



ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE

A MEDICINA OCULTA

A Medicina Oculta baseia-se no conhecimento do homem, naquilo que este tem de invisível e de inexplorado pela ciência oficial de nossos dias. Esta medicina emprega meios que parecem irracionais àqueles que não são iniciados nas leis secretas que governam a natureza.

Estas leis tem sido analisadas pelos sábios intuitivos da mais remota antiguidade, no que se refere à sua aplicação prática. Mais para frente, inspiraram a ciência tradicional que é conhecida pelo nome de Magia.

Este é, com efeito, um conhecimento sério, profundo, árduo e difícil de assimilar, ainda que somente em teoria, portanto, mais temerário para sê-lo praticado. Existem certas condições de ordem intelectual, moral e física que devem ser cumpridas pelos que aspiram levantar o véu dos mistérios que a prudente natureza esconde aos olhos do comum dos mortais.

As Ciências Ocultas constituem um labirinto no qual perde-se o imprudente que se aventura sem uma preparação adequada. Põe em perigo sua razão, seu equilíbrio fisiológico, sua saúde, sem falar de sua fortuna ou da salvação de sua alma.

Isto não significa que a Iniciação não possa ser empreendida pelos espíritos valentes que aceitam seus riscos. Os que possuem vocação alcançarão a iluminação, mas terão que passar por árduas provas. Não pensamos aqui, nas cerimônias mais ou menos estranhas e aterradoras das associações iniciáticas, nem nos exames impostos aos candidatos das escolas profanas. É em espírito e em verdade que convém tornar-se **iniciável**; se nos limitarmos às aparências e às formas exteriores, o resultado não seria mais do que uma enganosa ilusão. Se tantas pessoas estraviadas sucumbiram nos erros de uma falsa magia, é porque, satisfeitas de si mesmas, acreditaram que poderiam evitar as provas de rigor. Impacientes por conhecer, não se tornaram refratárias ao falso antes de atrair para elas mesmas o que consideravam verdadeiro. Daqui se deduz que erraram e construíram muito rapidamente sobre um terreno ainda não preparado. Como não há pior erro que a verdade mal entendida, o iniciado presunçoso e equivocado desonra a Iniciação. Pode inclusive cair na perversão corruptora das coisas mais elevadas, justificando a máxima: **corruption optimi pessima**.

Temendo qualquer forma de profanação, os verdadeiros iniciados sempre se impuseram a disciplina do silêncio. Só falaram impondo-se uma prudente reserva e unicamente em presença de discípulos provados. Entretanto, a verdade reconhecida devia ser colocada ao alcance daqueles que estão em condições de apreciá-la. É assim que as mitologias e os **poemas** mais antigos contém ensinamentos misteriosos, encontrados nas tradições religiosas de todos os povos, nos emblemas usados pelos diferentes cultos e até nas fábulas ou contos de fadas das lendas populares.

“Aqueles que se parecem, unem-se entre si”: esta sempre foi uma afirmativa correta. A partir do momento em que foram constituídas as sociedades humanas, sempre houve em seu seio, grupos particulares, reservados aos especialistas. Os taumaturgos primitivos possuíam dotes de adivinhação e curavam os enfermos. Associaram-se entre si para instruir-se reciprocamente e transmitir seus misteriosos poderes. Esta foi a origem de todas as associações iniciáticas, que eram formadas em determinadas condições, praticando ritos mais ou menos secretos.

Originárias da mesma base primitiva, estas diversas associações diferenciavam-se de acordo com a finalidade perseguida. Umas tinham por objetivo o desenvolvimento, o exercício e a transmissão dos poderes mágicos latentes na natureza humana. Outras pretendiam iniciar nos segredos dos deuses e dos mistérios do outro mundo e foram as criadoras das escolas sacerdotais. A estes místicos, que desdenhavam o trabalho, opunham-se os trabalhadores, orgulhosos de suas iniciações profissionais às quais vinculavam-se as religiões de profissão que glorificavam e santificavam o trabalho. Depois vinham os filósofos que ansiavam descobrir verdades inacessíveis ao vulgo. Também eles se organizavam em atenção às suas disciplinas e às suas buscas. Todos chamavam-se adeptos de uma arte superior, a arte de pensar, que se transformou na **Grande Arte**, aplicável à **Grande Obra**.

Esse **Supremo Trabalho**, com efeito, não é outro senão aquele que é eternamente realizado na criação divina, submetida à lei de evolução e de constante progresso. Para associar-se a esse trabalho, o Sábio esforça-se em realizar em si mesmo toda a perfeição da qual é suscetível a natureza humana. Não permanece em estado de **Pedra bruta** e talha-se a si mesmo formando uma Pedra rigorosamente cúbica, ou em outras palavras, a **Pedra filosofal**.

Os símbolos que os antigos construtores usavam concordam, com efeito, com os dos alquimistas, ao menos naquilo que a Pedra diz respeito, que Eliphas Levi, o genial ocultista do século passado, representa “na ordem divina, a verdadeira religião; na ordem humana, a verdadeira ciência universal, quadrada em seu fundamento, sólida como o cubo, absoluta como a matemática; na ordem natural, a verdadeira física, a que torna possível para o homem a realeza e o sacerdócio da natureza, convertendo-o em rei e sacerdote da **Luz** que aperfeiçoa a alma e estabelece as formas, que transfere as bestas em homens, os espinhos em rosas e o chumbo em ouro”.

Os espíritos grosseiros nada recordam a não ser esta última atribuição. Pessoas incompreensivas entregaram-se pois a manipulações químicas, sem dar-se conta que a linguagem dos filósofos herméticos não deve ser tomada ao pé da letra. Entretanto, eles poderiam dizer que “os metais dos filósofos não são os metais vulgares”, que seu Enxofre, seu Mercúrio e seu Sal nada tem em comum com as substâncias geralmente assim designadas. Que seu **Fogo**, finalmente, não é o das cozinhas, das forjas ou das usinas.

Todo o simbolismo hermético, refere-se ao que está oculto, especialmente às forças que os sábios devem colocar em ação com um objetivo mais digno de suas preocupações e de seus afãs, do que a simples transmutação dos metais ordinários, coisa que os aventos glorificaram.

É possível que o ouro maleável tenha realmente sido produzido, porque o dogma da fixação dos corpos simples perdeu autoridade científica. Mas o processo das transmutações situa-se principalmente junto ao desdém dedicado pelos verdadeiros filósofos a toda riqueza perecível. Para o Iniciado, o ouro é só um símbolo de perfeição, o meio de exercer uma ação benfeitora nos seres humanos, esclarecendo-os para moralizá-los, fazendo com que possam evitar os males de que sofrem. **Curar** era o objetivo da Grande Obra, quando aplicada à **Medicina Universal**.

A panacéia que remediava todos os males intelectuais, morais e físicos residia na Pedra Filosofal, preparação que não devemos buscar fora do homem. Porque a Pedra que a Pedra que é talhada por seus próprios meios, não é outra coisa que a individualidade humana. O aprendiz maçom trabalha em si mesmo quando, armado da Faca e da Rede, despoja sua Pedra bruta das asperezas. Ao transformar-se em Pedra cúbica retangular e polida, chega a ser Companheiro. Depois, coroa sua carreira de iniciado com o Mestrado, que exige dele as mesmas virtudes que são

atribuídas à Pedra filosofal. Portanto, esta representa um **estado**, uma **maneira de ser** do perfeito Sábio.

Neste estado realizam-se maravilhas, porque nada no reino da realização do bem, é impossível ao homem que conhece o mecanismo de todas as possibilidades. Indubitavelmente, a **teoria** é mais fácil de aprender, muito mais que a **prática** efetiva da Arte. Os princípios da Ciência são abordáveis e as regras a seguir formulam-se sem dificuldades.

Mas a aplicação de umas e de outras exige um raro talento, o único que conduz ao verdadeiro **Magistério dos Sábios**.

Não esqueçamos que trata-se de curar todas as enfermidades, tanto as do **espírito** como as da **alma**, e igualmente as do **corpo**, sejam enfermidades de indivíduos isolados ou mesmo de coletividades, porque o mal social corresponde à Medicina universal, da mesma forma que as enfermidades dos seres particulares também a elas se relacionam. Esta **Arte** é a dos **sacerdotes** e dos **reis**, considerados como agentes de uma suprema harmonia que todo adepto deve realizar em si mesmo, a fim de poder, depois, harmonizar a todos os demais.

Aquilo que comumente chamamos **Medicina Oculta** é a aplicação parcial da **Grande arte** dos Iniciados. A terapêutica baseada na influência que um sistema nervoso exerce sobre outro, nada mais representa que um ramo isolado da prática operatória, familiar aos iniciados mais antigos. Nossos magnetizadores encontram colegas em toda tribo selvagem. Os efeitos da imaginação igualmente tem sido explorados desde os tempos mais antigos por sugestionadores que apenas levavam em consideração a teoria. Eram muito poderosos, porque eles estavam, em si mesmos, sugestionados em grande escala.

Mas, um empirismo grosseiro domina o passado que se debateu na penumbra das crenças, sem chegar à luz da ciência razoável. Os próprios Iniciados não possuíam nenhuma ilusão a respeito da importância de seus conhecimentos. O discernimento instruí-os, principalmente de forma negativa, daí a confissão do verdadeiro Sábio, reconhecendo que nada sabe. Sem saber com precisão, chega ao menos a adivinhar, a entrever e a suspeitar valiosas verdades, justificadas por uma longa experiência. Assim nasceu a **Tradição**, que continua sendo vaga, mas na qual se inspira todo o investigador sério dos conhecimentos ocultos.

Esta **Tradição Verdadeira**, não foi jamais formulada em doutrina, não está consignada em nenhum livro, e ninguém pode recebê-la de boca a ouvido. O objetivamente transmissível nada mais é do que bruma e não luz.

A **Luminosidade espiritual** não se comunica como a chama da fogueira. Nosso espírito não é uma lâmpada que se ilumina artificialmente. É um lugar que por si mesmo deve vencer a escuridão para que, deixando de queimar sob as cinzas, possa arder e brilhar livremente.

Ensinar a conquistar a luz é o objetivo da **Iniciação** propriamente dita, que se eleva por cima das múltiplas iniciações em detalhe, sobre as aplicações dos procedimentos iniciáticos e sobre os ensinamentos de importância secundária. Desta ordem são as iniciações formalistas, que impressionam utilmente, sem dúvida, dentro de seu reino restrito. Sua modéstia coloca-as sobre as iniciações ocultistas, que muitas vezes procedem de ambições mesquinhas, como o desejo de brilhar através dos conhecimentos ignorados da massa e como a ambição de possuir poderes excepcionais. O verdadeiro Iniciado só aspira iluminar-se para poder atuar a serviço da realização de um grande

bem. Não possui curiosidade por nada excepcional, só quer guardar silêncio sem se valorizar jamais, enquanto, recolhidamente, consagra-se à tarefa que lhe foi atribuída na realização da Grande Obra.

Desde os mais remotos tempos, a conquista da Luz foi demonstrada através de imagens. Os poemas babilônicos mais antigos a ela aludem (17) do mesmo modo que certos enigmas da mitologia. Os **Hermetistas** da Idade Média codificaram de certo modo estes conhecimentos dispersos ao descrever as operações da Grande Obra. Retomando o programa da transmutação do chumbo profano em ouro iniciático, os Franco-maçons adotaram ritos de acordo com a mais pura Tradição.

Misteriosamente criados por desconhecidos, estes ritos são extremamente sábios para que possam ser apreciados por todos os adeptos de uma sociedade que conta com mais de quatro milhões de associados. Portanto, a Franco-maçonaria participa da própria sorte das religiões. Ensina, com a ajuda de símbolos, coisas que somente são compreendidas por um grupo escolhido. Tende ao progresso por meio da **Regeneração**, que se assemelha à **Redenção** de que falam os cristãos. O **Redentor** dos Maçons está representado pela **Luz**, que segundo o Evangelho, ilumina todo homem que vem a este mundo. Esta Luz interior, chamada Logos, isto é, Pensamento-Razão, corresponde ao Menino **Filosófico** dos discípulos de Hermes. Convém auxiliar o crescimento do Deus nascido fraco em nosso intelecto obscurecido, daí as operações alegóricas do Magistério dos Sábios e as provas prescritas pelo ritual maçônico.

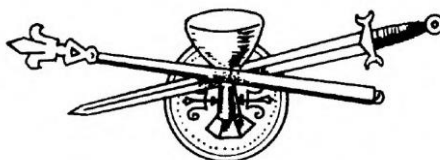
De qualquer forma, trata-se do **Salvador do Gênero Humano** que é mister criar em cada um de nós, porque, segundo a convicção dos Sábios, o Pai celestial não intervém na terra, senão por intermédio de seu Filho, em nós encarnado. É porque temos em nós o germe da Razão divina que nos tornaremos razoáveis, bons e generosos, dedicados ao bem de todos.

Ouro espiritual, Pedra filosofal ou Panacéia Universal, representam a idéia de um mesmo remédio para todos os males de que sofre a humanidade.

Será que para curar basta por acaso ter confiança no medicamento ? Esta é a crença dos que predicam as doutrinas da fé. Os Iniciados não se atem à terapêutica sugestiva. Acreditam que o indivíduo deve aprender a curar-se a si próprio por meio de purificações destinadas a livrá-lo de tudo o que se opõe à sua saúde física, moral e intelectual. Quando está são, propagará a saúde ao seu redor, como se fora um contágio. Assim pois, nada de ruidosa prédica contra os vícios. O que deve ser feito é matar em si mesmo tudo o que for vicioso. É inútil convencer a alguém de determinado ponto de vista. Basta conviver exemplarmente, deixando para cada um suas próprias opiniões. Fugir da discussão e agir bem, trabalhar sempre para o bem de todos.

Como duvidar de que aí estejam os princípios da **Verdadeira Medicina**, que é exercida pelos que possuem a **Pedra dos Sábios** ? Buscai essa Pedra em vós mesmos e a encontrareis; procurai a Luz na Sinceridade mais profunda de vosso coração e a obtereis. Batei finalmente à porta do santuário da pura Tradição e a porta abrir-se vos-á.

Mas contai com vós mesmos, com vossos bons sentimentos, e não vos deixeis confundir por pontífices charlatães. **Ora et labora.**



NOÇÕES ELEMENTAIS DE HERMETISMO

OS TRÊS PRINCÍPIOS

Numa tese apresentada na Faculdade de Medicina de Paris, o doutor Ch. de Vauréal, em 1864, fez menção às teorias dos Alquimistas sobre os fermentos (18). Eis aqui como começavam estas explicações:

“Os Alquimistas fazem tudo derivar de um primeiro princípio: a Luz. A claridade e o calor nada mais são que os acidentes deste princípio. É o que forma o Ar e a Água. Como a água é o composto por excelência, que pode unir o volátil ao fixo, eles a consideram, como Tales, o princípio elemental de todas as substâncias que chamamos orgânicas e inorgânicas. A obra a que se propõem é a própria obra da criação, que foi iniciada com o sopro de Deus sobre as águas e o **Fiat-Lux**. Mas não pretendem fazer alguma coisa do nada, somente se propõem a encontrar de novo a matéria prima ou elemental, que para eles não é a Terra, e sim o **Enxofre**. Obtido este Enxofre, eles querem uní-lo ao volátil ou o **Mercúrio** mediante uma série de sublimações com a finalidade de formar uma matéria espiritual, isto é, extremamente ativa. Esta matéria é chamada a **Pedra dos Sábios**.

“Procedem da seguinte forma: fazem seu paciente com uma substância que não especificam e o tratam com um agente denominado fogo, mas que na realidade é uma água na qual acreditam ter condensado a luz astral. Este agente, segundo eles, possui um poder fermentativo, e mediante esforços contínuos, que eles denominam os Trabalhos de Hércules, confiam poder obter a fermentação do paciente e sua separação em Enxofre e em Mercúrio.

Esta é a primeira operação que resulta na Putrefação, chamada pela sua cor, o negro ou as asas do cor. Mas não acreditam obter facilmente, de vez, seu Enxofre e seu Mercúrio. O primeiro está unido a uma grande quantidade de escórias e o segundo oculta-se no Sal que foi formado. Somente através de sucessivas dissoluções, fermentações e sublimações é possível por fim à obra.

Estas operações, que se supõem concluídas, resultam no mercúrio branco ou **água viva** (19) e no Enxofre, que denominam Sangue da Terra ou Sangue do Dragão. A partir daí, apresenta-se um novo trabalho que consiste em unir o Enxofre ao Mercúrio, ou o homem vermelho e a mulher branca, e é desta união que provém a Medicina Universal dos filósofos herméticos”.

Como a **Luz primordial** é o agente criador não podemos concebê-la a não ser irradiando-se simultaneamente por todos os lados. Emanada de um centro que não está localizado em parte alguma, mas que cada ser pode encontrar em si mesmo. Existe unidade na multiplicidade e onipresença da fonte infinita de toda existência, de toda vida e de todo pensamento.

Em cada indivíduo, provenha do reino que provier, a Luz universal manifesta-se como se fora um centro de energia expansiva. Faz queimar, em nós, um fogo interno, mantido por aquilo que os Alquimistas chamam de **Enxo**: ☱ .

Este fogo vital, inerente a toda célula orgânica e também aos átomos minerais, propaga indefinidamente seus raios, de tal modo que de todos os seres individualizados desprende-se uma radiação luminosa difundida através do espaço. Este novo aspecto da Luz, una em sua essência, toma no Hermetismo, o nome de **Mercúrio** ≤, porque da mesma maneira que esse metal se infiltra

através dos poros e tende a penetrar até o próprio centro dos corpos orgânicos, é reconhecido à Luz ambiental, como centrípeta e universalmente penetrante.

Mas, existe diferença entre os raios luminosos que se propagam de dentro ou de fora (Enxofre \blacktriangle e aqueles que unicamente partindo de dentro, concentram-se em cada foco de emissão (Mercúrio \leq). Mas, como falar de **dentro** e de **fora** sem conceber um conteúdo intermediário, um limite aonde os raios opostos se equilibram e se condensam pela sua estabilização ? Desta concepção n^{\ominus} é o **Sal** , terceiro aspecto da Luz que preenche o Universo, sem dar lugar às trevas negativas, que correspondem a um inconcebível Nada.

Enxofre \blacktriangle , Mercúrio \leq e Sal \ominus são os três princípios que os Sábios distinguem como absolutamente necessários em tudo o que existe, porque nada pode ser imaginado que não possua sua própria substância limitativa (Sal \ominus), submetida simultaneamente às influências internas (Enxofre \blacktriangle) e às externas (Mercúrio \leq).

Considerado em sua universalidade como o dinamismo etérico animador de todas as coisas, o Mercúrio atuante toma o nome de **Azoth dos Sábios**. Seu ideograma modifica-se então, ligeiramente. A meia lua passiva que o coroa dá lugar ao signo zodiacal do Carneiro ♈ . Somos tentados a admitir que tudo originariamente reside nesse Azoth, começo e fim da criação. É o Sopro divino (Ruach Elohim) que por toda a eternidade flutua sobre as águas salinas \ominus . É ele quem se encarna no seio da substância virginal para dar nascimento a Luz redentora.

Mais valiosa do que todos os tesouros, esta Luz ilumina a consciência e guia a vontade. Nasce do **Mercúrio** (Sopro divino) que penetra até o **Enxofre** (Centro da iniciativa individual) através do envolvimento purificador do **Sal** (Personalidade anímica). As purificações iniciáticas atacam a capa opaca do centro sulfuroso; as abluções repetidas tornam transparentes as capas salinas gradualmente libertas do barro escurecedor. Cumprida esta operação, cai a venda dos olhos de quem se inicia, e que nesse preciso momento, vê a Luz.

Está subentendido que nenhuma cerimônia possui o poder de conferir efetivamente a **Verdadeira Luz**. Tudo aquilo que é realizado ritualisticamente é imagem e símbolo. Purifiquemo-nos em espírito e em verdade se quisermos conquistar a Luz real que, ao em nós penetrar, iluminar-nos-à iniciaticamente.

E, o que é em verdade esta iluminação, senão o casamento em nós do Enxofre e do Mercúrio, do homem vermelho e da mulher branca, de que já falamos ? Por “homem vermelho” entendemos o desejo particular, e por “mulher branca” a vontade geral, a da Rainha do Céu, representada no Tarot pela **Imperatriz**. Se aprendemos a querer em perfeito acordo com o governo do Universo, realizamos o ideal alquímico do **Sal** purificado, câmara nupcial do **Enxofre e do Mercúrio**.

Na natureza humana o **Enxofre** \blacktriangle corresponde à masculinidade. Seu predomínio exalta a iniciativa individual, favorecendo o valor inquebrantável, o ardor perseverante, a energia orgulhosa, o gosto do mando. O Enxofre é inventivo pois ele cria, funda, estabelece (Coluna Jakin). Incita ao movimento, à ação exteriorizada, à conquista. Faz-nos tomar e dar, e não unicamente receber passivamente. Intelectualmente, esta influência afasta a fé dócil e receptiva das idéias alheias, e exalta a independência de espírito que elabora as noções percebidas por nós mesmos.

A feminilidade de **Mercúrio** \leq , inspira ao contrário, a doçura, a calma, a meditação retraída e o sonho, como ainda, a timidez prudente, a modéstia, a resignação e a obediência. Quando a imaginação foi desenvolvida de maneira que não deforma as imagens que se refletem em seu espelho, torna-se compreensivo e sensível a tudo o que é sutil, apto para a adivinhação e crédulo com lucidez.

Quanto ao **Sal** \ominus , simboliza realmente a Sabedoria, sempre que tenha sido assegurado o equilíbrio, a justa ponderação e a estabilidade. Deve ser obtida e mantida em sua limpidez, porque é sobre ela que descansa a Grande Obra.

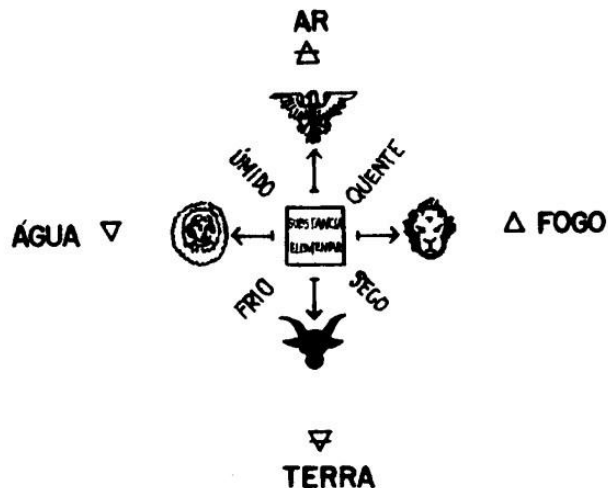
O QUATERNÁRIO DOS ELEMENTOS

Ao **Sal** \ominus , corresponde toda a esfera de nossa personalidade, na qual distingue-se um céu fluido envolvendo um centro compacto. Este está figurado no ideograma \ominus Sal pelo semicírculo inferior, que diz respeito ao reino heterogêneo submetido a ação dos **Elementos**.

Estes não são corpos, sujeitos passivos, mas, ao contrário, **agentes** cuja atividade constante mantém o equilíbrio instável da **matéria elemental**, substrato das **coisas elementais** que caem sob nossos sentidos.

Causa constante da lentidão de conglomeração e de relativa fixidez, a **Terra** ∇ escapa a nossas percepções não menos que o **Ar** \triangle agente volatilizador, e a **Água** ∇ , que contrai os corpos, enquanto o **Fogo** \triangle os dilata.

Os elementos distinguem-se por suas **qualidades elementais**, que são: **o seco, o úmido, o frio e o quente**.



Fria e seca, a **Terra** tem por símbolo o Boi de São Lucas, ou o Touro zodiacal da primavera. É negra e pertence a Saturno.

No **Ar**, cáldo e úmido, eleva-se a Águia de São João, que é também o pássaro de Júpiter, visível no firmamento entre as constelações outonais. A cor azul, cor da atmosfera, é atribuída a este Elemento.

Fria e úmida, a **Água**, corre desde a ânfora do Aquário, signo do inverno, de quem o Anjo de São Mateus toma de modo cristão o lugar. À **Água** convém a cor verde, que é a cor de Vênus.

O **Fogo**, no qual flameja o ardor de Marte, é cálido e seco. Parece soltar-se da juba vermelha do Leão de São Marcos, que assinala no zodíaco a metade do verão.

Os quatro elementos reencontram-se psicologicamente no homem, no qual a matéria corpórea corresponde à **Terra**. O **Ar** representa o sopro animador que mantém a vida, tendo por veículo os líquidos orgânicos representados pela **Água**, enquanto que a energia vital, fonte de calor e de movimento, é representada pelo **Fogo**.

A Terra desempenha o papel de um recipiente poroso que contém o Fogo, o qual é avivado pelo Ar e alimentado pela Água, como se esta azeite fosse. É mister que estes dois últimos elementos possam penetrar até o Fogo central para que se estabeleça o circuito vital.

Estimulado pelo Ar exterior, o Fogo interno anima-se, consumindo uma parte da Água que se evapora. O vapor abre caminho através dos poros da superfície terrestre e eleva-se na atmosfera. Mas o frio condensa, formam-se nuvens que se dissolvem em chuva. Esta cai sobre o solo que a absorve infiltrando-se novamente até o centro, alimentado deste modo por uma Água que contém o Ar em dissolução.



Este é o mecanismo da circulação ininterrupta em que se apóia a vida individual, cuja duração seria ilimitada se não ocorresse o endurecimento da superfície terrestre e não se esgotassem as reservas líquidas.

Não se trata pois de um Elixir de vida que permitiria prolongar indefinidamente nossa existência fisiológica. O Sábio sabe que deve morrer e não teme a morte, à qual se submete voluntariamente. Sem atribuir pois, à vida material mais importância que a devida, dedica-se a dirigí-la. Para economizar o líquido vital, evita todo o consumo excessivo ou supérfluo, isto é, todo excesso. Administrando seu Fogo com discernimento, atende ao funcionamento normal de seu organismo, que se desgasta assim, lenta mas fatalmente, pois, a regeneração de nossos tecidos está limitada. Existe, sem dúvida, uma arte de envelhecer, de retardar a decrepitude, mantendo-se jovem, apesar dos anos. A fonte da Juventude reside na parte etérea do Sal \ominus , no céu de nossa personalidade. Mantenhamo-nos jovens de alma e de espírito, sejamos serviçais de bom grado, amemos, pensemos nos demais, esqueçamo-nos de nós mesmos, não nos petrifiquemos. Nossa higiene moral assegurará assim, nossa manutenção.

Aquilo que o magnetizador denomina de “fluido” é a Água vital exteriorizada em forma de vapor. Quando a atmosfera do enfermo é muito seca, a humidade do terapeuta restabelece as condições normais e o paciente beneficia-se da nova vitalidade.

Por outro lado, é possível agir diretamente sobre o Fogo de outro, comunicando-lhe um ardor insólito. Nesse caso, pode-se produzir efeitos extraordinários às vezes instantâneos.

A sensibilidade ao magnetismo depende da permeabilidade do córtice corporal. Os “sujeitos” são permeáveis, daí suas surpreendentes reações. Cada qual pode tratar de se fazer

acessível às boas influências sem abandonar-se por isso, em momento algum, ao domínio do outro. É neste espírito que se formam os adeptos, tanto do Hermetismo como da Franco-Maçonaria.

A OBRA DOS SÁBIOS

A Pedra Filosofal é um Sal \ominus integralmente purificado, que coagula o Mercúrio volátil \leq a fim de fixá-lo, unindo-se a um Enxofre ardente \triangle que se tornou fortemente ativo.

Portanto, a Obra está composta por três fases:

Purificação do Sal,
Coagulação do Mercúrio e
Fixação do Enxofre.

Como o Sal está contido na **Matéria Filosófica**, é este que convém obter em primeiro lugar. O Sal está em toda parte e nada custa, embora possua um incalculável valor. O importante é saber descobri-lo, porque não é possível extrair um Mercúrio de uma substância qualquer, e a primeira rocha que vemos não possui a resistência que os Construtores exigem da pedra que vão empregar na Obra. Existem certos vícios prévios que reprovam o profano antes mesmo de qualquer prova.

Suponhamos que as primeiras dificuldades tenham sido vencidas. O artista encontrou a matéria que serve a seus projetos. Em primeiro lugar limpa-a, a fim de que nenhum corpo estranho possa aderir à sua superfície (polimento dos metais). Isto realizado, o sujeito fica encerrado no Ovo filosofal, hermeticamente fechado (Câmara de Reflexões). Assim alheio a toda excitação mercurial, o Fogo vital encerrado diminui, languidesce e acaba por extinguir-se (morte do Recipiendário).

Ao morrer, o sujeito desdobra-se. O etéreo que nele existe, desprende-se, abandona um resíduo “informe e vazio”, como a Terra antes de ser impregnada pelo Sopro divino (Gênese I, 2). É o **Caos filosófico**, cuja **cor negra** é a mesma do **Corvo de Saturno**, pássaro que simboliza as trevas que se fizeram sobre a face do abismo.

Privado da vida, desaparecido na **putrefação**, o sujeito torna ao caos no seio do qual todos os elementos se confundem. Tudo terminaria se não fosse pelo **germe** que é semeado na matéria putrefata. A dissolução libera esse **Filho da Putrefação**, que nasce **livre** para se desenvolver. Seu inato calor não tarda a secar a substância caótica mais próxima, a fim de tornar-se um revestimento vital que marca seu papel em cada elemento. Alternativamente exteriorizada, logo reabsorvida, a Água lava a nova Terra, que passa do negro ao cinza, depois ao branco, passando pelos tons que caracterizam a **cauda do pavão**.



A brancura está simbolizada pelo **Cisne**, do qual tomou Júpiter o aspecto, para unir-se a Leda. O pai dos deuses representa aqui o Espírito que fecunda a Matéria purificada pelas sucessivas abluções. É o Sopro aéreo que penetra a Terra para engendrar o **Menino filosófico**.

Trata-se do Fogo individual, agente interno relacionado com sua fonte exterior de ação. Divinizado, este Fogo exalta-se e arde com fervor generoso, manifestado pela **cor vermelha** dos alquimistas. É a realização da **Obra simples** que resulta na posse da Medicina de primeira, ordem. Obtêm-se o **Enxofre filosófico** puro, pelo qual o adepto pode ser comparado à **Fênix**.

Consagrado ao Sol, que é fixo, este pássaro que possui uma plumagem escarlate, representa a fixidez do ser vivo em sua morte contínua, fonte de renascimentos simultâneos. O Sábio aspira a uma fixidez de uma ordem mais elevada, fazendo coincidir a sua vontade particular com a vontade que rege todas as coisas.

Se realiza este ideal, coagula o Mercúrio misturando o Fogo celeste com aquele existente em sua morada infernal de ação individual. Ao atingir esta altura, o adepto venceu o dragão das atrações elementais. Possui a verdadeira liberdade, pois nele o espírito domina a matéria. Tendo alcançado a plena humanidade, venceu a animalidade. Purificado pela **Terra**, pelo **Ar**, pela **Água** e pelo **Fogo**, passou pela **Putrefação**, da qual se liberou pela **Sublimação**, que leva à **Ablução** e à **Espiritualização**. Então os franco-maçons mostram-lhe a **Estrela Flamejante**, cujo emblema hermético é a Rosa de cinco pétalas, que sai da pedra mercurial pela influência do Espírito universal, considerando a figura de Nicola Flamel.

O MAGISTÉRIO DO SOL

Quando o revestimento salirio individual purificado, se torna transparente, a Luz ambiental é percebida desde o interior. O homem vermelho (Enxofre ♁) enamora-se da mulher branca (Mercúrio ♃). Mas o casamento do Rei ♁ la Rainha ♃ ainda não se efetuou. Terá de ser realizado pela atração do Mercúrio, que simpatizando com o Enxofre sublimado deixar-se-á captar e por ele coagular. Como o **Enxofre-Rei** é aquilo que em nós manda, trata-se aqui de nosso desejo, liberado de toda mesquinaria e afirmando-se como verdadeiro **Rei** de seu domínio individual. Esta Realeza não é do mundo vulgar, é adquirida espiritualmente pelo verdadeiro adepto da **Arte Régia**, que se torna digno da **Rainha**, a Virgem celestial que é invocada pelos devotos de **Nossa Senhora**.

Os Artistas possuídos por um puro ideal não são místicos que perderam a cabeça. Tiveram de sacrificar seu **eu** ávido, renunciando a todo desejo pessoal. Indiferentes a tudo o que o escravo terrestre ambiciona, libertaram-se da tirania dos instintos egoístas. Vencedores do Egoísmo radical, escapam à marca hereditária do pecado original. Dotados de suficiente energia para morrer voluntariamente à vida comum inferior, nasceram para uma vida superior de liberdade, que lhes confere realmente um caráter de soberanos. Como já não são escravos de nada, tendem a converter-se em amos de tudo. A sua vontade só se inspira nas mais elevadas intenções, nas intenções divinas.

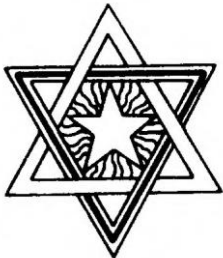
Este é o matrimônio do espírito encarnado, obreiro terrestre, com a princesa divina, que em nós se faz quando nosso desejo se santifica, quando Filhos do Pai, adotamos a causa paterna, dedicando-nos à Grande Obra da criação. Pois a verdadeira **Grande Obra** é aquela realizada por toda a eternidade, é o **Trabalho redentor** do qual surgem, a evolução, o progresso, a coordenação do caos e a construção de uma humanidade melhor.

Seu objetivo imediato é a preparação do **Ouro filosofal**, símbolo de perfeição individualmente realizável. Cada um de nós pode operar em si mesmo a transmutação do mal no bem, se após ter esclarecido a sua consciência, atua de acordo com aquilo que esta lhe ordena. Que nos foi pedido? Que aprendamos a nos conhecer em meio à confusão mantida pela agitação pessoal dos indivíduos. Busquemos a calma e reconcentremo-nos. Se nos é oferecido um asilo, aproveitemo-lo. Deixemos o bulício e penetremos em nós mesmos. Submetamo-nos em seguida às provas iniciáticas e trabalhemos para esclarecer-nos integralmente.

Reconhecemos então, que incumbe-nos uma tarefa precisa: os acontecimentos e as circunstâncias no-la ditam. Saibamos discerní-la e cumpramo-la religiosamente. Assim trabalharemos corretamente, e por pequeno que possa parecer nosso resultado, será totalmente parte integrante da Grande Obra. Sejamos bons e verdadeiramente exemplares em nossa pequena esfera, e produziremos então, o Ouro e nosso meio se beneficiará com as virtudes de nossa **Pedra filosofal**. Esta é simultâneamente, humana e divina.

É humana em sua substância, em seu Sal \ominus purificado, mas está divinizada pelo Espírito \leq mercurial que a penetra, exaltando o Enxo \triangle individual. Nela se realiza o **Esquadro de salomão**: a **Água celestial** Π casa-se com o **Fogo infernal** N convertido, posto a serviço da Grande Obra, pura. O Matrimônio não pode realizar-se sem amor; é necessário que o enxofre sulfuroso interno seja amoroso para que o mercúrio celestial consinta em unir-se a ele. Um desejo egoísta seria inoperante, o amor deve ser completo, absoluto, deve expressar a doação completa de si mesmo, sem reservas.

A personalidade ao atingir a iluminação da **Estrela Flamejante** brilha com esplendor e dispõe do **Pentagrama**, emblema do poder posterior ao desenvolvimento da vontade do adepto.



Mas, o mais deslumbrante dos **Magos** não é mais do que um simples taumaturgo junto ao **Santo** que se esquece de si mesmo e só atua em união com o divino. A obra do primeiro é a sua obra, e por admirável que seja, é sempre particular. O segundo pode dar impressão de nada produzir quando em realidade dedica-se à realização da Grande Obra Universal. A Força mais poderosa de todas as forças procede do sentimento pelo qual o indivíduo, renuncia a si mesmo para guardar em si a Energia total, fusão das virtudes do alto e de baixo.

Para os rosacruzes, o **Pelicano**, que alimenta seus filhos com seu próprio sangue, ensina o amor mais que um sábio e mais que um corno que ressoa ou um címbalo que retumba.

Sempre reconheceu-se que o Sábio mais perfeito será aquele que mais ame.



O SETENÁRIO

O Enxofre \triangle , o Mercúrio \leq e o Sal \ominus correspondem na personalidade humana àquilo que se convencionou chamar Espírito, Alma e Corpo. Pura atividade, o Espírito-Enxofre não atua sobre

a passividade do Corpo-Sal a não ser por intermédio da Alma-Mercúrio, que é passiva em relação ao Espírito, ainda que ativa em relação ao Corpo.

Para que haja equilíbrio, e portanto, saúde e funcionamento normal, convém que os três princípios se harmonizem no indivíduo. Se representarmos cada um dos princípios por um círculo, obteremos, pela penetração mútua destes três círculos, até encontrar seus centros, o esquema da constituição setenária do homem.

As interferências dos três círculos engendram uma combinação do Espírito e da Alma que podemos chamar **Espírito anímico** ou **Alma espiritual**. Penetrando no Corpo, o Espírito desenvolve o **Espírito Corporal**, no qual a Alma que invade o Corpo, produz como irmã, a **Alma corporal**. Fica no centro um espaço em que o Espírito, a Alma e o Corpo se fundem para constituir o **Corpo Etérico ou astral, o Linga Sharira** da Teosofia. É o nó da personalidade, sobre o qual tudo repercute.

Cumprindo o papel de intermediário, este nó fluídico central assemelha-se ao deus **Mercúrio** da mitologia e entre os metais, atribui-se-lhe a **Prata-viva**. Os outros metais-planetas distribuem-se como segue:

' Espírito puro - Ouro incorruptível, Sol, Apolo, Atma;

Y Alma etérea - Prata, Lua, Diana, Manas;

f Espírito anímico ou alma espiritual - Estanho, o mais leve dos metais, Júpiter unido a Juno, Buda;

∞ Espírito corporal - Ferro, Marte, Kama Rupa;

/ Alma corporal - Cobre, Vênus, Prana ou Jiva; Corpo - Chumbo, Saturno, Rupa.



O Sol espiritual ' representa a Luz divina que esclarece sem desfalecer nossa personalidade, mais especialmente nosso Espírito anímico, ao qual se dirige nossa consciência jupiteriana *f*. O que manda em cada um de nós, procede com efeito, do Espírito e da Alma, formadora de sentimentos e de imagens ideais, graças aos quais pensamos e recordamos. Do Espírito corporal ∞ nascem os impulsos veementes, às vezes ferozes, que estimulam a motricidade. Quanto à Alma material / é o fundamento do edifício vital. Sem sua lentidão, não se poderia realizar nenhum trabalho, o Espírito careceria de ponto de apoio e a Alma perder-se-ia no ilimitado.

Ao Setenário dos metais-planetas une-se o simbolismo das cores fundamentais: vermelho, azul, amarelo, e de seus derivados: violeta, verde e alaranjado. O vermelho é atribuído ao círculo do Espírito, o Azul ao da Alma e o amarelo ao do Corpo. Daí que o violeta converte-se na cor do Espírito anímico, o verde no da Alma corporal e o alaranjado no do Espírito corporal. O branco sintético representa o Corpo etérico mercurial, enquanto o negro fica reservado ao Caos ambiente, que não foi luminosamente organizado.

A tradição ensina a distinguir sete tipos planetários segundo a influência que domina cada personalidade. É possível determinar graficamente sete tipos análogos deslocando um dos três círculos, que representam o Espírito, a Alma e o Corpo.

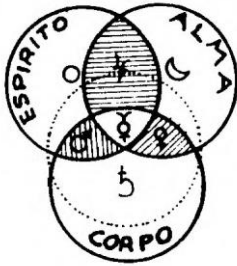
O REALIZADOR

É assim que deslocando o círculo corporal até fazê-lo interferir com a área normal dos outros dois, Mercúrio \leq , Vênus / e Marte ∞ são favorecidos às custas de Júpiter f , de Saturno \clubsuit , do Sol ' e da Lua Υ .

Estamos aqui em presença de uma individualização muito acentuada graças a que o Corpo astral \leq dispõe de uma abundante vitalidade /, que explora uma impaciente impulsividade ativa ∞ . Mover-se, atuar infatigavelmente para satisfazer a exigência das paixões, desenvolvendo grande inteligência prática, será a característica destas naturezas impetuosas e movediças. A debilidade do Espírito anímico f traduzir-se-á numa atenuação dos escrúpulos da consciência. Por outro lado, a diminuição da materialidade \clubsuit far-lhes-á carecer de positivismo e de solidez física. O organismo cansar-se-á rapidamente. Haverá mais energia marcial ∞ que idealismo solar ' e mais sensualidade grosseira / que sentimento puro Υ .



O SONHADOR

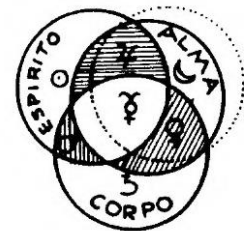


Ao tipo agitado e vivaz opõe-se o fleumático, cujo círculo corporal está em retrocesso. Daí resulta que Mercurio \leq , Marte ∞ e Vênus / não possuem voz atuante, a personalidade \leq apaga-se, os instintos ∞ estão retidos e a vitalidade / é lânguida. Por outro lado, o organismo vasto \clubsuit funciona agradavelmente, sem a menor febre, adormece-se, mas, obedece à consciência f cujo domínio se alarga em detrimento da personalidade sintética \leq . Um formoso idealismo ' e uma alma boa, sentimental e sonhadora Υ unem-se a esse corpo espesso, relativamente

inerte.

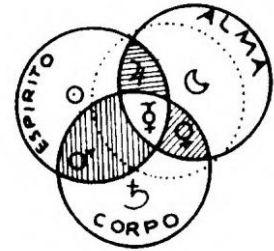
O PACÍFICO

Desloquemos agora o círculo da Alma em direção a Marte ∞ cujo terreno será assim notavelmente sacrificado em benefício de Mercúrio \leq , com vantagens para Júpiter f e Vênus / em detrimento do Espírito ' e do corpo \clubsuit . Trata-se de uma personalidade forte em seu centro governada por uma consciência iluminada racionalmente ', dispondo de uma vitalidade generosa de fluido altruísta, mas tímida, temerosa, sem atrever-se a agir e carente de iniciativa e de energia marciana ∞ . Não encontrando utilidade, o sentimentalismo converte-se em piedade repleta de comiseração, mas e praticamente estéril. O Espírito ' perde lucidez enquanto o organismo \clubsuit torna-se demasiadamente sensível e sente repugnância ante a fadiga.

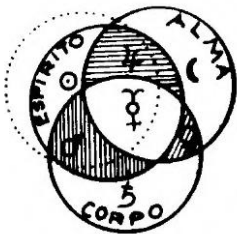


O CONQUISTADOR

A operação inversa, fazendo avançar Marte ∞ sobre Mercúrio \leq , faz perder a Júpiter f e a Vênus $/$ o que ganha a Alma Υ , o Espírito $'$ e o Corpo \clubsuit . Desta vez a atividade é evoradora ∞ , não atua cegamente, porque está esclarecida pela razão $'$, que não paraliza nenhum escrúpulo de consciência. Está além disso auxiliada por um organismo vigoroso sem excesso de sensibilidade. Ao contrário, a Alma Υ entrega-se aos sonhos mais ambiciosos.

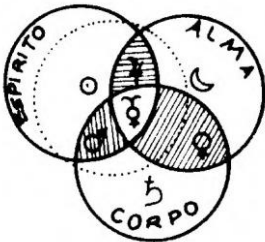


O EGOÍSTA



O círculo do Espírito $'$ rechaçando Vênus $/$ reforça o centro da personalidade \leq , da mesma forma que o domínio de Júpiter f e o de Marte ∞ . Mas, o Espírito $'$, a Alma Υ e o Corpo \clubsuit sofrem uma diminuição da influência que lhes corresponde. Assim, nosso personagem sente-se alguém. É inteligente para satisfazer sua ambição jupiteriana, mas, carece de sensibilidade / ainda que bem utilize seu organismo parcimoniosamente vitalizado. Por outro lado, sua lucidez de julgamento $'$ é defeituosa, e seus sonhos Υ estão perturbados por aspirações ambiciosas.

O ALTRUISTA



O despreendimento do Espírito $'$, assegura o predomínio de Vênus $/$, que ganha vantagem sobre Mercúrio \leq , enquanto Júpiter f e Marte ∞ cedem ante a Alma Υ e o Corpo. A ternura, a boa vontade e o afeto, / fazem esquecer o eu central \leq . A ambição sentimentaliza-se f e os impulsos atuantes ∞ moderam-se para vantagem do organismo \clubsuit . Os sonhos Υ são desinteressados e a luz de um idealismo elevado rodeia a personalidade, resplandescente por sua generosidade.

O INDIVÍDUO ESTRITAMENTE NORMAL

Não são mais que seis tipos, mas, agrupam-se ao redor do sétimo, que corresponde ao homem idealmente equilibrado, ao Homem-modelo, adâmico, que realiza a perfeita associação do Espírito $'$, da Alma Υ e do Corpo \clubsuit , ou do Enxofre \triangle lo Mercúrio \leq e do Sal \ominus

Os indivíduos humanos podem aproximar-se a este tipo, cuja generalização seria nociva, porque convém que sejamos diferenciados e que nos especializemos segundo a tarefa que nos é destinada. Não nos afastemos nunca da norma humana, porque um excesso de diferenciação tornar-nos-ia desumanos. Para permanecer na nota exata evitemos todo exagero deformante, corrijamos

nosso caráter tomando como modelo aqueles nossos próximos que se distingam por sua sabedoria, isto é, por seu feliz equilíbrio.

Não demos exagerada importância às determinações gráficas que acabamos de traçar. Podem dar lugar a outras interpretações, porque nada é absoluto neste campo. Entretanto, as construções deste gênero possuem a vantagem de ajudar o espírito a descobrir certas analogias e permitir às vezes ao médico chegar à raiz de certos desequilíbrios mórbidos. Nestes tempos de psicoanálise, estes sugestivos esquemas não são matéria desdenhável.

Mas o que logicamente pode ser deduzido de um grafismo convencional não poderia adquirir uma importância comparável à dos clássicos **tipos planetários**. Não abordaremos aqui o exame desse setenário que corresponde mais especialmente ao **Simbolismo Astrológico**, ao qual consagraremos uma obra especial, que dará sequência ao **Simbolismo Hermético**.

SÉRIE

**OBRAS DOS MESTRES DA TRADIÇÃO HERMÉTICA
IV**

**Serões de São Petersburgo
(excertos)**

TRADUZIDO E RESUMIDO DAS
“SOIRÉES DE SAINT PÉTERSBUURG”
Joseph de Maistre

Gr .ᄁ. STNSLS .ᄁ. GT .ᄁ.

Mte .ᄁ. de Grihs .ᄁ.

Setembro/1991

JOSEPH DE MAISTRE (1754/1821)

Resoluto sustentáculo da tradição política e religiosa, conservador e católico, pensador “reacionário”, o conde Joseph de Maistre foi também homem de uma tradição mais secreta e mais profunda. Seus cadernos de notas dão-nos informações sobre o caráter de suas leituras e permitem-nos confirmar seus estudos sobre místicos como Jacob Boehme, Madame Guyon, Eckartshausen, etc...

É fato notoriamente conhecido, que durante longos anos Joseph de Maistre foi Franco Maçon. Ele iniciou suas atividades na maçonaria comum, na Loja “Trois-Mortiers”. Em 1782, em notas ao Duque de Brunswick, ele atribui às Lojas uma seqüência de círculos de estudos, políticos, morais e religiosos. A partir desse momento travaria relações com a maçonaria Lyonesa de Willermoz, aonde chegaria a atingir seus mais altos graus.

Foi ordenado “Cavaleiro Professo da Ordem Benfeitora da Cidade Santa”, o que significa que teria atingido o ponto culminante de um dos centros ocultistas mais fervorosos da época.

As Lojas ae Willermoz possuíam até certo ponto alguma inclinação para o sonambulismo, o espiritualismo, as revelações do “agente secreto”, etc., mas, ao mesmo tempo conservavam os ensinamentos de Martinez de Pasqually, através dos quais caminhava-se rumo à Teurgia. Lá, frequentemente, Joseph de Maistre participava de evocações e parece ter-se reencontrado com Saint Martin, o teósofo pelo qual nutria a mais viva admiração, lendo e relendo-o, copiando de próprio punho as suas obras e impregnando-se de seu pensamento.

Mesmo na Rússia, mais tarde, o interesse do Conde Joseph de Maistre pelo iluminismo em quase nada arrefeceria. As preocupações que nutria com o catolicismo leva-lo-iam, entretanto, a manifestar uma prudente reserva. Para ele, o ocultismo e o cristianismo não se opõe, muito pelo contrário. O ocultismo é, aos seus olhos, um meio de alcançar antecipadamente a terceira revelação, de ultrapassar os ensinamentos oficiais na busca de um Cristianismo Integral mais profundo e mais rico. Além disso, como poderia duvidar da legitimidade desse movimento se muito frequentemente ele se apresenta como o único meio de comungar com as opiniões dos padres da Igreja e dos primeiros e grandes filósofos cristãos ? O universo parece-lhe uma realidade sagrada constantemente submetida ao governo divino, aonde a teocracia na sociedade e a piedade no coração do homem não são mais que evidentes conseqüências desta primeira constatação. De um plano a outro, passa-se pelo exercício das correspondências e analogias. “O mundo físico nada mais é do que uma imagem, ou, se quisermos, uma repetição do mundo espiritual. Podemos estudá-los um no outro, alternativamente.”

Todo o esforço do pensador tende a evidenciar estas correspondências e avançar em sua direção estudando a História ou a Política, refletindo sobre os princípios das civilizações e os eventos do Cristianismo Transcendente. Algumas páginas das **Soirées** falam por si próprias.

BIBLIOGRAFIA

Dermenghen (Emile): **Joseph de Maistre, mystique**, Paris, rééd. 1947;
Joseph de Maistre et la Tradition in Cahiers d'Hermès, I;

Maistre (Joseph de): **La Franc-Maçonnerie**, Paris, 1925;

Viatte (Auguste): **Les Sources occultes du Romantisme**, Paris, 1928, tome II, pp. 64-95.

Robert Amadou

SOIRÉES DE SAINT PÉTERSBOURG

(excertos)

Joseph de Maistre

DO ILUMINISMO

O SENADOR

Então meu caro amigo, decididamente tendes medo dos iluminados ! Não creio, entretanto, que me chamais de intransigente se humildemente vos solicitar que o termo seja melhor definido e que assim tenhais a suprema bondade de nos dizer o que vos parece ser um iluminado, pois, sabendo do que e de quem falamos, poderemos disto nos valer de forma mais objetiva em nossa discussão.

Damos o nome de iluminados a esses homens culpados que em nossos dias ousam conceber e até organizar na Alemanha, através da mais criminosa associação, o terrível projeto de destruir o Cristianismo na Europa, e igualmente a própria autoridade.

Entretanto, damos também esse mesmo nome aos discípulos virtuosos de Saint Martin que não somente professam o Cristianismo, mas que, igualmente, trabalham para poder elevar-se às mais sublimes alturas desta Lei Divina.

Havereis de concordar, senhores, que não devemos permitir que os homens venham a envolver-se nessa enorme confusão de idéias. Confesso-vos, com toda isenção de ânimos, que não consigo compreender esses fantoches do mundo, homens ou mulheres, pela credibilidade que demonstram em relação a tudo aquilo que diz respeito ao iluminismo e a qualquer pensamento que venha a penetrar suas inteligências, com uma superficialidade e ignorância que conduz ao extremo a mais desenvolvida paciência.

Mas vós, meu caro amigo Romano, vós, tão grande defensor do princípio da autoridade, dissei-me francamente: Sois capazes de ler as Santas Escrituras sem vos sentirdes obrigado a nelas reconhecer um grande número de passagens que oprimindo vossa inteligência vos convidam ao total abandono às tentativas de uma sábia exegese ? Certamente não foi para vós, como não foi para todos os outros, que foi dito: **Prescrutai as Escrituras**.

Dizei-me, eu vos peço, em sã consciência, compreendeis o primeiro capítulo do Gênese? Compreendeis o Apocalipse e o Cântico dos Cânticos ? O Eclesiastes não vos causa inquietação? Quando ledes no Gênese que no momento em que nossos primeiros pais se aperceberam de sua nudez, Deus lhes deu coberturas de pele, entendeis isto ao pé da letra ? Acreditais que o Todo Poderoso teve de arrastar os animais, esfolá-los e tirar as suas peles, e depois, usando linha e agulha passou a costurar essas novas túnicas ?

Acreditais que os homens revoltados de Babel, buscando adquirir o repouso espiritual, tenham-se dedicado a elevar uma torre na qual em seu topo o catavento tocaria a própria lua ? (e eu não citei tudo aquilo que poderia, como vedes !), e no momento em que as estrelas caírem sobre a terra, não vos sentireis impelidos às recolher ?

Mas, uma vez que esta questão é somente entre o céu e a terra, o que tendes a dizer da forma pela qual o termo céu é seguidamente empregado pelos escritores sagrados ? Quando ledes que Deus criou o céu e a terra e que o céu a Ele é destinado, mas que Ele doou a terra aos filhos dos homens; que o Salvador subiu ao céu e que desceu aos infernos etc., como entendeis estas expressões ? E quando ledes então que o Filho está sentado à direita do Pai e que Saint Etienne morrendo assim o viu, vosso espírito não experimenta uma certa inquietação e não sei que desejo de que outras palavras mais esclarecedoras tivessem sido proferidas pelo sagrado escritor ? Mil expressões desse gênero provar-vos-ão que, muito mais do que tudo isso realmente existe em Deus. Devemos permitir que o homem se expresse com desejar e em conformidade com as idéias reinantes nesta ou naquela época ocultando sob a forma de aparência simples e geralmente grosseira os altos mistérios que não são oferecidos a todos os olhos. Que mal existe em cruzarmos os abismos da graça e da bondade divina como se estivéssemos removendo a terra para extrair ouro e diamantes ?

Mais do que nunca, senhores, devemos tomar extremo cuidado com essas amplas investigações, pois é preciso estarmos prontos para um grande evento na Ordem Divina, pelo qual caminharemos com a vitalidade que deve caracterizar todos aqueles que observam a Lei. Hoje não mais existe religião sobre a terra e o gênero humano não pode continuar vivendo nesse estado. Em todas as partes os temíveis oráculos anunciam que os tempos chegaram...

...O espírito profético é natural no homem e não cessará de mover-se no mundo. O homem, durante todas as épocas e em todos os lugares, ensaiando penetrar o futuro, demonstra que não é feito para o tempo, pois o tempo possui algo de impetuoso que não conduz a não ser à dissolução. Em nossos sonhos, nunca temos noção do tempo, por isso é que o estado de sono sempre foi considerado favorável às comunicações divinas...

...Lembraí-vos agora, senhor, do elogio que me dirigistes sobre minha erudição em relação ao número três. Esse número, com efeito, mostra-se em todos os lugares, seja no mundo moral, seja nas coisas divinas.

Deus falou aos homens pela primeira vez no Monte Sinai, e esta revelação, por razões que ignoramos, foi restrita aos estreitos limites de um único povo e um só país. Depois de quinze séculos, uma segunda revelação foi oferecida a todos os homens, sem distinção, e é nela que nos baseamos, mas a universalidade de sua ação ainda estava infinitamente limitada às circunstâncias do tempo e do espaço. Quinze séculos mais deviam escoar-se antes que a América visse a luz; suas vastas regiões receberam uma turba de hordas selvagens totalmente estranhas ao grande benfeitor, e somos levados a crer que elas foram naturalmente excluídas em virtude de algum anátema primitivo e inexplicável. Sozinho, o grande Lama possui mais seguidores espirituais do que o Papa. Bengala possui sessenta milhões de habitantes, a China duzentos, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai agora estes arquipélagos imensos do Grande Oceano, que formam hoje uma quinta parte do mundo. Vossos missionários fizeram sem dúvida, esforços maravilhosos para anunciar o Evangelho aos habitantes daquelas longínquas regiões, mas, bem podeis ver com que sucesso. Quantas miríades de homens nunca receberão a Boa Nova. A cimatarra dos filhos de Ismael não destruiu quase que por completo o Cristianismo na África e na Ásia ? E na nossa Europa então, que triste espetáculo se

oferece à visão religiosa ! O Cristianismo está radicalmente destruído em todos os países submetidos à insensata reforma do século XVI, e em vossos próprios países católicos nada parece ter subsistido a não ser o seu nome.

Não pretendo colocar minha Igreja acima da vossa; não estamos aqui para disputar seja o que for. Eu sei muito bem o que nos falta; mas eu vos peço, meus bons amigos, que também examineis isto com sinceridade: quanto ódio não existe de um lado e de outro, que prodigiosa indiferença não há entre vós em relação à religião e a tudo o que ela diz respeito. Que desencadeamento de todos os poderes católicos não é dirigido contra o chefe de vossa religião ! A que extremo a violação generalizada de vossos princípios reduziu entre vós a ordem sacerdotal ! O espírito público que os inspira ou imita, voltou-se totalmente contra esta ordem. Isto é uma conspiração, uma espécie de violência, e, pessoalmente, não duvido que o Papa melhor prefira tratar de um assunto eclesiástico com a Inglaterra do que com este ou aquele gabinete católico que eu muito facilmente vos poderia citar. Qual será afinal o resultado desse trovão que neste momento começa a ribombar ?

Dez milhões de católicos passarão possivelmente pelo crivo tanto de vossa como de nossa heterodoxia. Se assim for, eu espero que estejais perfeitamente esclarecido para falar sobre aquilo que se chama tolerância, pois que vós bem sabeis que, de resto, o Catolicismo nunca foi tolerado no próprio sentido da palavra.

Quando vos permitimos assistir à Missa sem que fuzilemos vossos padres, mesmo que não seja exatamente de vossa conta, chamamos a isso de tolerância. Examinai-vos vós mesmos silenciando vossos preconceitos e sentireis que o poder vos escapa. Não mais tendes consciência da força que reside na pena de Homero, já que tomar-vos-ia sensíveis ao valor da coragem. Não tendes mais heróis. Não ousais mais nada e tudo ousa contra vós. Contemplai esta lúgubre mesa. Acrescentai a esperança dos homens escolhidos e vereis os iluminados, sem qualquer incentivo que possa levá-los a prever como relativamente próxima, uma terceira explosão da toda poderosa bondade em favor do gênero humano.

Eu não conseguiria concluir esta obra se tentasse juntar todas as provas possíveis de reunir, a fim de justificar esta grande expectativa. Digo-vos mais uma vez, não censureis as pessoas que com isto se preocupam e que vêm, na revelação, as razões de prever o desvendar da própria revelação.

Chamai, se quiserdes, estes homens de iluminados, eu somente estarei ao vosso lado contanto que pronuncieis o seu nome com seriedade.

O CONDE

Em primeiro lugar, eu nunca disse que todo **iluminado** é um franco-maçom: disse tão somente que todos os que conheci, especialmente na França, o eram. Seu dogma fundamental é que o Cristianismo, tal como hoje o conhecemos, nada mais é do que uma verdadeira **loja azul** feita para o profano, mas que depende do próprio **Homem de Desejo** elevar-se de grau em grau até os conhecimentos sublimes, aqueles que os primeiros Cristãos possuíam, eles que eram verdadeiros iniciados. Isto é o que alguns alemães chamam de **Cristianismo Transcendental**. Esta doutrina é uma mescla de platonismo, de origenianismo e de filosofia hermética, sobre uma base cristã.

Os conhecimentos sobrenaturais são o grande alvo de seus trabalhos e de suas esperanças, eles não duvidam de forma alguma da possibilidade que o homem possui de entrar em comunicação com o mundo espiritual, de relacionar-se com os espíritos e desta forma descobrir os mais intrincados mistérios.

Sua posição habitual é a de considerar extraordinárias as coisas mais simples, dando-lhes nomes consagrados: assim, um **homem** para eles é um **menor**, e seu nascimento é a **emancipação**. O pecado original é chamado o **crime primordial**; os atos da Potência Divina ou de seus agentes universais são chamados **bençãos**, e as penas aplicadas aos culpados, **padecimentos**. Eu mesmo frequentemente também os considero **padecimentos**, especialmente quando eles são sustentados por coisas verdadeiras por eles ditas que nada mais representam do que a Doutrina encoberta por palavras extravagantes.

Há mais de trinta anos tive ocasião de verificar, numa grande cidade francesa, que certa categoria de iluminados contava com iniciados admitidos às suas assembléias ordinárias, os quais possuíam graus Superiores Incógnitos, tendo também um ritual próprio e até sacerdotes que por eles eram chamados pelo nome hebraico de **Cohen**.

Não é que não possa existir ou que, efetivamente, não existam em suas obras coisas verdadeiras, razoáveis e tocantes, o fato é que as coisas verdadeiras encontram-se embaralhadas com outras que são falsas e perigosas, principalmente pela aversão que eles possuem por toda autoridade e hierarquia sacerdotal. Esta característica é generalizada entre eles; jamais encontrei uma exceção perfeita entre os numerosos adeptos que conheci.

O mais instruído, o mais sábio e o mais elegante dos teósofos modernos, Saint Martin, cujas obras formaram o código dos homens dos quais falo, participa também desta característica geral. Ele morreu sem ter querido receber um sacerdote, e suas obras apresentam a mais clara prova de que ele não acreditava na legitimidade do sacerdócio cristão.

Embora jamais ele tenha duvidado da sinceridade de La Harpe (e que homem honesto dele poderia duvidar !) ele acrescenta **que não lhe parece que este célebre literário tenha sido dirigido pelos verdadeiros princípios**.

É necessário, por outro lado, ler principalmente o prefácio no frontispício de sua tradução do livro dos **Três Princípios**, escrito em alemão por **Jacob Boehme**. É lá que após ter justificado até certo ponto as injúrias dirigidas por esse intolerante religiosos contra os padres católicos, ele acusa a corporação de nosso sacerdócio de ter frustrado sua finalidade, o que, em outras palavras equivale a dizer que Deus não soube estabelecer em sua religião um sacerdócio tal com devia ser, para satisfazer Suas vistas divinas.

Certamente isto causou um grande malefício, pois após este ensaio ter falhado, pouca esperança depois dele restou. Continuarei, entretanto, na minha própria marcha senhores, acreditando que o Todo Poderoso tenha sido bem sucedido. Enquanto os **piadosos discípulos** de Saint Martin, dirigidos segundo as doutrinas de seu mestre pelos **verdadeiros princípios**, ousam a travessia das ondas a nado, eu dormirei em paz neste barco que navega placidamente através dos recifes e das tempestades após mil oitocentos e nove anos.

Espero, meu caro senador, que não me acuseis de falar dos iluminados sem conhecê-los. Eu os conheci muito, copiei seus escritos com meu próprio punho. Estes homens, entre os quais tenho

muitos amigos, frequentemente me instruíram, muitas vezes me deleitaram e outras vezes também... mas eu não vou me referir a certas coisas. Procurarei, muito pelo contrário, somente ver as coisas que me parecem favoráveis. Já vos disse mais de uma vez que esta seita poderá vir a ser útil aos países que se afastaram da Igreja, pois que ela preserva o sentimento religioso, habitua o espírito ao dogma, o subtrai à ação deletéria da reforma que não tem limites, e o prepara para realizar uma nova união. Eu me recorro com a mais profunda satisfação, que entre os iluminados protestantes que conheci, aliás em grande número, nunca encontrei qualquer aspereza que fosse demonstrada por qualquer manifestação em particular. Ela não se assemelha a sentimentos deste tipo, ao contrário, entre eles somente encontrei bondade, doçura e piedade, embora a seu próprio modo.

Eu espero que não seja em vão que eles se preenchem do espírito de São Francisco de Sales, de Fénelon, de Santa Tereza. A própria madame Guyon que eles reconhecem pelo sentimento do coração, não lhes será inútil. Contudo, malgrado essas vantagens, ou melhor dizendo, malgrado essas compensações, o iluminismo não é menos perecível sob o domínio de nossa igreja e da vossa também, uma vez que ele aniquila fundamentalmente a autoridade que é, sem dúvida, a base de nosso sistema.

Eu vos confesso, senhores, não compreendo um sistema que não consegue crer em nada a não ser em milagres, e que exige que os sacerdotes os façam, sob pena de declará-los incompetentes. Blair pronunciou um discurso sobre as palavras muito conhecidas de São Paulo: “Nunca vemos as coisas a não ser como num espelho e através de imagens escuras”. Ele prova de forma muito clara que se tivéssemos conhecimento daquilo que ocorre no outro mundo, a ordem das coisas deste seria profundamente perturbada e brevemente acabaria sendo destruída. O homem, instruído daquilo que o aguarda, não mais teria o desejo ou a força para agir. Meditai tão somente sobre a brevidade de nossa vida. Menos de trinta anos são concedidos para viver conscientemente em sociedade. Quem pode acreditar que um tal ser esteja destinado a dialogar com os anjos? Se os sacerdotes foram destinados às comunicações, às revelações, às manifestações etc., então o extraordinário será exatamente nosso estado ordinário. Isto é um grande prodígio, mas aqueles que não se preocupam com os milagres são justamente mestres em neles operar todos os dias. Os verdadeiros milagres são as boas ações que praticamos a despeito de nossa personalidade e de nossas paixões. O juvenzinho que consegue comandar os seus olhares e os seus desejos em presença da formosura feminina é um taumaturgo maior que Moisés, e qual é o sacerdote que não recomenda esta sorte de prodígios?

A simplicidade do Evangelho esconde frequentemente sua profundidade. Nele lemos: “**Se eles vissem os milagres, eles não acreditariam.**” Nada é mais profundamente verdadeiro. A clareza de inteligência nada tem em comum com a retidão da vontade. Vós bem sabeis, meu velho amigo, que se certos homens conseguissem encontrar o que procuram, poderiam muito bem tornar-se desprezíveis em vez de se aperfeiçoar. O que nos falta então hoje, se somos mestres em agir bem? E o que falta aos sacerdotes, se eles receberam o poder de invocar a lei e perdoar as transgressões?

COMENTÁRIOS FINAIS*

À época em que se presume ter sido escrita a obra *Soirées de Saint Pétersburg* de Joseph de Maistre, por volta do início do Século XIX e aproximadamente 30 anos após a realização do Convento Maçônico de Wilhemsbad, o mundo cristão encontrava-se envolvido em profundas

polêmicas e crescentes tensões com a evolução da corrente do iluminismo Cristão e a expansão do protestantismo.

A religião católica lutava em sua heterodoxia e tradicionalismo contra as dissidências dos reformistas que procuravam novos caminhos rumo à evolução, escavada entre os escombros de um cristianismo desmoronado e afastado de seus verdadeiros princípios.

De um lado, os iluminados herméticos, ocultistas cultuadores de uma Doutrina Sagrada e Tradicional, verdadeiros arqueólogos da Ciência Divina e arquitetos do Santuário da Luz e da Verdade, discípulos de Saint Martin, o teósofo de Amboise. Do outro lado, os iluminados alemães fundamentados nos ensinamentos do maior sustentáculo do misticismo do século XVII, Jacob Boehme. Estes últimos, utilizando a força de suas convicções desmedidas, tentavam em vão a cada passo manter-se próximos aos ensinamentos de seu grande mestre póstumo, desviando-se entretanto da pureza de ideais que originariamente por ele haviam sido estabelecidos.

Joseph de Maistre acreditava num caminho natural e ameno, realizado através da hierarquia sacerdotal existente no seio da própria Igreja, intocável em seus princípios dogmáticos.

Segundo palavras do mestre Papus: “Durante quarenta anos, pelo menos, Joseph de Maistre esteve entre os Mart.’ e outros místicos; penetrou seu espírito, suas teorias e seus projetos. Seu julgamento é, pois, de grande peso. Sem dúvida, ele os censura por odiarem a autoridade, por filiarem-se às opiniões origenistas.¹. mas teria protestado se esses místicos cristãos, que conhecia a fundo, tivessem sido algumas vezes satanistas ou luciferianos. É muito deplorável que na França tenham existido laicos e mesmo padres tão ignorantes do Caráter do Mart.’. para confundí-lo com a monstruosidade absurda das seitas modernas.”

Fervoroso católico, contemporâneo dos hermetistas Saint Martin, Willermoz, Pasqually e muitos outros, De Maistre via nos ocultistas homens de boa índole em busca de um Cristianismo Transcendental, igual àquele dos primeiros cristãos da humanidade. A sua simpatia para com eles ir-se-ia paulatinamente aprofundando, passando a relacionar-se com os discípulos de Saint Martin nas Lojas de Willermoz tendo a oportunidade de conhecer a Senda da dor e do padecimento inerente à conquista pessoal das Virtudes Divinas.

Certamente frustrações e desilusões deveriam marcar a sua vida antes de que pudesse reformular pelo menos parcialmente, a confiança que depositava nos homens da Igreja, para poder compreender que a pureza dos ensinamentos místicos de Jacob Boehme e a lúcida realização das obras de Saint Martin possuíam um vínculo único e universal, símbolo de perpetuação da Tradição Ocidental Cristã no mundo da forma.

* NT

1 Partidários da doutrina de Orígenes, nascido na Alexandria no Século II. Apologista que interpretava a Bíblia pelo método alegórico. Sua doutrina foi condenada pela Igreja.



Escola do Grande Oriente Místico